

# AS IGREJAS E O SEU DEUS

BERT HELLINGER

ATMAN



Escrever um texto curto para este livro seria como fechar uma porta que está à nossa frente, embora talvez quiséssemos atravessá-la. Atravessar uma porta, deixando-a aberta, talvez, inicie uma evolução espiritual.

Editora Atman



Tsuyuko Spelter



Bert Hellinger, nascido em 1925, formou-se em Filosofia, Teologia e Pedagogia.

Trabalhou durante 16 anos como membro de uma ordem missionária católica entre os Zulus na África do Sul.

Sua formação e sua atividade terapêutica envolveram diversas abordagens: Psicanálise, Dinâmica de Grupos, Terapia Primal, Análise Transacional, Hipnoterapia, PNL e a Terapia Familiar, a partir da qual desenvolveu o seu método revolucionário das Constelações Sistêmicas, aplicadas também a problemas empresariais e a conflitos étnicos.

Atualmente Hellinger trabalha na linha mais espiritualizada dos “Movimentos da alma”, entregando-se a forças superiores, profundamente reconciliadoras, que se manifestam através dos movimentos dos representantes.

Atua como conferencista e diretor de cursos em todas as partes do mundo e é autor de livros de sucesso, traduzidos em vários idiomas.

[www.hellinger.com](http://www.hellinger.com)

[www.hellingerschule.com](http://www.hellingerschule.com)

**Hellinger**

# **AS IGREJAS E O SEU DEUS**

**Tradução**

Newton Queiroz

conforme revisão ortográfica de 2009

Belo Horizonte - MG

2015

ATMAN



Título do original alemão

**Die Kirchen und ihr Gott**

Hellinger Publications 2012 - Copyright© by Bert Hellmger Printed in Germany

1a. edição - 2012

Todos os direitos para a língua portuguesa reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados) sem permissão escrita do detentor do "copyright", exceto no caso de textos curtos para fins de citações ou crítica literária.

1ª. Edição - fevereiro de 2015

ISBN 978-85-98540-76-4

Direitos de tradução para a língua portuguesa adquiridos com exclusividade pela EDITORA ATMAN Ltda.

Rua Progresso 141 A - CEP 30720-404 - Belo Horizonte - MG Telefone: (31)2516-2527 -

<http://www.atmaneditora.com.br> comercial@atmaneditora.com.br que se reserva a propriedade literária desta tradução.

**Coordenação editorial:** Tsuyuko Jinno-Spelter **Revisão:** Tsuyuko Jinno-Spelter **Revisão ortográfica:** Gisele Freitas de Aguiar **Designer de capa:** Alessandra Duarte **Diagramação:** Virtual Diagramação

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme o decreto no 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H 477c Hellinger, Bert.

As igrejas e o seu Deus / Bert Hellinger; tradução de Newton Queiroz. - Belo Horizonte Atman: 2015.

152 p.

ISBN: 978-85-98540-76-4

1. Religião. 2. Igreja Católica - doutrina. 3. Teologia.

I. Queiroz, Newton (Trad.). II. Título.

CDD: 282

Pedidos:

[www.atmaneditora.com.br](http://www.atmaneditora.com.br)

[comercial@atmaneditora.com.br](mailto:comercial@atmaneditora.com.br)

Este livro foi impresso com:

Capa: supremo LD 250 g/m<sup>2</sup>

Miolo: offset LD 75 g/m<sup>2</sup>

## Introdução

Há muito tempo tenho me ocupado com a Igreja. Por muitos anos participei de sua vida como sacerdote. Atuei intensamente, na linha de frente, como missionário entre os zulus na África do Sul, tentando difundir a mensagem da Igreja e conquistar para ela novos fiéis.

Em termos pessoais, recebi da Igreja coisas essenciais. Por muitos anos ela foi minha pátria. De um modo decisivo, ela foi a família em que me desenvolvi de muitas maneiras. Por essa razão, sentia-me, de um modo profundo, próximo e ligado a ela, como um filho à sua mãe.

Como estudante de Teologia, adquiri uma estreita familiaridade com a doutrina da Igreja e com sua história. Como membro de uma ordem religiosa, conheci também sua piedade e sua devoção.

Em tempos recentes, pude discernir com mais precisão muitas coisas, sobretudo porque me ocupei intensamente com Jesus. No estudo da Bíblia deparei-me com muitas contradições. De mais a mais, pude identificar as fontes ocultas, anteriores ao Novo Testamento, que tinham colocado a Igreja e Jesus sob uma luz que exigia esclarecimento, e questionei muitos aspectos da imagem de Jesus e da imagem da Igreja, tais como foram transmitidas. O mesmo se aplica a muitos de seus ritos.

De um modo especial, em meu trabalho, em que tive de defrontar-me intensamente com o sofrimento de muitas pessoas e com seus pressupostos, pude ver de que fontes ocultas eles se nutriam. Pude identificar também os caminhos que tiraram muitas pessoas de seus enredamentos, levando-as a conhecer a origem de seu sofrimento e a alcançar um outro tipo de liberdade. Esses caminhos exigiram de mim o abandono da Igreja, com suas promessas e suas ameaças.

Neste livro introduzo vocês a essas luzes e a essa consciência que nos abre os olhos e nos conduz no caminho de uma ampla liberdade. Nessa ocasião, sinto-me especialmente próximo à primeira vítima dessas doutrinas e imagens e caminho por largos trechos a seu lado. Essa primeira vítima da Igreja foi seu pretense fundador - Jesus.

Alguém na história da Igreja foi movido por intenções perversas? Posso censurar alguém? Posso censurar a mim mesmo?

Nesse particular existiram e ainda existem movimentos criadores. Por isso, no que questiono neste livro, procuro estar em sintonia com um amor que nos abraça a todos. Coloco-me a disposição desse amor. Há muita coisa em jogo.

Este livro não representa uma tentativa de iniciar um movimento de reforma dentro da Igreja. Nada essencial pode ser reformado nela, pois a menor tentativa de desejar ou de realizar isso coloca a Igreja, como um todo, em perigo, e conseqüentemente também a mim. Aqui se trata de tudo ou nada.

Nesse sentido, também não me disponho a discussões e debates sobre o que se afirma aqui. Depois que tiver dito o que é importante para mim, eu me retirarei. Como? Com amor, inclusive pelas igrejas.



*Hellingger*

# SUMÁRIO

Introdução.....	3
<b>Jesus .....</b>	<b>8</b>
<b>Sexta-Feira Santa.....</b>	<b>8</b>
<b>A FÉ NA RESSURREIÇÃO CORPORAL .....</b>	<b>11</b>
<b>As religiões para além dos mitos .....</b>	<b>23</b>
<b>Roma.....</b>	<b>26</b>
<b>Precipitam-se para o seu fim .....</b>	<b>26</b>
<b>Os sacrifícios de crianças .....</b>	<b>29</b>
<b>Alegria, bela centelha dos deuses.....</b>	<b>34</b>
<b>O suficiente.....</b>	<b>40</b>
<b>A respiração .....</b>	<b>43</b>
<b>Pacificamente .....</b>	<b>47</b>
<b>A fórmula.....</b>	<b>50</b>
<b>As faces do amor.....</b>	<b>60</b>
<b>A HUMILDADE .....</b>	<b>67</b>
A compensação através do tomar a vida e da ação reconciliadora .....	113
A expiação é um substituto para o relacionamento .....	114
Na terra a culpa passa.....	115
A doença como expiação em lugar de outros .....	115
A doença como consequência da recusa de tomar os pais.....	116
Honrar os pais é honrar a terra .....	116
<b>As faces do amor .....</b>	<b>116</b>
<b>Pensamentos de paz.....</b>	<b>120</b>
Paz para os mortos .....	120
Bênção e maldição .....	121
Amor também pelos perpetradores.....	123
O fim da vingança .....	125
O espírito e o espiritual .....	126
O último lugar .....	126
<b>O ECUMENISMO.....</b>	<b>129</b>
<b>Reconciliados.....</b>	<b>131</b>
A humildade.....	132
A saudade.....	133
Passando.....	133
<b>Outras vozes .....</b>	<b>135</b>
Dalai Lama.....	135
William Commanda .....	135
Ibn Arabi .....	136

<b>Dedicatória .....</b>	<b>137</b>
<b>Biografia .....</b>	<b>138</b>

# JESUS

## Jesus

Distante, já quase irreconhecível por causa dos muitos que se apossaram de ti, eu te saúdo, ao mesmo tempo te recordando e esquecendo.

Filho do homem, um dentre nós, que fracassando experimentaste a morte e, diante dessa Última, nos ensinaste a ser modestos, impotentes, e justamente assim, totalmente entregues. Suprimiste a diferença entre bons e maus diante de Deus. Não obstante, aqueles que não toleraram tua grandeza exilaram-te para o céu distante e fizeram de ti um juiz, para que te vingues dos que convidaste à tua mesa. Quanto mal te fizeram com isso!

Em vez de podermos amar aqui, sem excluir nem mesmo a Última, temos que temer-te, como se não tivesses amado também os últimos, como todos os demais, diante de Deus.

Por isso quero esquecer como foste desfigurado e brandido por outros como uma espada, e lembrar como proclamaste todos os homens como igualmente dignos de amor diante de Deus.

Assim te tomo em minha alma e te peço que nela me ensines.

## Sexta-Feira Santa

Na Sexta-Feira Santa comemoramos a crucificação de Jesus, sua morte terrível, suspenso entre o céu e a terra. Ele morreu no meio de dois criminosos que partilharam esse destino com ele.

O Deus Jesus estava mais próximo de algum deles? Estava simultaneamente próximo e distante deles? Ocorreu ali um espetáculo sangrento entre o céu e a terra? Ou ele aconteceu apenas no nível da terra, e somente entre pessoas que invocavam, de maneira semelhante, o mesmo Deus, aquele Deus que deveria atestar-lhes, por meio dessa execução, que estava do seu lado? Ou dos que estavam do outro lado, todos eles em nome de Deus?

Essas execuções prosseguiram, depois da morte desses crucificados, até o dia de hoje, em nome do mesmo Deus. Prosseguiram também na véspera desta Sexta-Feira Santa, quando o papa voltou a impor com palavras duras aos padres católicos a obrigação do celibato, continuando assim a crucificá-los? Não se continua a exigir dos cristãos que carreguem sua cruz, junto com Jesus?

Contudo, a Sexta-Feira Santa aparece hoje aos adeptos de Jesus apenas como uma preliminar para sua ressurreição no terceiro dia.

Jesus ressuscitou de fato? Os relatos nos evangelhos parecem contraditórios, como se tivessem sido acrescentados posteriormente, para retirar o aguilhão da cruz e da Sexta-Feira Santa. Aqueles

que continuam a seguir Jesus em sua via-sacra são também estimulados a carregar a cruz, na esperança de que também eles ressuscitarão dos mortos com Jesus.

Em torno de que Deus tudo isso gira? O que acontece com o Jesus ressuscitado, agora chamado de Cristo, em seu retorno esperado pelos cristãos? Podem os cristãos alegrar-se com esse retorno, ou precisam temê-lo? Aparecerá então o Cristo, segundo as palavras da Bíblia, como o juiz dos vivos e dos mortos?

O que acontecerá aos que ele rejeitar? Uma condenação eterna os aguarda? Quem pode estar seguro de que estará entre os escolhidos que entrarão em seu reino eterno? A Sexta-feira Santa lhes dá esperança, desde que, até o fim de sua vida, sigam Jesus no caminho da cruz.

Fui longe demais? Ou ganharemos esperança quando levarmos a sério a Sexta-Feira Santa e nela lamentarmos com Jesus sua morte, sua morte sem ressurreição? Só então olharemos realmente para a face do Deus Jesus? Para a sua face ensanguentada? Olharemos também nos olhos daqueles que, em nome de Jesus, exigem de nós que carreguemos a cruz com ele? Que olhar mais desumano! Que olhar mais sem Deus!

Portanto, como olhamos para Jesus crucificado na Sexta-Feira Santa? Olhamos horrorizados para ele. Esse Jesus é mesmo o Filho de Deus? Abandonado assim por seu Deus? Executado assim por ele em seu nome?

Olho para ele como um de nós, como alguém abandonado por Deus, por esse Deus à nossa imagem.

Como poderei viver depois de ter olhado assim para ele? Poderei viver de outro modo? Poderei viver com inocência, sabendo que minha vida está em outras mãos, nas mãos da vida, tal como ela foi presenteada a mim e a todos os seres vivos, por um poder criador? Por um poder a que chego sem uma via-sacra, em união de amor com tudo que vive?

Ressuscitado dos mortos

Na confissão apostólica de fé, os cristãos professam a respeito de Jesus de Nazaré:

*Ressuscitou dos mortos, subiu aos céus,*

*está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde virá para julgar os vivos e os mortos.*

Que imagem está por trás dessa representação, principalmente porque os cristãos esperam que também eles ressuscitarão dos mortos quando Jesus retornar no Último Dia? Eles esperam que subirão corporalmente com Jesus ao céu e se sentarão com ele à direita de Deus.

Ao mesmo tempo, lê-se na Bíblia, a respeito do Jesus ressuscitado, que, em seu retorno, ele dirá aos que tiver rejeitado: “Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que foi preparado para o demônio e seus anjos.” Também aqui existe a imagem de que os rejeitados serão lançados fisicamente nesse fogo, pois também eles terão ressuscitado com seus corpos.

É improvável que Jesus tenha realmente dito esta frase. Manifestamente ela foi colocada em sua boca por outras pessoas, pois contradiz tudo o que Jesus falou de seu pai no céu, no Sermão da Montanha. Ele o chamou de misericordioso, pois ele faz o seu sol levantar-se sobre bons e maus e faz chover sobre justos e injustos. O próprio Jesus se comportava da mesma forma, amplamente compassiva. Por isso era condenado, por alguns que se reputavam justos, como amigo dos pecadores. Quando outros justos esperavam de Jesus que, em consonância com a lei de Moisés, ele declarasse uma adúltera como culpada e ré de morte por apedrejamento, ele respondeu: “Aquele de vós que estiver sem pecado atire a primeira pedra.”

Diria ele, no Juízo Final, as mesmas palavras aos que esperam que ele lance no inferno eterno os chamados pecadores? Enquanto era crucificado, ele mesmo pediu por aqueles que o tinham pregado na cruz: “Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem.” Essa oração é compatível com aquela passagem da Bíblia sobre o Juízo Final? Ela nos obriga a ser compassivos como ele, a perdoar de coração a nós e aos outros, seja o que for que eles e nós tenhamos feito a nós ou a outras pessoas.

### **QUE RESSURREIÇÃO?**

Abordarei aqui, de uma outra maneira, o que nos parece contraditório na ideia da ressurreição de Jesus dos mortos e o que nos parece ainda mais contraditório na ideia da ressurreição dos vivos e dos mortos por ocasião do retomo de Jesus e do julgamento que fará dos que tiverem ressuscitado com ele.

Se Jesus ressuscitou corporalmente dos mortos e subiu corporalmente ao céu, que Deus o esperava? Também ele tem corpo? Se não o tem, como pode Jesus sentar-se à sua direita, daí retornar e fazer com que todos os homens ressuscitem dos mortos, de modo a chamar uns corporalmente para o céu e lançar os outros corporalmente ao inferno?

Que imagem de Deus e do céu vigora aqui! Deus não está sendo descrito como um rei terrestre, que tem uma corte e reina em seu trono?

E onde estão os mortos agora? Os bons já estão no céu? E como estão ali? Com que Deus eles estão? Com um Deus sem corpo, permanece fisicamente fora de seu alcance?

Aqueles que já morreram estão agora no céu em virtude de um julgamento? Se estão, qual a finalidade do Último Dia e do Juízo Final?

O mesmo vale para os chamados maus. Já estão no inferno? E como? Se já estão condenados ao inferno, a que inferno e por quem?

Como vemos, as perguntas e as contradições não têm fim.

### **AS VIDAS ANTERIORES E POSTERIORES**

Vou falar da ressurreição corporal dos mortos de uma outra perspectiva, apontando as contradições que a tornam improvável. Nisso permaneço perto do que é acessível à nossa experiência.

Existem, difundidas por todo o mundo, experiências de vidas anteriores e posteriores, como também uma pesquisa sobre a reencarnação, com ampla documentação de casos, atestando que nascemos muitas vezes e morremos muitas vezes, a cada vez com um corpo diferente. Contudo, nosso corpo seguinte assume, por intermédio da alma, partes da herança dos corpos anteriores, que ressuscitam e continuam a viver nele, de um modo claramente limitado.

Onde permaneceremos nesse intervalo sem um corpo? De que maneira continuaremos a existir nele?

Manifestamente, continuamos a viver com a consciência de nosso eu, sem um corpo, porém com sentimentos e com um saber que ultrapassam nosso saber anterior.

Percebemos a presença de mortos incorpóreos quando eles nos visitam. Por exemplo, em lugares onde houve um acidente com vítimas fatais, acontece, muitas vezes, um acidente parecido, em que outras pessoas perdem suas vidas de modo semelhante. Manifestamente elas são atraídas para a morte pelos que morreram antes. Eles permanecem nesses lugares, que na Inglaterra são denominados *black spots* (lugares escuros).

Por outro lado, somos visitados por mortos de uma forma benigna e salutar. Apesar de não terem corpos, eles são animados e presentes. Assim, às vezes uma mãe visita um filho para curá-lo. Alguns

curandeiros são claramente visitados e tomados por uma força que opera curas através deles. Nessas ocasiões parecem estar tomados pela alma de um morto, cujo nome eles chegam a saber. Esses curandeiros falam e agem como o morto. Terminada sua ação de cura, retomam sua própria identidade, ignorando o que se passou nesse intervalo por seu intermédio.

Manifestamente, muitos mortos permanecem num espaço intermediário, não sabemos por quanto tempo e para quê. Todos eles estão sem o seu corpo, que descansa no túmulo, e do qual tudo que era corporal já voltou há muito tempo para a terra.

Talvez esses mortos estejam esperando uma outra vida num outro corpo, para nele vivenciar o que os aguarda.

## **A FÉ NA RESSURREIÇÃO CORPORAL**

À luz dessas experiências e observações, as ideias sobre a ressurreição física de nosso corpo atual, a ressurreição física de Jesus e seu retorno físico no Último Dia, juntamente com a ressurreição de todos os mortos, apresentam-se cheias de contradições.

Entretanto, a fé cristã, com suas expectativas e as exigências que faz a seus fiéis para escaparem desse julgamento, baseia-se nessa fé, apesar das contradições que a envolvem.

Para onde nos sentiremos levados nesta vida, quando nos livrarmos da fé na ressurreição dos corpos e num juízo final?

Nós nos sentiremos levados de uma forma extraordinária, com um princípio, antes do qual já havia muita coisa, com um fim, que neste mundo ainda continuará outras vezes, e com um intervalo e vários intervalos, que talvez sejam longos para muitas pessoas.

Nesse intervalo talvez nos comportemos bem, com simpatia pelos vivos e dispostos a ajudá-los.

Talvez os ajudemos com sabedoria e tomemos suas vidas ricas e grandes, como anjos protetores ao seu lado.

Ou talvez, estando mortos, nos comportemos de modo inverso, invejando a vida dos vivos.

Talvez tenhamos de possuir os vivos de uma forma que os capacite ou mesmo os force a desenvolver algo que acabará custando muitas vidas, e depois precise de muitos anos para reconstruir e consertar o que foi destruído.

Naturalmente, o mesmo ocorre conosco enquanto, vivos. Somos visitados não só por nossas vidas anteriores mas também pelas vidas anteriores de outras pessoas, e somos tomados, de um modo salutar ou destrutivo. Sujeitamo-nos a um movimento que nos parece predeterminado e apesar disso deixa um espaço livre onde podemos levar adiante e completar pessoalmente alguma coisa.

Embora ainda haja muita coisa a dizer, contarei uma história de paz. Ela é assim:

## **A CONVERSÃO**

Alguém nasce em sua família, em sua pátria, em sua cultura. Desde criança ouve falar do seu modelo, seu professor e mestre, e sente o desejo profundo de tornar-se como ele, de ser como ele.

Associa-se a companheiros de ideal, impõe-se um treinamento de longos anos e segue o grande modelo até que se torna igual a ele - até que pensa, fala, sente e quer como seu modelo.

Entretanto, julga que ainda lhe falta uma coisa. Assim começa uma longa jornada no intuito de transpor talvez um extremo limite no ermo mais distante.

Passa ao largo de antigos jardins, há muito abandonados. Ali apenas rosas silvestres continuam florescendo e altas árvores produzem anualmente seu fruto, que sem cuidados cai ao chão, porque não há quem o queira. Depois disso começa o deserto.

O viajante é logo cercado por um ermo desconhecido. Tem a impressão de que todas as direções se confundem. As imagens que esporadicamente ele vê diante de si são logo reconhecidas como miragens. Caminha ao sabor dos próprios impulsos. Já tinha perdido, há muito tempo, a confiança nos próprios sentidos, quando avista diante de si a fonte. Ela brota do solo e rapidamente seca. Porém, até onde a água alcança, o deserto se converte num paraíso.

Olhando em volta, o viajante vê dois estranhos que se aproximam. Tinham seguido o mesmo caminho. Tinham seguido seus próprios modelos até que se tornaram iguais a eles. Puseram-se igualmente a caminho para uma longa jornada, buscando transpor talvez uma última fronteira na solidão do deserto. E, da mesma forma como ele, encontraram a fonte. Juntos, os três se curvam, bebem da mesma água e acreditam que estão perto de atingir a meta. Então dizem seus nomes: - “Eu me chamo Gautama, o Buda.” — “Eu me chamo Jesus, o Cristo.” — “Eu me chamo Maomé, o Profeta.”

Entrementes chega a noite, e acima deles brilham as estrelas, como sempre brilharam, extremamente distantes e silenciosas. Os três se calam. Um deles sabe que está próximo do grande modelo como nunca estivera antes. Tem a sensação de que pode, por um momento, pressentir o que o seu modelo sentira ao conhecer a impotência, a inutilidade, a culpa. E o escuta dizendo: “Se me deixassem entre os mortos, eu teria paz.”

Na manhã seguinte, ele regressa abandonando o deserto. Mais uma vez, seu caminho o leva ao largo de jardins esquecidos, até que chega a um jardim que lhe pertence. Na entrada dele se posta um ancião, como se estivesse esperando por ele. O ancião lhe diz: “Quem volta de tão longe, como você, ama a terra úmida. Sabe que tudo, quando cresce, também morre, e quando cessa, alimenta”. “Sim”, responde o outro, “eu concordo com a lei da terra”. E começa a cultivá-la.

## **A IGREJA**

### **Os inícios da Igreja**

A Igreja reconhece Jesus de Nazaré como seu fundador. Ela agrega, em torno de si, aqueles que consideram Jesus como seu Redentor. Apelando para a ressurreição de Jesus, por meio da qual ele se comprovou como o unigênito de Deus (o Cristo, na versão grega), seus fiéis se denominam cristãos.

No entanto, essa igreja só se constituiu depois da morte de Jesus. Nela se congregaram os seus discípulos, que tinham-se dispersado depois de sua morte na cruz. Pela fé na ressurreição e no retorno de Jesus, uniram-se numa comunidade temporária, aguardando seu retorno, que esperavam para breve.

### **QUEM PODE PERTENCER À IGREJA?**

Inicialmente, a Igreja era reservada aos judeus. Os fiéis viam em Jesus o Messias esperado pelos judeus. Por isso, acreditavam que só poderiam pertencer à sua comunidade judeus ou pessoas que se convertessem ao Judaísmo.

A abertura dessa Igreja, originalmente judaica, aos gentios só foi decidida no primeiro concílio apostólico em Jerusalém entre os anos 49 e 50, sob a influência preponderante de Paulo, que se considerava o apóstolo dos gentios. Ele e outros apóstolos, inclusive Pedro, convenceram a assembleia de que a Igreja precisava abrir-se aos gentios e que, Jesus também era o Messias deles. Desde então, a igreja, originalmente judaica, tornou-se uma instituição universal, abrangendo todos os homens.

Os novos cristãos eram admitidos a essa Igreja ampliada através do batismo. A partir daí, criou-se e estabeleceu-se nova separação, a saber, entre os fiéis e os não batizados. Da mesma forma como

anteriormente os gentios eram excluídos da igreja judaica e só pelo batismo se incorporavam a ela, agora os não batizados foram excluídos dela. Essa separação foi mantida e é imposta até hoje.

Como se justificaram, e ainda hoje se justificam, essa separação e essa exclusão? Por meio de uma doutrina que carece de justificação racional e de fundamentação bíblica: a doutrina do pecado original. Essa doutrina afirma que os pais não transmitem à criança apenas a vida. Tanto ela quanto eles, como os ancestrais Adão e Eva, permanecem expulsos do paraíso, a não ser que o batismo lhes reabra o acesso ao paraíso e a árvore da vida.

Percebemos a maneira radical como foi aplicada essa doutrina pelo fato de que as crianças não batizadas que morressem após seu nascimento deviam ser sepultadas fora do cemitério reservado aos cristãos.

Isso se contrapõe a um relato na Bíblia que mostra quão pouco essa prática correspondia ao pensamento e à vontade de Jesus. Está no evangelho de Lucas 18,15-16:

“Trouxeram-lhe também criancinhas, para que ele as tocasse. Quando os discípulos viram isso, quiseram repreender essas pessoas, mas Jesus chamou-as a si e disse: ‘Deixem que as crianças venham a mim, e não as impeçam! Pois a elas pertence o reino de Deus. Com verdade eu lhes digo, quem não recebe o reino de Deus como uma criança, certamente não entrará nele.’”

Note-se aqui que em nenhuma passagem da Bíblia Jesus se referiu a um pecado original e em nenhuma passagem mencionou a necessidade de um batismo, pelo qual esse pecado seria apagado e a separação de Deus seria abolida. Pelo contrário, existe uma frase de Jesus sobre Deus que desmente todas essas ideias. Ela está no Sermão da Montanha, no evangelho de Mateus:

“Amai os vossos inimigos e orai pelos vossos perseguidores, a fim de que vos torneis filhos de vosso pai no céu. Ele faz nascer o seu sol sobre bons e maus, e faz chover sobre justos e injustos.<sup>1</sup>

Da mesma forma como a Igreja, com essa doutrina e essa prática, se colocou contra o Deus revelado por Jesus, ela também fez o mesmo em outros domínios. Mencionarei apenas dois casos, muito importantes, por sinal: o casamento, o desejo e a realização sexual.

## **O CASAMENTO**

Muito antes da Igreja já exista o casamento como união duradoura entre um homem e uma mulher. Tinha a finalidade de transmitir a vida aos filhos e assegurar-lhes, por muitos anos, a proteção e os cuidados que os capacitariam mais tarde a estabelecer um vínculo permanente com um parceiro, para se tornarem um casal, bem como um pai e uma mãe.

Nesse particular, a parceria revestia diferentes formas, inclusive o casamento múltiplo que, de um modo especial, assegurava às mulheres e a seus filhos uma proteção ampla, mesmo depois da morte da mulher. Esse casamento múltiplo, que pude observar entre os zulus na África do Sul supera de várias maneiras o casamento único, por seu cuidado pela mulher e pelos filhos. Por exemplo, quando morria o marido de uma mulher, o irmão dele tomava a viúva, em acréscimo à sua própria mulher, juntamente com seus filhos. Assim a mulher e seus filhos não sofriam solidão ou necessidade.

A Igreja interferiu nessas práticas, declarando que o matrimônio é um sacramento, e prescrevendo o casamento único. Com isso, colocou-se no lugar de muitas leis civis bem-sucedidas: por exemplo, com a lei da indissolubilidade do matrimônio e com a proibição de relações sexuais fora do casamento. Elas foram declaradas pela Igreja como pecados mortais. Com isso, o sexto

---

<sup>1</sup> Evangelho de Mateus, 5, 44-45 (N.T.)

mandamento, que originariamente só proibia o adultério, estendeu-se a toda relação sexual extraconjugal, inclusive a toda satisfação sexual pessoal, com a proibição de um segundo casamento após um divórcio. Como consequência, cristãos divorciados que contraíram um novo casamento foram excluídos dos sacramentos, como se vivessem constantemente em pecado. Dessa maneira, promoveu-se a castidade como um ideal, não reconhecendo que, por trás do desejo sexual, atua um poder criador, um poder que serve à vida da maneira mais ampla, e ao qual nenhum outro ato humano se compara quanto à sua profundidade e às suas consequências.

Quem tem o direito de interferir nesse ato e em seu gozo condenando-o ou restringindo-o? Quem tem o direito de interferir aí com leis restritivas e, em casos de infringência, o direito de excluir essa pessoa da igreja, entregando-a à condenação eterna?

É certo que também Jesus falou da indissolubilidade do casamento, porém sem condenar o adultério. Quando fariseus e eruditos levaram a ele uma mulher flagrada em adultério, pretendendo que ele aprovasse a pena de morte por apedrejamento prescrita pela lei de Moisés, ele disse: “Aquele dentre vós que estiver sem pecado, atire nela a primeira pedra.” Em seguida abaixou-se, para lhes dar a oportunidade de se retirarem. Depois de algum tempo todos eles tinham desaparecido. Jesus se ergueu e perguntou à mulher: “Onde estão eles? Ninguém te condenou?”

Ela respondeu: “Ninguém, senhor!”

Então Jesus lhe disse: “Eu também não te condeno.” (João, 8, 7-11)

## **O DESEJO SEXUAL**

O desejo sexual, por mais irresistivelmente que o sintamos, obedece a uma ordem interna. Antes de tudo, ele vincula os parceiros entre si de um modo permanente. Depois do ato sexual nada fica como antes. Por causa disso, o que não for reprimido terá o seu ganho, como também o seu preço.

Existe aqui alguma regra? Podem excluir-se mutuamente a elevação e a profundidade? É só quando um rio pode fluir de sua fonte até sua meta, sempre de cima para baixo, que ele recebe todos os afluentes e, junto com eles, alcança o destino final.

De fato, existem ordens que protegem a família. Elas são impostas pela autoridade pública, independentemente das igrejas, para bênção de muitos.

Qual seria aqui a solução? Que a Igreja volte a entregar a solução à ordem pública. Também nesse caso, ela deve permitir, assim como Deus, que o seu sol brilhe sobre bons e maus, e a chuva caia sobre justos e injustos. Com amor.

## **O edifício doutrinário**

Por pouco eu teria escrito aqui “o edifício vazio”.<sup>2</sup> Embora mantendo o título, quero mostrar, por meio de alguns exemplos, o vazio dessa construção.

A Igreja é mantida em virtude de um sólido edifício doutrinário. Isto significa que ela é mantida por meio de determinadas sentenças que devem ser aceitas por todo aquele que pertence à Igreja. Por outras palavras, o fiel deve crer nessas sentenças e reconhecê-las em sua profissão de fé. Em ocasiões especiais, como na missa, ele proclama publicamente essa profissão de fé, junto com os demais fieis.

Além das sentenças doutrinárias escolhidas e coligidas nessa profissão de fé, existem outras que, na chamada Teologia Dogmática, são explicadas e transmitidas aos estudantes de Teologia e, principalmente, aos futuros padres. Familiarizei-me, por muitos anos, com essa Dogmática, por isso sei do que estou falando.

---

<sup>2</sup> *Lehrgebäude* é o edifício doutrinário, e *Leergebäude*, o edifício vazio. A pronúncia é idêntica. (N.T)

## **OS MOVIMENTOS DE REFORMA**

Na Igreja ocorrem constantemente movimentos de reforma. O último grande movimento nós presenciamos em seguida ao II Concílio Vaticano, sob os Papas João XXIII e Paulo VI.

O impulso desse movimento arrefeceu, de modo que atualmente observamos um movimento regressivo. Não é de se admirar! Todos esses movimentos reformadores fracassaram na mesma questão, que foi desconsiderada em todas essas tentativas de reforma. Por isso abordo-a aqui, de uma forma direta e franca.

Essas doutrinas afirmam algo que não se deixa comprovar, mesmo quando são transmitidas aos fiéis como verdadeiras, embora estejam sempre presas em contradições.

### **JESUS, O FILHO DE DEUS**

A primeira dessas doutrinas afirma que Jesus é o preclamador da verdade, que nos foi enviado por Deus. Nesse sentido, o Novo Testamento, onde foram transmitidas as palavras de Jesus, foi proclamado como uma revelação divina, que todos os fiéis precisam acatar.

Note-se que nos três primeiros séculos após a morte de Jesus, muitos de seus adeptos o viam como um homem que, de fato, mantinha uma relação especial com Deus, de modo semelhante a um profeta. Nesse sentido, era considerado como um enviado de Deus, mas não como seu filho corporal. Aderiu a esse movimento um grande número de adeptos, os chamados arianos.

Por essa razão, a doutrina da filiação divina de Jesus só foi proclamada como dogma no ano de 325, no Concílio de Niceia. Contudo, menos como consequência de uma convicção comum aos bispos ali reunidos, do que como resultado de uma forte pressão do então imperador Constantino.

Abordarei a seguir, com mais detalhes, algumas das contradições e incoerências desse dogma.

### **DEUS PAI E SEU FILHO**

A primeira delas é a ideia de um Deus Pai e um Deus Filho. Como podemos imaginar esse Deus Pai? É como um ser humano? Para os fiéis, sua imagem foi criada à semelhança do homem? Gerou um filho? Por exemplo, por meio do anjo Gabriel, quando este apareceu a Virgem Maria e lhe anunciou que ela, em nome de Deus e sem concurso humano, portanto sem um pai humano, ficaria grávida e daria à luz um filho de Deus.

Esta cena é minuciosamente narrada no evangelho de Lucas.

Disse Maria ao anjo: “Como se fará isso, pois não conheço um homem?” O anjo lhe respondeu: “O Espírito Santo descera sobre ti, e a força do Altíssimo te cobrirá. Por isso, também o santo que nascerá de teu ventre será chamado filho de Deus.” (Lucas 1, 31-36)

Note-se aqui que a representação de filhos de Deus era muito difundida no Império Romano na época de Jesus. Muitos deuses tinham filhos e filhas e disfarçavam-se quando queriam engravidar uma mulher humana. Por exemplo, Zeus, o pai dos deuses gregos, disfarçou-se sob a forma de um cisne.

Parece que esses deuses necessitavam uma mulher humana para gerar semideuses, que ficavam, como heróis, a serviço dos deuses. Estes revelavam-se aos homens dessa maneira indireta.

A presença dessa ideia em muitos mitos parece ter antecedentes concretos. Existem indícios de que a terra, nos seus sombrios primórdios, foi visitada por habitantes de um outro planeta e que estes, com as mulheres de então, criaram uma nova espécie de homens. Juntos fundaram uma civilização adiantada, cujos restos ainda nos assombram. Não podemos imaginar como esses remanescentes foram possíveis, tanto mais que, com nossos recursos atuais, somos incapazes de imita-los. Um

exemplo disso é a pirâmide de Quéops.

Assim, nossas representações de um filho de Deus têm antecedentes muito antigos. Por essa razão, já seria hora de liberarmos Jesus da imagem de que é um filho de Deus, como a Bíblia o descreve, e de deixarmos que Jesus seja um homem que fracassou no final da vida, abandonado por Deus, da forma como ele o imaginara.

## **O DOGMA DA INFALIBILIDADE**

O dogma fundamental da Igreja foi e continua sendo o da infalibilidade. Nele se baseiam todos os demais dogmas.

No princípio, quem foi considerado infalível foi Jesus, embora nos evangelhos também ele tenha sido censurado e contraditado em suas doutrinas, sem consideração por sua filiação divina. Exemplos disso eu relatei no capítulo “Ressuscitado dos Mortos”.

Em segundo lugar, a Bíblia é considerada infalível, apesar de suas contradições e de seus quadros de horror, sobretudo no Apocalipse.

Em terceiro lugar, a própria Igreja, com suas tradições, é tida como infalível, apesar de ter havido no início tradições diferentes. Penso aqui, especialmente, no movimento dos arianos, que recusavam a filiação divina do homem Jesus.

Na Igreja foram os concílios que, no correr dos tempos, definiram de forma autoritária, e portanto infalível, as doutrinas em que se deveria acreditar e as doutrinas que deveriam ser condenadas. Quem contestasse essas definições seria excluído da Igreja e, conseqüentemente, da própria salvação eterna.

Em época mais recente apareceu uma nova instância infalível. No I Concílio Vaticano, o papa foi declarado infalível quando erige uma doutrina à condição de dogma. Desde então duas doutrinas principais foram definidas como dogmas por papas. Vou abordá-las mais de perto.

## **A IMACULADA CONCEPÇÃO DE MARIA**

O primeiro desses dogmas foi o da imaculada concepção de Maria, a mãe de Jesus. O que se entende por isso é sabido por muito poucos fiéis. Essa doutrina afirma que Maria, quando foi gerada por seus pais, foi concebida sem o pecado original. O que se entende por pecado original eu expliquei com mais detalhe no capítulo “A Igreja”. Pecado original significa que, juntamente com os primitivos ancestrais Adão e Eva, também os seus descendentes até os dias de hoje foram excluídos do paraíso e, conseqüentemente, da graça de Deus.

Hoje em dia, muitos de nós sacudimos a cabeça diante disso. Entretanto essa doutrina é um dogma de fé. Quem não crê nesse dogma fica excluído da Igreja e da salvação eterna. Isso nos é demonstrado de modo marcante pelo fato de que crianças não batizadas devem ser sepultadas fora dos cemitérios cristãos. Elas não pertencem à Igreja, não pertencem a Jesus.

Aqui quero apontar algumas questões e incoerências na assim chamada imaculada conceição. Espero que não os esteja cansando com isso, mas, como essa doutrina é também um dogma de fé, ela implica coisas extremas para os fiéis.

Pergunto: também os pais de Maria foram liberados do pecado original antes de gerá-la? Ou apenas Maria o foi? Neste último caso, os pais de Maria continuaram sendo seus pais verdadeiros, ou alguém de fora alterou sua condição de pais?

E como se podia prever que Maria se tomaria a mãe de Jesus? Também Jesus nasceu sem o pecado original? Ele realmente era um de nós? O que aconteceu então a seus irmãos e a suas irmãs? Foram gerados por Maria com o pecado original ou sem ele? Aliás, no evangelho de Marcos os irmãos de Jesus são chamados por seus nomes: Tiago, José, Judas e Simão. A mesma passagem menciona

que Jesus também tinha irmãs. O que dizer então da virgindade de Maria, se ela tinha um marido e tantos filhos? Naturalmente, essas perguntas parecem absurdas a muitas pessoas. Não obstante, elas se colocam em decorrência desse dogma.

### **A SUBIDA CORPORAL DE MARIA AO CÉU**

Algo semelhante resulta da doutrina que até agora foi a mais recente a ser definida em caráter infalível, como dogma de fé, por um papa, no caso o Papa Pio XII. Trata-se do dogma da subida corporal da mãe de Jesus ao céu depois de sua morte.

Sobre Maria, depois da informação de que permaneceu ao pé da cruz de Jesus, juntamente com João, seu discípulo favorito, a Bíblia silencia.

Aliás, aquela informação é questionável, pois o evangelho de João foi o último a ser escrito, depois dos evangelhos sinópticos. Manifestamente muito tardiamente, e por uma pessoa familiarizada com a filosofia grega. Queria o autor desse evangelho identificar-se com o discípulo preferido de Jesus? No evangelho de João, Jesus na cruz diz à sua mãe: “Mulher, este é o teu filho.” Em seguida diz ao discípulo: “Esta é a tua mãe.”<sup>3</sup> Dessa passagem se concluiu que esse discípulo cuidou mais tarde da mãe de Jesus.

Nos evangelhos anteriores não encontramos nenhuma informação nesse sentido, nem que Jesus tivesse assistido sua mãe; pelo contrário, encontramos indicações de que Jesus se comportava numa atitude de rejeição em face de sua mãe e de seus irmãos. Onde ficaram os outros filhos de Maria e talvez também seus netos? Teriam cuidado dela?

O que afirmei no capítulo *Ressuscitado dos Mortos* sobre a ressurreição de Jesus e sua ascensão ao céu, vale igualmente para a subida corporal de Maria ao céu.

Para que Deus ela sobe? Ele tem corpo? Existe ali uma corte, semelhante a do Olimpo entre os gregos? Depois de sua subida aos céus, Maria terá assumido o papel de uma deusa, de modo que Jesus no céu, ao lado de seu pai, tem também sua mãe? Explica-se daí o fato de que Maria seja venerada como uma deusa na prática religiosa de muitos lugares?

Também aqui se aplica a lei: quem nega esse dogma, apesar de suas contradições, é excluído pela Igreja e, com isso, de sua salvação.

Como estudante de Teologia, vivenciei isso, por assim dizer, em minha pele. Enquanto se discutia, entre os professores de Teologia, se a subida de Maria ao céu poderia ser definida como dogma de fé, havia entre eles a opinião unânime de que na Bíblia e na tradição cristã primitiva não havia fundamento para isso.

Quando, não obstante, esse dogma foi proclamado, eles se curvaram. Aqui também aconteceu algo repugnante, como na definição da infalibilidade do Papa, que foi resumida na frase latina: “*Roma locuta, causa finita*”. Por outras palavras: Depois que Roma fala, a discussão acaba.

### **A INFALIBILIDADE DO PAPA**

Vou dizer ainda uma última palavra sobre a infalibilidade, aqui em relação com a infalibilidade do papa. Como se torna infalível alguém que era falível? Torna-se infalível quando é eleito papa pelo colégio dos cardeais.

Quem, ou o quê, torna-o de repente infalível? Quem faz dele o representante de Jesus e de seu Deus na terra, e conseqüentemente infalível? É Jesus que toma a palavra? É Deus que intervém aqui? Ou são apenas homens?

---

3 Evangelho de João, 19, 25-27 (N.T)

A eleição do papa é um evento de consequências muito amplas para os católicos, principalmente para os bispos e padres, que são obrigados a prestar ao papa eleito um juramento de fidelidade para que possam permanecer em seus cargos, embora Jesus tenha exigido explicitamente de seus ouvintes: “Não deveis jurar.”

O que ocorre nesse particular com as outras igrejas? Elas não adotaram esses dogmas, com exceção do dogma da infalibilidade. Pois também elas se comportam muitas vezes como infalíveis: por exemplo, quando publicamente difamam apóstatas e advertem outras pessoas contra eles.

Outra coisa acontece quanto à fé em Jesus e em seu Deus. Nesse ponto elas permanecem em larga medida concordes com sua igreja de origem.

### **A PERGUNTA FINAL:**

#### **QUE REFORMAS SÃO POSSÍVEIS?**

Coisas semelhantes eu poderia afirmar sobre muitos outros dogmas, inclusive os que abordei no capítulo *Ressuscitado dos mortos*.

O que se revela aí? Que as definições sobre a fé e o edifício doutrinário da Igreja são mitos. Teologia é Mitologia.

Levei vocês comigo por um longo trecho no caminho da desmitificação dos principais dogmas de fé da Igreja. Encaradas dessa perspectiva, terão futuro as tentativas de reforma dentro da Igreja? Mitos podem ser reformados? Mitos precisam cair.

### **Culpa e expiação**

#### **Do Congresso de Pedagogia Sistêmica,**

#### **México, 24 a 29 de julho de 2012**

*Palavras de Bert Hellinger, depois de um breve filme sobre etapas de seu passado:*

Foi um longo caminho, até que cheguei até aqui. Embora tenha sido carregado por muitas forças de meu passado, estou olhando em frente.

Muito me emociona ver tantos rostos olhando para mim e esperando de mim algo que sirva para suas vidas. Mas não estou só. Sinto-me

em união com forças maiores. Por isso, muitas vezes de forma muito surpreendente, vem-me uma luz. Às vezes, quando ela me toma, sinto um tremor. O alcance dessas luzes me faz tremer. Sei que resistências elas irão encontrar. Por isso sou cauteloso.

Às vezes dou um pequeno passo em frente e deixo muita coisa em aberto, embora saiba que o alcance dessas luzes é impactante.

Uma dessas luzes - devo dizer-lhes? - refere-se ao tema da culpa e da expiação. Ontem, durante a refeição, alguém me perguntou: Qual é o contrário de pecado?

Refleti nisso e de repente veio-me a resposta. Eu a obtive numa única palavra e não sei se será fácil traduzi-la. A palavra é: excepcional. Mais claramente, significa: Aquele que se sabe e se sente sem pecado, coloca-se no lugar de Deus.

Aqueles que se sabem culpados, caminham com segurança na terra. Permanecem no plano inferior. Toda grandeza está embaixo. Quem quer estar mais alto fica menor.

Agora começo a deter-me, pois sinto que o que vou dizer e preciso dizer agora é enorme.

*Para Sophie: Você sente como isso é pesado. Venha para o meu lado.*

*Sophie coloca-se à sua esquerda.*

Essas compreensões nós trocamos frequentemente entre nós, e nessa troca progredimos sempre. Sophie, às vezes, me animou a prosseguir. Algumas vezes ela me disse: “Pare. Isso é forte demais. Você se arrisca dizendo isso em público.” Vejo isso neste grande grupo, também no que tange às escolas, aos professores e aos alunos.

Agora darei um passo em frente.

*Bert Hellinger dá no palco alguns passos em frente, aproximando-se da plateia.*

Acabei dando vários passos.

## **A BOA CONSCIÊNCIA**

Todo sofrimento do ocidente europeu, todas as suas guerras, toda desgraça que levou à América do Sul derivam desta ideia básica: “Vocês são culpados!” — “Vocês não têm o direito de viver.” — “Nós somos melhores.” — “Somos inocentes quando matamos vocês em nome de Deus.”

Por trás disso está minha intuição original sobre a consciência moral. Sobre a boa consciência e a má consciência. Sobre a estranha ideia que continua a atuar no ocidente europeu, tanto na religião quanto na vida pública, na justiça e em todas as guerras: “Minha boa consciência é a voz de Deus em mim. Preciso seguir essa consciência.”

Percebam em si mesmos: Sempre que vocês acham que devem seguir sua boa consciência, o que vocês fazem? Rejeitam alguém. Toda rejeição provém da boa consciência. Quem rejeita alguém, apela para a voz da própria consciência, apela para seu Deus.

Agora tenho em mente os professores na escola. Quando eles rejeitam alguém, ou quando preferem um ao outro, sentem-se em sintonia com uma força maior. Curiosamente, quanto mais rejeitam ou mesmo prejudicam alguém, mais fortes se sentem.

Percebem isso em si mesmos?

Quando renuncio à voz de minha consciência moral, quando renuncio à minha boa consciência e à arrogância que acompanha a boa consciência, o que vejo nos outros? O que vejo no aluno? O que vejo em seus pais? O que vejo naquilo que ele faz ou que eles fazem?

Vejo a boa consciência deles. Portanto, na maldade que se dispõem a cometer, estão seguindo o seu Deus. Também eu, como professor, sigo o meu Deus.

O conflito entre mim e os pais dos alunos, por exemplo, é uma guerra divina. Dois deuses diferentes começam a lutar. Que luta é essa? É sempre uma luta de vida ou de morte.

Acho que é o momento de parar. Talvez eu volte ao tema mais tarde.

O que fiz agora? Levei vocês comigo a uma outra consciência, além da culpa e da expiação. Levei-os comigo a um outro amor.

## **O PROSSEGUIMENTO DA CULPA E DA EXPIAÇÃO**

*Algum tempo depois:* Quero retomar o tema da culpa e da expiação, bem como sua aplicação na escola e na vida pessoal. Agora vou dar de novo alguns passos em frente, como se viesse a público, e retorno ao tema da culpa.

A imagem da culpa se assemelha a um chicote na mão daqueles que querem submeter a humanidade a sua própria vontade.

O que acontece a uma criança quando a mãe lhe diz: “Você é culpada? Ela continua sendo uma criança? Ainda está totalmente viva? Ou ela enfraquece interiormente e perde o contato com o vasto mundo e com o amor pelas outras pessoas, e também o contato com seus pais? Para a criança, sua mãe continua sendo sua mãe? Seu pai ainda é o pai para ela? Como reage então a criança?

Começa nela um movimento para livrar-se da culpa. Chamamos esse movimento de expiação.

Que faz a criança quando quer livrar-se da culpa dessa maneira? Comete uma maldade contra si mesma. O que ela faz a si mesma? Devo dizer claramente?

A criança faz a si mesma algo que a leva à morte. Vocês conseguem perceber isso? Existe maior inimigo da vida do que a ideia de culpa e expiação?

Sinto dificuldade em continuar a falar disso, pois as consequências são terríveis. Todo o ocidente cristão é mantido em servidão por uma instituição que deriva seu poder da ideia de culpa e expiação. Essa instituição chama-se Igreja.

### **JESUS NA CRUZ E DEUS**

Imaginem vocês: Jesus no Monte das Oliveiras ora a seu Pai no céu: “Afasta de mim esse cálice.” Que cálice era esse? Sua morte na cruz. Em seguida ele diz: “Não se faça a minha vontade, mas a tua.

Quem pregou Jesus na cruz? Foram os carrascos? Foram aqueles que o acusaram? Foi o procurador romano? Foi Deus, seu pai. Ele quis essa morte.

Então Jesus bradou na cruz, e com razão: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”

Que imagem atua por trás desse terrível acontecimento? Por que Jesus devia morrer na cruz? Por que o Filho de Deus, como foi chamado mais tarde, devia morrer na cruz?

Porque esse Deus sentia-se ofendido e só poderia ser reconciliado pela morte de seu filho Jesus na cruz.

Existe um Deus mais terrível? Um Deus mais desumano?

Posteriormente, os cristãos procuram incessantemente reconciliar esse Deus. Cada santa missa, na qual até mesmo o papa ergue a hóstia, e uma repetição do sacrifício da cruz. Na missa a comunhão é dada aos cristãos como o corpo de Jesus Cristo. Como canibais que comem carne humana, eles devem comê-lo para que sejam salvos.

Então lhes é apresentado o cálice com o sangue de Jesus Cristo, para que o bebam. Os fiéis aceitam isso e esperam que assim ficarão remidos de sua culpa. Com essas imagens também crianças são aprisionadas e reprimidas.

### **A OUTRA REDENÇÃO**

De que precisamos ser redimidos? Precisamos ser redimidos de nossa culpa? Precisam disso as criancinhas, que deveriam ser redimidas de sua culpa pelo batismo, sem o qual são excluídas do céu? De quem precisamos ser redimidos?

Precisamos ser redimidos desse Deus terrível. Precisamos ser redimidos dessa imagem de culpa que atrai um inferno eterno, e de nossas tentativas de apagar essa culpa por meio da expiação.

Ousei avançar muito. Como? Abandonei o temor desse Deus.

### **A OUTRA CONSCIÊNCIA**

Voltando ao tema da culpa, volto para a escola. Qual seria o maior serviço para as crianças sentadas diante de nós na escola? Conduzi-las a essa outra consciência, além da inocência e da culpa, e de toda tentativa de livrar-se da culpa por meio da autopunição. Isso seria uma revolução. A autêntica revolução.

Relembrando a constelação desta manhã, por que aquele jovem queria morrer? Naturalmente, para expiar. Não, porém, por uma culpa dele. Pela culpa de uma outra pessoa.

Uma certa frase tornou-se básica nas constelações familiares, como a causa de muitas doenças, a causa de muitos sofrimentos e da morte.

Essa frase é a seguinte: “Eu por você.” A criança diz esta frase - é claro, apenas internamente - a um dos pais. A quem aquele rapaz disse essa frase naquela constelação? Ele a disse à sua mãe, e seu pai pôde salvá-lo.

O que a mãe tinha dito naquela constelação? Internamente, é claro, sem que tivesse consciência disso. Ela disse ao filho: “Você por mim.” E o filho respondeu: “Eu por você.”

### **MEDITAÇÃO: “VOCÊ POR MIM”, “EU POR VOCÊ”**

Fechem os olhos. Percebamos interiormente: A quem talvez nós já dissemos, como pais: “Você por mim”? Mais precisamente, a quem dissemos: “Repare você por mim.”, “Morra por mim na cruz”?

Algum filho seu respondeu a isso com esta frase: “Eu por você”? Então ainda somos pais? Os filhos ainda são filhos?

Que deus desempenha aí o papel principal? Que fé? Que temor? Onde fica a vida, a vida plena?

Agora olhemos para esse deus. Nós lhe resistimos, face a face. Olhamos por cima dele para o distante, para aquele poder criador do qual provém toda vida.

### **A ESCOLA**

Durante todo esse tempo tive diante de meus olhos a escola, os professores e os alunos. Onde? Aqui, no meu coração.

Depois que demos o passo definitivo na direção de uma outra consciência, entramos num outro amor e numa outra alegria, na alegria por tudo, da forma como é.

### **O OUTRO AMOR**

Agora fechem novamente os olhos. Olhemos para os olhos de cada pessoa que é intimamente ligada a nós. A cada uma delas dizemos “sim”. Esse “sim” vem imediatamente a mim a partir de uma outra força, de uma força eterna. Tudo que até agora rejeitamos é iluminado por uma luz que vem de longe, por uma luz que diz a tudo que está em nós: “Esta luz vem de mim. Tome-a e passe-a adiante.”

Então nossos rostos começam a brilhar. Quando nossos filhos e nossos alunos nos olham, sentem-se agora acolhidos como são, amados como são. O que fica, no final? Uma pura alegria.

## **OUTROS ANTECEDENTES**

### **MITOLÓGICOS**

#### **Os mitos gregos**

Volto a abordar o tema dos mitos. Vou limitar-me ao círculo da cultura ocidental e aos mitos que continuam influenciando-a e que lhe indicaram uma direção; portanto, principalmente, aos mitos gregos. São os que nos foram transmitidos de modo mais completo. Sua influência exterior imediata cessou, em larga escala, quando o Cristianismo assumiu o domínio.

Contudo, é de se notar que também o Cristianismo segue um outro mito, semelhante a eles, e constrói sobre ele.

Inicialmente, porém, os mitos gregos. Eles contam sobretudo as aventuras de semideuses, portanto de homens que tinham um deus como pai. É notório que praticamente em todos os casos um deus tornava-se pai e uma mulher tornava-se mãe.

O deus supremo, Zeus, estava permanentemente ocupado em procurar mulheres humanas e em gerar filhos com elas. Para isso, muitas vezes ele se escondia por trás de outros seres vivos,

transformando-se arbitrariamente num cisne ou num outro animal.

Quem são, em última análise, esses semideuses? São os homens atuais, portanto, também nós. Relatos antigos, por exemplo, na Epopeia de Gilgamesch, narram que habitantes de um outro planeta vieram à Terra por algum tempo e habitaram nela, para explorar os seus tesouros, especialmente o ouro. Existem testemunhos em edificações de pedra que jamais poderiam ter sido construídas por pessoas como nós: por exemplo, as pirâmides. Ainda hoje não conseguiríamos criá-las com a mesma precisão.

Ora, existem relatos de que habitantes provindos de um outro planeta procuraram contato sexual com mulheres de nossos ancestrais humanos, talvez recorrendo também a diversos disfarces. O resultado era um ser humano, mas diferente dos anteriores. Esse ser humano considerava como seu pai alguém que viera de outro lugar. Ele o olhava de baixo como a um deus, e este o olhava de cima como a um ser semelhante, porém jamais como um igual. Ele o considerava como um semideus, e este sentia-se também como tal.

A civilização humana é, ao que parece, o resultado da ação desses deuses e semideuses. As diversas religiões tiveram a mesma origem. Esses deuses, inclusive nas religiões ditas superiores, exibem traços humanos, como se em muitos aspectos se assemelhassem aos humanos. Ao mesmo tempo, aqueles que invocam esses deuses e lhes servem querem ser mais do que simples seres humanos. Querem assemelhar-se a esses deuses.

Estou consciente de que essas observações são chocantes para muitos, tanto mais que até agora eles viram o Cristianismo ocidental e outras religiões como independentes desses mitos.

Quando encaramos o Cristianismo sob a luz desses mitos, ele se nos apresenta como uma nova versão deles, igual a eles no essencial.

Consideremos, por exemplo, o chamado parto virginal. Maria é engravidada por um mensageiro de Deus. Portanto, ela deu à luz um filho que tinha Deus como seu pai. Na linguagem dos mitos, era um semideus. Ele provou isso por meio de muitos milagres que foram relatados sobre ele, ou que lhe foram atribuídos.

Mais tarde esse filho é descrito como um homem-deus, como um semideus.

Continuo essas observações. O que aconteceu com os adeptos de Jesus que criam nele como num homem-deus?

Eles queriam ser como ele. Em seu seguimento queriam ser semelhantes a Deus, portanto, menos homens e mais Deus.

Nesse contexto, a doutrina do pecado original aparece sob uma nova luz. De acordo com essa doutrina, todos os homens são, diante desse deus ou desses deuses, imperfeitos desde o seu nascimento. Falta-lhes algo que apenas os deuses possuem. Por isso é preciso haver uma boda celeste, um enlace com o deus, pelo qual eles se tomem semelhantes a ele. No Cristianismo essa boda celeste é o batismo.

Mas esse movimento e esse desejo de um casamento celeste prosseguem em muitos outros níveis.

Quem realmente era escolhido por esse Deus, para tornar-se semelhante a ele, precisa renunciar ao casamento humano. Os homens precisam castrar-se, por exemplo, pelo voto de castidade ou pelo celibato, e as noivas eleitas chamam-se noivas de Cristo ou noivas de Deus. Por toda parte o sexo está envolvido, como nos mitos, apenas de uma forma disfarçada. Somente em virtude de uma união sexual com um deus é que havia e há semideuses.

O homem quer sempre tornar-se igual a Deus. O que quer o deus, se permanecemos nesse

contexto? Quer sexo, principalmente com uma mulher. Quem pode coabitar e seguir esse casamento? Somente um homem castrado. Por isso, em amplos setores do Cristianismo, só podem servir a Deus homens castrados. Por isso, quase todos os escolhidos de Deus, ou aqueles que se sentem e comportam como tais, permanecem sem mulher. Apenas Deus pode tocá-la e tomá-la. Somente ele pode colocar nela a sua mão.

O que seriam, à luz dessas observações, o Cristianismo e algumas outras religiões? O que importa para elas? Posso atrever-me a dizê-lo? O que buscam seus adeptos e seus eleitos? Buscam a união sexual com um deus, para que, com sua ajuda, tornem-se e sejam semideuses.

### **As religiões para além dos mitos**

No interior dos mitos, os homens tratam seu deus ou seus deuses como se estes fossem, em muitos aspectos, semelhantes a eles. Os homens os louvam, temem seus ciúmes e querem chegar a eles, à sua terra, onde querem viver e ser felizes com os deuses.

Essas representações denotam que esse deus e esses deuses são semelhantes aos homens, e que entre os homens e seus deuses existe uma espécie de parentesco. Os homens são, portanto, carne da carne dos seus deuses e sangue do seu sangue. Essas ideias indicam que os homens estão a serviço desse deus ou desses deuses, e precisam velar para que eles estejam bem e tenham suficiente alimento: por exemplo, por meio de sacrifícios de animais e humanos, cujo aroma alegra Deus e os deuses.

Na base dessas imagens existe uma realidade, tal qual os mitos nos transmitem. Que realidade? Que habitantes de fora da Terra a visitaram e com os primitivos habitantes dela geraram o homem atual, como que à sua semelhança e para seu serviço e seu prazer.

Por isso os fiéis das religiões estabelecidas comportam-se como se fossem escolhidos por seu deus e por seus deuses, como por um parentesco de sangue, como se também eles tivessem vindo de um outro planeta para colocar a Terra ao seu próprio serviço e para explorá-la.

Pintei esse quadro com tintas fortes. Mas podemos dar um desconto nisso?

Pergunto: De onde vieram esse deus e esses deuses? Terão também eles o seu deus? Existe uma força universal, a cujo serviço eles estão?

Quando pensamos em tudo isso, perdemos o fôlego. Onde ficam nossos mitos de eleição e de filiação divina? Diante desses poderes, não ficamos pequenos e semelhantes a tudo no mundo? Não somos chamados à existência pelo mesmo poder, e nela igualmente mantidos por ele em cada momento, de uma forma nova e criadora?

Pode essa energia criadora assumir uma face humana e partilhar nossos sentimentos humanos, por exemplo, por nós ou contra nós?

Em face desse poder, o que podem continuar sendo as religiões? Não são nulas?

Em cada momento, sentimo-nos invadidos por essa energia universal que pensou e quis a todos nós, tais como somos, sem bons ou maus, todos igualmente mantidos em vida por sua energia, eternamente mantidos por ela em vida e na existência. Nesse sentido, como essa energia e esse poder criador, sem princípio e sem fim.

Tomados por essa energia universal, como viveremos nesta Terra? Podemos continuar a saqueá-la? Ou nos colocaremos à sua disposição, unidos humildemente a tudo o que é, e tal como é?

Existe aqui ainda uma religião? Continuamos precisando dela? Precisamos de um céu ou mesmo um inferno, do amor de Deus ou do temor de Deus? Não estamos a cada momento unidos e consumados na união com essa energia e com esse poder universal, e movidos somente por ele?

Com estes meus pensamentos coloquei-me acima de outros e acima de suas religiões? Não são, também elas, queridas pela mesma energia, e não estão igualmente a seu serviço?

Assim eu me retiro desses pensamentos, consciente de meus limites em todos os sentidos, e sujeito-me a algo maior.

A quê? Ao presente momento, ao agora.

### **O Primeiro Movente**

Aristóteles fala de um Primeiro Movente que move tudo porque o pensa, de modo que isso deve sua existência e seu movimento ao pensamento de um espírito que penetra tudo. Dessa concepção de Aristóteles deriva a ideia de que esse espírito continua a pensar tudo que foi pensado por ele, da forma como isso se move. Em consequência, vemos esse espírito e esse Primeiro Movente imediatamente em ação em tudo que se move e na forma como se move.

Entretanto, quando consideramos as experiências que fazemos com nossas imagens internas, por exemplo, transformando ao nosso bel-prazer imagens restritas em imagens dotadas de possibilidades novas e, com isso, de uma forma ou de outra, também podendo produzir outras coisas, precisamos compreender e contemplar, num sentido para nós infinito e mais amplo, o movimento proveniente desse Primeiro Movente. Por outras palavras, convém à nossa experiência aceitar que o ser movido por esse Primeiro Movente dispõe de um espaço livre para aprender coisas novas e criar coisas novas, inclusive com os erros, descaminhos e fracassos que as acompanham.

Isso significaria que esse Primeiro Movente deixa que aquele que é movido por ele participe de seu pensamento criador, como se pudesse conceder-lhe esse espaço livre sem continuar interferindo em cada caso.

Dessa maneira, apesar de nossa essencial dependência em relação a esse outro movimento, permanecemos como artesãos de nossa felicidade e de nossa desgraça. De que maneira? Por meio de nosso pensamento, de nossas experiências, de nossos objetivos, de nossa consciência estreita ou ampla.

Como, porém, em tudo que podemos pensar e experimentar, pensamos e sentimos na dependência de muitos outros seres humanos, nosso pensamento criador se desenvolve juntamente com muitos outros. Nossa consciência criadora desenvolve-se assim em intercâmbio, dentro de uma consciência humana abrangente, simultaneamente recebendo e dando.

Entretanto, ela se desenvolve sempre na dependência desse primeiro movimento criador, dentro de seu movimento abrangente, sendo sustentada, acompanhada e conduzida por ele, tanto em seu início e em sua origem quanto em cada momento.

Isso se mostra pelo fato de que às vezes somos tomados e possuídos por um movimento que, como que provindo de fora, nos toma consigo para além de nossa vontade e de nossos desejos pessoais. Isso sentimos principalmente quando nesse momento nos é dada uma nova compreensão que amplia nossa consciência e, com ela, também a consciência da humanidade.

Aqui esse Primeiro Movente nos mostra que, em última análise, é ele que move tudo.

Mais uma coisa nos é mostrada aqui. Podemos esperar por esse movimento, às vezes também pedir por ele, dispor-nos interiormente a ele, também confiar nele e, logo que ele se mostra, segui-lo sem condições.

Talvez esse espírito que pensa e põe tudo em movimento brinque com nossa liberdade, com nossa consciência e com nossas imagens, medos e desejos. Então, como participaremos desse jogo? De passagem, aguardando, entregues ao movimento inteiro, até que ele nos conecte de forma duradoura

com seu início e com seu fim.

## Os deuses

Deuses existem muitos. Eles lutam entre si pela primazia e tentam eliminar outros deuses a seu lado. Cada um desses deuses exige de seus adeptos: “Tu não terás outros deuses além de mim.”<sup>4</sup>

Essas palavras são ditas, por exemplo, pelo deus do homem ao deus de sua mulher, e pelo deus da mulher ao deus de seu marido. Os conflitos básicos entre um casal são, em última análise, conflitos entre seus deuses.

Com que meios um deus tenta impor-se ao outro? Com que voz? Com que voz particular de cada um? A voz de nosso deus nos ouvimos com nossa consciência moral.

Quando com essa consciência obedecemos à voz desse deus, ele nos recompensa. Pois então temos uma boa consciência e nos sentimos inocentes. Com a mesma consciência ele nos leva a julgamento, quando agimos contra a sua voz. Pois nos sentimos culpados e tememos seu castigo.

Várias pessoas juntas obedecem frequentemente à mesma consciência e temem o mesmo deus. Ele se tornou o seu deus comum.

Assim, do mesmo modo que há diferentes consciências, há diferentes deuses. Os deuses que temos são sobretudo os deuses castigadores. Sentimos sua recompensa principalmente quando nos poupam de castigos.

Nesse sentido temos todos um deus pessoal e, junto com outras pessoas, temos um deus comum. Nós o cultuamos com temor e tremor, para que não nos condene.

Também o deus comum é um deus limitado. Seu território esbarra nos limites dos outros deuses, diante dos quais precisa deter-se. Na verdade, cada um dos deuses procura ampliar seus limites, mas nenhum deles conseguiu ganhar para si um território que abranja todos os homens, por mais terríveis e sangrentas que tenham sido as guerras que se moveram e ainda se movem.

Como escapamos do domínio de nosso deus e do domínio dos outros deuses? Podemos conseguir isso com nossa consciência atual e no interior de nossas diversas consciências morais? Esse mundo e sua consciência continuam a serviço de muitos deuses.

De mais a mais, todos esses deuses têm um nome comum. Todos eles portam o nome “Eu”. Assim chamam o deus dos judeus e o deus dos cristãos. Eu sou quem eu sou<sup>5</sup> — em hebraico, Javé ou Jeová.

Esse deus e os outros deuses não realizaram algo de grande? Para seus adeptos, sim. Sem dúvida.

O que sucedeu, porém, aos que adoram outro deus? Quanto sofrimento e quanta morte lhes trouxe nosso deus?

Como escapamos das exigências desses deuses e do domínio desse deus?

Deixamos que nosso deus e os outros deuses sejam como são. Com outras palavras, ultrapassando as vozes deles em nós, isto é, ultrapassando as vozes de suas diversas consciências, deixamo-nos levar para aquela consciência<sup>6</sup> que reduz ao silêncio essas vozes e, com elas, os seus deuses.

Quando nos deixamos conduzir a essa consciência, tornamo-nos silenciosos. Sentimo-nos em

---

4 Êxodo, 20, 3 (N.T.)

5 Êxodo, 3,14 (N.T.)

<sup>6</sup> Nesta e em outras passagens, o autor opõe a consciência moral (*Gewissen*) que chamamos de “voz da consciência” e a consciência psicológica (*Bewusstsein*), instância reflexiva pela qual nos percebemos como sujeitos. Em português, ambos os conceitos se exprimem pela mesma palavra. Para evitar confusões acrescento em alguns casos o adjetivo “moral”. (N.T.)

profunda harmonia com tudo, tal como é. Transpomos os limites de nosso eu e também os limites do eu de nosso deus e de nossa consciência, conseqüentemente os limites entre o homem e a mulher, o céu e o inferno, a inocência e a culpa.

Como vivemos então? Vivemos em harmonia com tudo, tal como é. Em primeiro lugar, em harmonia conosco, tais como somos. Em harmonia com nosso passado e com nosso futuro. Em harmonia com todos que nos pertenceram e nos pertencem. Em harmonia com os vivos e com os mortos.

Em tudo que existiu, em tudo que existe e que virá, respiramos e nos movemos no mesmo ritmo, num ritmo criador. Somos levados por esse movimento criador que, por seu pensar e querer, chamou tudo à existência e mantém tudo permanentemente na existência, inclusive os deuses antigos. Contudo, além de suas vozes em nossa consciência, eles são temporários, como tudo mais. Permanecem temporariamente como nós, com nosso eu. Somos iluminados por outro sol e esclarecidos por outra consciência. Retornamos à nossa origem, tais como somos, e simultaneamente com tudo, tal como é e como foi.

Depois dessa experiência, como retornamos a essa vida? Retornamos de uma forma diferente.

Como? Com outro amor, com outra consciência, com outra consciência criadora, em união com algo último, que não tem um eu.

## **Roma**

Roma foi outrora o centro do orbe terrestre e o centro de um reino de paz que, por mais de 300 anos, sob a chamada Pax Romana, congregou muitos povos em igualdade de direitos. Esses povos haviam sido submetidos a Roma e foram a ela incorporados depois de muitas batalhas sangrentas.

Os povos do Império Romano estavam unidos por um culto comum, o culto ao imperador, a quem adoravam como um deus. A ele, como a um deus, eram oferecidos sacrifícios por meio dos quais seus súditos se asseguravam de sua bênção e de sua benevolência. Nesse império de paz, tudo girava em torno de Roma e de seu imperador.

Esse império de paz subsiste ainda hoje, embora com outra denominação. É igualmente mantido por meio de um culto, muito semelhante ao culto do imperador. Ainda hoje, o novo imperador concede anualmente sua bênção *urbi et orbi*, à cidade e ao globo terrestre, em latim, a língua dos imperadores romanos, que há muito tempo está extinta, mas revive ali.

O nimbo de Roma persiste, como se o Império Romano ressurgisse depois de seu desaparecimento. Ele congrega ainda hoje, de modo pacífico, peregrinos de muitos povos.

Podemos furtar-nos à sua sedução? Ela continua atuante. Um anseio ainda insatisfeito mantém-na viva, como um sonho humano irrealizado, o sonho de um centro que sustenta e uma mão que abençoa a todos: nós, pequenos diante dela; ela, como a grande.

## **Precipitam-se para o seu fim**

Sobre os deuses que, ultrapassando o arco-íris, entram na sala de Walhall, certos de seu domínio e de seu poder, Loge, o semideus do fogo, que mais tarde, no Crepúsculo dos Deuses, os fará incendiar-se e perecer, canta na ópera *O ouro do Reno*, de Richard Wagner: “Aqueles que se gloriam de ser tão fortes em sua subsistência precipitam-se para o seu fim.”

Esta frase aplica-se a todas as tragédias e a seus heróis: “Precipitam-se para seu fim”. Quem quer permanecer no alto para garantir seu poder e sua influência, termina trilhando o mesmo caminho.

Quem permanece embaixo não pode perecer. Apenas quando o que interessa é ter poder sobre os outros, nos nos precipitamos para o fim deles e também para o nosso. Quando desde o início

olhamos para esse fim, chegamos também, como todos, a um fim, mas sem cair. No final do *Crepúsculo dos Deuses*, de Wagner, somente os deuses caem.

O mesmo vale para o dominar e o servir. Quem quer ganhar a todo preço, perderá. Quem serve permanece igual a todos que estão embaixo. Ao mesmo tempo, escapa de comparações. Como não dá na vista, não atrai inimigos e não é incomodado por eles.

Como conseguimos ficar embaixo? Em harmonia com um amor que é dirigido a todos da mesma maneira. Esse amor existe sem chamar a atenção. Ele não pode ganhar nem perder, porque suas mãos permanecem abertas. Ele se derrama sempre.

Como esse amor flui para baixo e continua fluindo, não está sujeito a um refluxo. Ele se renova a partir de outras forças, de forças criadoras, é sempre novo sem salvaguardas. Somente o que não pode ir adiante nem continuar fluindo precisa acumular e garantir muitas coisas.

O fim da vida é igual para todos, quer seja um ocaso ou uma suave transição, quer venha de forma violenta ou pacífica, quer termine no terror ou na plenitude. No final, todos são subtraídos do alcance dos que ainda permanecem vivos.

Apesar disso, os que ficam para trás respiram aliviados quando cai um poderoso e afortunado, pois somente a vida é poderosa, enquanto dura.

Onde mora o divino? Mora no abismo, num abismo infinito. Nesse abismo caímos todos.

### **Os sacerdotes**

Na concepção geral, os sacerdotes estão a serviço de Deus e proclamam sua vontade. Nos sacerdotes, Deus faz-se presente a seus fiéis.

Inversamente, os sacerdotes estão a serviço de seus fiéis. Apresentam-se diante de Deus em nome deles. Pedem a bênção dele e retornam com suas instruções e mandamentos.

Os sacerdotes são, portanto, intermediários entre seu deus e seus fiéis. Por isso, via de regra, somente por meio deles os fiéis têm acesso a seu deus. Deus não fala imediatamente a seus fiéis, ele fala através dos sacerdotes.

Por esta razão, os movimentos místicos que pretendem estabelecer uma relação imediata com Deus e com os últimos mistérios são um grande estorvo para as religiões estabelecidas e para seus sacerdotes, pois atuam além deles, sem pedir seus serviços de intermediários, sem temor deles e sem dependência.

Uma outra função dos sacerdotes era e continua sendo a de oferecer sacrifícios a Deus. Inicialmente eram sacrifícios humanos, principalmente o sacrifício de crianças, para reconciliar Deus com os homens e para que ele continuasse dedicado a eles. Posteriormente, os sacrifícios humanos foram substituídos por sacrifícios de animais. Eram abatidos e queimados, ou assados no fogo sobre um altar, como um aroma nutritivo para o deus. Com a ajuda dos sacrifícios, segundo pensavam, o ser humano era mantido em vida. Supõe-se que o mesmo acontecia anteriormente com os sacrifícios humanos. Somente assim faziam sentido. Por trás disso atua uma imagem de Deus como um canibal.

Mais tarde, como essa imagem parecia excessivamente cruel, ela foi encoberta por outras imagens e empurrada para o segundo plano. Por exemplo, na forma de sacrifício que aparentemente é a mais distante do sacrifício humano primitivo, o sacrifício da missa, em que a carne e o sangue originais se escondem sob a forma de pão e vinho. Mas apenas superficialmente, pois quem é oferecido a Deus pelos sacerdotes? Seu próprio filho.

Portanto, os sacerdotes no Cristianismo sacrificam a Deus o seu chamado "filho predileto".

Essa imagem vai mais longe. Originariamente, quando se sacrificava a um deus uma vítima, ela era — exceto nos casos de incineração, o holocausto — apenas parcialmente queimada. Uma parte, frequentemente a melhor, era deixada para o consumo dos sacerdotes, e outra parte para aqueles que tinham pagado pela vítima e em cujo nome ela fora oferecida pelos sacerdotes.

Nesses sacrifícios todos se sentavam com o deus em torno da mesma mesa. Comiam com ele a mesma carne e bebiam o mesmo sangue.

O mesmo acontece no sacrifício da missa. Todos se sentam à mesa com Deus. Comem com Deus a carne de seu filho, bebem com ele o seu sangue e acreditam unir-se assim a Deus.

O que nos sucederia se não houvesse mais sacerdotes?

Não haveria mais sacrifícios, não haveria sacrifícios humanos nem canibalismo disfarçado de Deus. Não haveria mais sacerdotes que se tornam, por sua vez, vítimas de seu deus, por exemplo, na Igreja Católica, pelo mandamento do celibato.

Na antiguidade, a serviço da deusa mãe Cibele, seus sacerdotes se castravam como num êxtase em seu serviço, como um sacrifício oferecido à deusa. O celibato é uma forma sublimada de castração.

Esses sacerdotes — para expressar isso de maneira radical, porém exata — ofereciam sacrifício e eram as próprias vítimas.

Podem esses sacerdotes ter compaixão? Ou, quando se oferece o caso, precisam ser cruéis como o deus a que servem?

Aqui existe algo mais a pensar. A que deus servem esses sacerdotes pelo celibato? Esse deus é um homem, é nosso pai, como Jesus o chamava? Ou uma deusa mãe colocou-se em seu lugar? O que é o culto de Maria, a assim chamada mãe de Deus, a não ser o culto de uma deusa mãe? Na consciência dos fiéis, principalmente onde se exige dos sacerdotes o celibato, ela foi amplamente colocada em primeiro lugar. Entretanto, em termos exatos, a deusa mãe para os sacerdotes católicos é a Igreja. Por isso nela somente homens podem tornar-se padres, padres castrados.

Como nos despedimos desse deus e de seus sacerdotes?

Em primeiro lugar, sem medo desse deus e de sua deusa e de seus sacerdotes.

Em segundo lugar, com amor à vida, tal qual ela é dada a cada um de nós por um poder, diante do qual tudo é radicalmente puro e recebe dele o seu ser. De um poder que está acima de tudo e que não precisa de sacrifícios nem os quer.

Em terceiro lugar, na entrega à vida, tal como foi dada a cada um de nós e presenteada sem intermediário por esse poder, que a mantém constantemente na existência.

Em quarto lugar, no amor a tudo e a todos, também aos fiéis e a seus sacerdotes, sem erguer-se acima deles, pois também eles são amados, como todos, por esse poder.

Em quinto lugar, com humildade, porque o que pensamos desse poder e o modo como nos dirigimos a ele permanecem insuficientes e limitados.

Contudo, a maneira como pensamos e cultuamos esse poder faz uma diferença em nossas relações com todas as coisas, tais como são, principalmente com outras pessoas.

Que diferença? Esse pensamento e esse culto servem à paz e à reconciliação com todos, sem sacrifícios e sem sacerdotes. Servem à paz e à reconciliação com aquele Deus escondido. Ele atua em todos com um amor criador que supera as diferenças introduzidas por nós.

Esse amor se volta imediatamente para todos, sem sacrifícios, presente a cada coração humano com um amor abrangente, constituindo uma unidade com ele e com todas as coisas, da forma como

são.

Tentarei descrever, por meio de uma história, o que essa mudança exige de nós.

## **O OUTRO DEUS**

Certa noite, um homem sonhou que ouvia a voz de Deus que lhe dizia: “Levanta-te, toma teu filho, teu único e querido filho, leva-o à montanha que te mostrarei e ali me oferece esse filho em sacrifício!”

*De manhã, o homem levantou-se, olhou para seu filho, seu único e querido filho, olhou para sua mulher, a mãe da criança, olhou para seu deus. Tomou o filho, levou-o à montanha, construiu um altar, amarrou as mãos do filho, puxou a faca e queria sacrificá-lo. Mas então ouviu uma outra voz e sacrificou uma ovelha em lugar do filho.<sup>7</sup>*

*Como esse filho olha para o pai?*

*Como o pai olha para o filho?*

*Como a mulher olha para o marido?*

*Como o marido olha para a mulher?*

*Como ambos olham para Deus?*

*E como Deus - se existe - olha para eles?*

*Um outro homem sonhou, à noite, que ouvia a voz de Deus que lhe dizia. “Levanta-te, toma teu filho, teu único e querido filho, leva-o à montanha que eu te mostrarei e ali me oferece esse filho em sacrifício!”*

*De manhã, o homem levantou-se, olhou para seu filho, seu único e querido filho, olhou para sua mulher, a mãe da criança, olhou para seu deus. E lhe resistiu face a face, dizendo: “Isso eu não vou fazer!”*

*Como esse filho olha para o pai?*

*Como o pai olha para o filho?*

*Como a mulher olha para o marido?*

*Como o marido olha para a mulher?*

*Como eles olham para Deus?*

*E como Deus - se existe - olha para eles?*

## **Os sacrifícios de crianças**

Muito tempo antes que as tribos israelitas invadissem a terra de Canaã e se apoderassem dela, havia aí uma crença religiosa muito difundida, que os pais garantiriam sua vida e seu futuro se sacrificassem a seu deus um de seus filhos. Via de regra, era o primogênito.

Depois de cuidadosas escavações, foi descoberto o santuário original em que essas crianças eram sacrificadas. No meio do santuário há um altar de pedra maciça, sobre o qual, ao que tudo indica, várias crianças foram ao mesmo tempo sacrificadas e queimadas. Caminhei em torno desse altar e recordei com amor essas crianças.

Esse testemunho, bem anterior à conquista da terra pelos israelitas, não nos traz também à memória a morte sacrificial de Jesus, em honra de seu pai no céu? Não existe também dentro da Igreja

---

<sup>7</sup> Alusão ao capítulo 22 do Livro do Gênesis, onde se conta como Abraão se dispôs a sacrificar seu filho Isaac por ordem de seu Deus. (N.T.)

a crença de que todos os que acreditam em Jesus são redimidos de seus pecados por sua morte na cruz, porque através desse sacrifício Deus reconciliou-se conosco e ficamos certos de seu perdão?

Aqui me antecipei. Mesmo depois da conquista da terra, era igualmente usual entre muitos israelitas sacrificarem a Deus seu primogênito. Esse deus chamava-se Moloch. Ele tinha um templo perto de Jerusalém e sua imagem tinha a forma de forno. Para lá os pais levavam seus filhos - provavelmente, os primogênitos - e os lançavam ao fogo desse forno divino, cantando em alta voz para abafar os gritos das crianças.

Muitos profetas combateram esse culto. Mas ele persistiu por muito tempo, até o fim de Jerusalém com o Cativo na Babilônia.

Esse culto persiste ainda entre os cristãos? Manifestamente sim, porém sob o disfarce de um rito piedoso. Os fiéis cristãos dizem então que consagram um filho a Deus, igualmente com a intenção de invocar para si a bênção de Deus.

Uma forma extremada em que essa ideia se disfarça é a morte pelo martírio. Deve causar-nos uma estranha impressão a maneira como são venerados os mártires na Igreja, a ponto de acreditar-se que até mesmo suas relíquias trazem salvação aos fiéis.

Volto a comentar as formas usuais de consagrar um filho a Deus. As virgens consagradas a Deus apresentam-se até mesmo como noivas de Cristo, consagradas a Deus por um santo matrimônio. Ele envolve a renúncia a um noivo terrestre e ter seus próprios filhos. Entretanto, os pais ficavam orgulhosos de tais filhas porque, com seu sacrifício, elas lhes traziam as bênçãos de Deus.

Algo semelhante vale para os filhos homens que se dispuseram a ingressar numa ordem religiosa, principalmente os que se tornaram padres. Também eles precisaram renunciar ao casamento, para maior glória de Deus, e viver apenas para Deus que, de acordo com a crença, tinha por eles e por sua família uma especial benevolência.

Comparados aos anteriores sacrifícios de crianças, nesses sacrifícios não há derramamento de sangue, assim como no incruento sacrifício da missa, em que a morte cruenta de Jesus é retomada e repetida. Entretanto, também esses sacrifícios exigem dos sacrificados coisas extremas.

Limitei-me aqui à Igreja. Entretanto, essa imagem de sacrifícios humanos atua de modo semelhante em outros domínios, até mesmo com derramamento de sangue.

Quando soldados alemães saíam para os campos de batalha, eles cantavam:

*Alemanha, olha para nós.*

*Consagramos-te nossa morte como a menor das ações.*

*Se ela beijar nossas fileiras,*

*Seremos a grande colheita.*

Que mitos continuam atuando aqui? Estamos imunizados contra eles? Também em nosso caso precisamos de uma despedida e de uma desmitificação com efeitos profundos. Se ela tiver êxito, conseguiremos despedir-nos da imagem de um deus que quer o sacrifício de filhos e conseguiremos despedir-nos de uma imagem de Jesus que incentiva essa crença, por exemplo, imaginando que carregamos sua cruz, junto com ele.

Com essa despedida, conseguiremos abandonar todos os deuses que, para assegurar a própria glória, exigem sacrifícios humanos, sejam quais forem os seus disfarces.

Aonde chegaremos em seguida? Superando esses deuses, chegaremos a um outro tipo de amor, que não quer sacrifícios e não precisa deles.

Quantos sacrifícios e quantas renúncias nos dispusemos a fazer para aplacar um deus? Quantos sacrifícios e quanta privação já exigimos dos outros, ou impusemos a eles, para reconciliar nosso deus e torná-lo compassivo? De que lado estivemos? De ambos os lados?

Como podemos livrar-nos dessa imagem de Deus?

Deixamos que ela caia.

Como? Com amor por todos e por nós mesmos.

## **Deus está morto**

Espero que vocês não se assustem com este título, como se eu me arrogasse algo que não pertence a ninguém. Eu mesmo me assusto com esse título. Porém, ele é sustentado por uma experiência que estou transmitindo a vocês.

Durante um seminário na Holanda dedicado a movimentos que levam ao sucesso de organizações, um participante quis experimentar, para si mesmo e em geral, o que se revela quando encaramos a Igreja como uma organização, e que indicações receberíamos de uma constelação familiar sobre os movimentos que manifestam o poder ou a impotência da Igreja.

Nas constelações familiares põe-se em movimento, através dos representantes, algo sobre que eles não influem. Sentem-se tomados por outras forças que os levam, além de seus desejos e de seus medos, a compreensões e a domínios que até então lhes permaneciam ocultos. Limite-me a relatar o processo que se desenrolou sem palavras, em total silêncio.

Pedi ao dirigente do curso que escolhesse entre os participantes do grupo - eram cerca de 160 - uma mulher para que subisse ao palco. Eu disse a ela: “Você representa a organização Igreja.” Ela se postou ali e ficou olhando para frente.

Depois de algum tempo, pedi ao dirigente que escolhesse um homem na plateia. Quando ele chegou ao palco, eu lhe disse: “Você representa Jesus”, e pedi-lhe que ficasse diante da representante da organização Igreja.

Como já foi mencionado, tudo transcorreu por iniciativa dos representantes, sem palavras. Eles se deixaram levar para outros lugares e seguiram seus movimentos internos.

Por algum tempo, o representante de Jesus postou-se diante da Igreja, a uma certa distância. Depois afastou-se dela, virando-se para a direita, sem ficar muito longe, e ficou olhando nessa direção.

Em seguida pedi ao dirigente que escolhesse outro homem do público, para representar Deus.

Esse representante subiu a escada para o palco, mas parou no último degrau, sem entrar no palco. Ficou olhando apenas para Jesus, que por sua vez o encarava sem mover-se. Depois de algum tempo, Jesus deu dois pequenos passos na direção de Deus. Em seguida, afastou-se dele com passos pequenos, mas numerosos.

Depois de mais algum tempo, o representante de Deus entrou no palco. Então Jesus caminhou muito lentamente, com pequenos passos, em sua direção. Quando se encontraram, Jesus e Deus abraçaram-se por longo tempo, com ternura. Depois Jesus despreendeu-se de Deus. Caminhou para trás, distanciando-se muito de Deus, mas continuando a olhar para ele. Por algum tempo, ambos se encararam. Nenhum deles olhara para a Igreja.

Então a representante da Igreja pôs-se em movimento. Inclinou-se muito para frente e ficou olhando para o chão. Numa constelação familiar, esse movimento mostra que alguém está olhando para um morto ou para muitos mortos.

Fiz então com que uma outra representante se deitasse de costas no chão, diante da Igreja.

O efeito desse movimento foi surpreendente. O representante de Deus abaixou-se, ajoelhou-se ao lado da morta, curvou profundamente a cabeça e começou a chorar.

Depois de algum tempo, deitou-se ao lado da morta, como se também estivesse morto.

Assim terminou a constelação.

Nietzsche disse certa vez uma frase que foi recebida como uma provocação: “Deus está morto.” Esta frase lhe ocorreu em seguida a uma profunda compreensão que o assustou imensamente. A partir de então, ele foi tomado por uma profunda saudade do deus desconhecido.

Na constelação que descrevi, revelou-se a mesma coisa: “Deus está morto”, embora não possamos tomar isso como prova dessa afirmação, pois esses movimentos têm um grande alcance.

Curiosamente, depois da morte de Deus nessa constelação, muitas pessoas ficaram aliviadas. Além dos representantes, muitos participantes foram tomados por uma compreensão e por um movimento numa outra direção. Para onde? Para além da imagem que a Igreja faz de Deus. E também, por mais ousado que pareça, para além da imagem que Jesus fazia de Deus. Precisamos reconhecer e sentir profundamente em nossa alma que também esse Deus está morto. Estava morto para Jesus e está morto para a Igreja.

Esse Deus está morto e, não obstante, existe. Existe de uma outra forma. Ele chorou.

## O VAZIO

### **Eu giro em torno de Deus**

Num poema do *Livro das Horas*, escreve Rainer Maria Rilke:

*Eu giro em torno de Deus,*

*Daquela torre antiquíssima,*

*E venho girando há milênios;*

*E ainda não sei*

*Se sou um falcão,*

*Uma tempestade*

*Ou um grande hino.*

Tudo em nós gira em torno de algo: nossos pensamentos, nosso sangue, nossos desejos, nossos medos, nossas esperanças, nosso amor. Embora nos sintamos e nos movamos no interior desses círculos, o centro que rodeamos nos permanece oculto.

Rilke chama de Deus esse centro. Mas não o conhece. Sente-se atraído por ele, sem jamais alcançá-lo. O que lhe resta depois dessas voltas? Um grande hino.

Em torno de quem, ou em torno de quê nós giramos? O que nos atrai a ponto de ficarmos gravitando em volta disso? Em torno de que realidade giramos, como se a tomássemos por Deus?

A realidade, em torno da qual giramos, pode ser como Deus? Criamos uma imagem dela como se fosse nosso verdadeiro centro? As voltas são tão estreitas que, de repente, nosso eu ocupa o centro? Ou são largas e cada vez se ampliam mais, porque se traçam com amor em torno de um centro último e vazio, e no final ficamos silenciosos e admiramos? Tornamo-nos também um hino?

Quando olhamos em torno de nós e para o mundo onde vivemos, o que se tornou para muitos o centro de seus giros? O que se tornou para eles aquela torre antiquíssima, em torno da qual gravitam?

O que ficou sendo para nós essa torre, atraindo nosso olhar? Por acaso giramos em torno disso sem encontrar aquele centro que nos faz parar? Deixamo-nos levar, também nós, nesse movimento milenar? Sua torre tornou-se a nossa torre? Chegamos a venerá-la como se fosse o nosso centro? Pode esse centro ser real, a ponto de exceder nossas imagens e nosso anseio? Por quantos milênios precisaremos rodear essa torre até que reconhecamos que fomos nós que a construímos?

Se essa torre desabafo que acontecerá com nossos giros? Construiremos uma nova torre para gravitar em torno dela? Ou pararemos e olharemos para um centro vazio?

O que cessa nesse centro?

Em primeiro lugar, cessam nossas imagens de Deus — todas as imagens de Deus.

Em segundo lugar, cessam nossos medos e com eles nossas imagens de culpa e castigo, reparação e reconciliação.

Em terceiro lugar, cessam nossas representações de um céu e um inferno, e de uma redenção através de um sacrifício sangrento.

Em quarto lugar, cessa nossa arrogância, como se fôssemos melhores do que os outros e tivéssemos o direito e a obrigação de convertê-los à nossa imagem de Deus.

E o que resta para nós? Resta-nos um grande hino. Resta um hino coletivo. Resta-nos um hino liberado, um hino de louvor a tudo, tal como é, e tal como vem. Resta-nos a entrega a um Último misterioso, que rodeamos e que nos rodeia. Como ele nos rodeia? De uma forma criadora, nova a cada momento.

## **O Imenso**

O Imenso não tem nome, senão seria mensurável e, portanto, limitado. O Imenso permanece sem nome.

Não obstante, o Imenso é percebido. Em quê? Em sua atuação. Como ele é percebido? É constantemente percebido, sem que possamos compreendê-lo.

Ele é o início de todo mensurável, embora não esteja sujeito à medida, como se também ele tivesse um começo. Para nós o Imenso não é apenas sem nome, ele é também sem começo.

Pode o Imenso assemelhar-se às dez mil coisas de que fala Lao-Tse no *Tao Te King*? Ou o Imenso é uma pura ação, uma ação criadora? Todo ser, todo ser mensurável, provém, portanto, de um vazio infinito que transcende todos os seres e que, não obstante, pode ser medido neles quando considerado de perto.

O que acontece conosco quando tentamos medi-lo, como se pudéssemos apropriar-nos dele?

Ficamos cegos para o essencial. Ficamos cegos para nosso início e para nossos limites.

Para que mais ficamos cegos? Ficamos cegos para nosso futuro. Pois em que outro lugar ele pode estar, se não lá, de onde viemos, além de tudo que existe?

O que acontece com aquilo que consideramos e veneramos como uma origem mensurável? Demos-lhe até mesmo um nome e o descrevemos como alguém que age e deve agir de modo semelhante a nós — por exemplo, distinguindo entre o bom e o mau, ou recompensando os pretensos bons e banindo os maus de sua proximidade. Permitimo-nos considerá-lo como pertencente a nós, como se estivesse do nosso lado e contra os outros? Em nome dele, fazemos guerra a outros, para ampliar o seu reino e a sua jurisdição, e para que nos imponha mandamentos e proibições, todos eles exatamente mensuráveis?

Em que medida me desviei do Imenso, voltando-me para o que pode ser medido em seus menores

detalhes?

Desviei-me para as pretensas religiões, para o domínio do aparentemente imenso, que nós próprios fabricamos. Pode haver uma confusão e uma arrogância mais ambiciosas do que essas?

Que fizemos de nosso mundo com essa arrogância? Que fizemos de nossa humanidade? De nosso começo e de nosso fim? Que fizemos de nossa imensidão?

Com devoção voltamos ao Imenso que não tem nome, abandonando nossos inúmeros nomes, abandonando nossa arrogância, e retornamos ao temporário, aos nossos limites.

Que significa, isso para o nosso dia a dia? Ultrapassando o que está próximo, olhamos para aquele sem nome, presente em nosso dia a dia, por menor que nos pareça. Permanecemos sem fala diante de sua imensidade - e também diante de sua imensidade em nós.

### **Tocados**

Sentimo-nos tocados quando uma notícia nos atinge o coração, por exemplo, a morte de uma pessoa querida. Assim tocados, sentimo-nos unidos a ela e às pessoas enlutadas, e silenciamos.

Sentimo-nos também tocados quando reconhecemos que estávamos num caminho que mais nos afastou do que nos aproximou dos outros. Tocados, mudamos e voltamos a eles.

Quando pessoas que se amam sentem-se tocadas dessa maneira, dedicam-se uma à outra de um modo que as deixa mais atentas entre si.

Sentimo-nos igualmente tocados quando reconhecemos como foram inúteis tantas coisas que perseguimos com zelo, apenas para verificar, no final, que tiraram mais de nós e dos outros, do que nos deram.

Fomos tocados com suficiente profundidade para refletir e mudar? Ou continuamos tentando o mesmo, porque a mudança parece exigir-nos demais? Qual é o resultado? No final, tocados, desistimos.

O que nos toca mais profundamente? É a necessidade de reconhecermos que a fé em Deus, à qual até agora nos apegávamos, se revela como inconsistente.

Para onde podemos ir então? Em quem ainda podemos crer? Como voltaremos a nós?

Voltamos à razão. Voltamos à natureza e à nossa mãe-terra. Somos tocados por sua riqueza, por sua sabedoria e por sua dedicação.

O que mais nos toca é o amor. Principalmente o amor a um parceiro de vida e a nossos filhos. A cada dia sentimo-nos novamente tocados nesse amor pelas muitas atenções que nos dedicamos reciprocamente. Elas comovem da maneira mais profunda o nosso coração. Tantas surpresas a cada dia, tantos sinais de amor!

Assim nos sentimos constantemente tocados por muitos encontros. Por exemplo, pela visão de uma flor ou por seu perfume. Pela visão de crianças brincando. Pelo aconchego de um gato.

Às vezes algo fica excessivo para nós. Então, em vez de deixar-nos tocar por inteiro, desligamo-nos prematuramente e desperdiçamos o que nos é mostrado e presenteado com tanto amor. Portanto, é melhor que permaneçamos em nossa emoção e a saboreemos até que decline. Como? Com amor.

### **Alegria, bela centelha dos deuses<sup>8</sup>**

A alegria precisa da luz. Ela busca a luz, torna-se luz. A alegria brilha, seus olhos cintilam. Essa alegria une. Ela nos faz esquecer o que separa.

---

8 "Freude schöner Götterfunken", verso da Ode à Alegria, de Schiller, musicada por Beethoven em sua Nona Sinfonia. (N.T.)

De onde vem essa alegria? Vem de nós? Pode vir de nós? Nós a sentimos como uma centelha dos deuses, como a luz de um poder criador. Só podemos imaginar esse divino como infinitamente maior. Por isso, a imagem da centelha permanece em primeiro plano.

Na Bíblia se diz que Deus, depois dos seis dias da criação, olhou para tudo que tinha criado e o achou muito bom. Não apareceu então um brilho em seus olhos?

Como se mostra essa alegria em nós? Também ela é alegria por tudo, tal como é.

Quando nos sentimos atribulados e sem alegria, o que nos aconteceu antes? Rejeitamos algo que existe? Em nós e nos outros? Perdemos com isso a alegria?

Portanto, voltemos a alegria, alegremo-nos por tudo o que existe e deixemos nossos olhos brilhar de alegria.

A bem dizer, essa alegria começa em nós e por nós. Porém a verdadeira alegria vai mais fundo. Ela existe porque temos um pai e uma mãe.

Onde começa nossa alegria por nós? Começa com nossa; alegria por nossos pais.

Imagino que Deus olha para nossos pais, tais como os fez. Como ele mostra sua alegria por eles? Com que centelhas divinas? Ele os acha muito bons.

Somente quando também nós achamos nossos pais muito bons, tais como são, achamo-nos bons também, e conosco tudo o mais. Aí achamos a grande alegria, uma alegria contagiante. Levados por ela, nós nos damos as mãos e dançamos a dança da vida.

Essa alegria é uma alegria do espírito, uma alegria abrangente, sem condições ou restrições. Ela é pura alegria de viver. E pura felicidade.

## **A renúncia**

Falamos de renúncia quando abandonamos algo a que antes estávamos entregues: um vício, por exemplo. Logo que renunciamos a ele, ficamos livres para uma vida saudável.

Algumas renúncias vão longe demais, a ponto de levar-nos a renunciar à vida, como se nossa vida impedisse algo maior.

Nos primeiros séculos do Cristianismo, a privação foi levada ao extremo por algumas pessoas. Por exemplo, os chamados santos das colunas passavam toda a sua vida de pé sobre uma coluna. Por trás dessa renúncia atuava a ideia de que, por meio dela, alguém poderia igualar-se aos anjos incorpóreos.

Semelhantes renúncias continuam a ser encontradas em muitos domínios: por exemplo, em certos iogues, bem como em pessoas que se disciplinam a ponto de tentar viver sem alimento.

De que domínios da vida eles se privam com essa renúncia? Privam-se da comunidade com outras pessoas. Permanecem isolados, a não ser que fundem sua própria comunidade.

São exemplos extremos de renúncias. Mas não agimos de forma semelhante quando nos contentamos com pouco, apesar de tudo que nos é dado pela natureza e por outras pessoas? Muitos renunciam à saúde e à vida, expondo-se a perigos que podem custar-lhes ambas as coisas.

Como aprendemos a abrir mão de tais renúncias? Como encontramos força para isso? Nós a encontramos na alegria por tudo que serve à vida e ao amor. Tomamos a vida, tal como nos é presenteada. Alegremo-nos com ela e a partilhamos.

Isso nos torna seres especiais? Ou, pelo contrário, quando reconhecemos nossas necessidades tornamo-nos, de uma linda maneira, equiparados e iguais aos outros seres humanos?

A renúncia, de que falo, não deve ser confundida com a justa medida. Esta também exige de nós uma certa renúncia, mas sem tirar-nos coisa alguma; pelo contrário. Ela acontece, por exemplo, quando renunciamos a desejos que mais nos prejudicam que nos servem.

Em que situações ocorrem principalmente nossos desvios da justa medida? Eles se relacionam, muitas vezes, ao fato de que num determinado plano sentimos falta de algo, e buscamos em outro lugar algo que nos console dessa perda. Essa perda é sentida fisicamente, inclusive no nível de nossa saúde.

No entanto, ela é sobretudo uma perda na área de nossas relações, principalmente a perda de um dos pais. Quando o reencontramos e podemos permanecer com ele, torna-se natural para nós a moderação a serviço da saúde. Ela se torna fácil e sem esforço para nós.

Em que outro nível é conveniente guardar medida e renunciar? Devemos ser moderados no nível do espírito. Por outras palavras, preferindo, às vezes, saber menos a saber mais. Por exemplo, querendo saber menos sobre aquilo que prejudica nossas relações e nosso amor.

Também queremos saber menos sobre o deus que seguimos, sobre suas promessas e suas ameaças. Essas ameaças compelem muitos a renúncias que prejudicam a vida e o amor.

Como denominamos aquela renúncia que nos livra desse deus? Nós a denominamos razão. Essa renúncia ajuda o recolhimento, porque também ele é uma renúncia. Ao mesmo tempo, ele nos enriquece. É um recolhimento que visa o essencial e, conseqüentemente, um recolhimento que visa mais. Mais compreensão, mais empenho em alcançar metas onde encontramos nossa plenitude de corpo e de alma. Essa plenitude chama-se amor.

### **“Oh, vida, vida, tempo estranho”**

Assim começa Rainer Maria Rilke um poema. Ele continua:

*“variando de contradição em contradição,  
muitas vezes tão má, tão pesada, tão sorradeira em seu curso  
e, de repente, com suas grandes asas  
indescritivelmente abertas,  
é semelhante a um anjo,  
oh, inexplicável,  
oh, tempo de vida.  
Entre todas as existências ousadas  
haverá outra mais ardente e arrojada?  
Nós nos postamos e resistimos contra nossos limites  
E arrancamos daí um incognoscível. ”*

A vida nos inunda, nova e inteira em cada momento. Consideramos natural que estejamos vivos. Tão natural que pensamos que temos a vida, e a chamamos de “nossa vida”.

O fato de que a vida pode acabar subitamente nos mostra quão pouco nós a temos. De repente, ela cessa. Assim como veio, ela nos abandona. Ela vem e vai.

O que aconteceu à nossa vida antes, e o que lhe acontece depois? Ela já existia e continuará existindo?

Ela já existia em nossos pais e em nossos antepassados, e continua em nossos filhos.

Mas ela continuará em nós depois que abandonar nosso corpo, e deixar-nos inanimados? Por outras palavras: Nossa vida já existia antes de nosso corpo? Ela continuará depois, independentemente dele? A vida será algo do espírito, que vem e vai porque vem de outra origem e vai para outro destino? Existe, portanto, independentemente de nosso corpo e para além dele? E o principal: existe independentemente de nosso eu, antes e depois dele? Nossos pensamentos a respeito de nossa vida são tão contraditórios que não podemos apoiar-nos em nenhum deles? Nossa vida aqui, do seu início até o seu fim, permanece tão inexplicável, ousada e grande que não podemos segurá-la?

Contudo, nossa vida também anima e ocupa, além de nosso corpo, o campo do grupo a que pertencemos. Assim nossa família tem, além de nós, uma vida própria, e o mesmo acontece com o povo e a língua, a religião e a cultura em que nascemos. Já existiam antes de nós e continuarão a existir depois de nós.

Esse campo vivo é mais poderoso do que nossa vida corporal, de modo que esta permanece subordinada a ele e até mesmo lhe é sacrificada. Por exemplo, numa guerra.

Platão dá a esse campo o nome de mundo das ideias. Essas ideias se incarnam igualmente em nosso corpo e em nossa cultura, entendida aqui em sua acepção mais ampla. Para Platão, essas ideias, ao contrário de nosso corpo e de seu destino, eram eternas.

Existe, nesse sentido, uma vida eterna da qual participamos, mesmo depois que tivermos abençoado o temporário?

Nosso eu participa dessa vida? Ele continuará a viver nesse campo?

Manifestamente, sim. Se assim não fosse, nosso eu não poderia retornar e dar-se a perceber aos vivos - seja imediatamente, trazendo-lhes alguma notícia, consumindo-os ou prejudicando-os; seja mediamente, por meio de suas luzes e suas conquistas, que continuam a atuar depois de sua morte. Exemplos disso são os grandes filósofos e pensadores, ou os grandes artistas e compositores, a cujas obras temos hoje um fácil acesso.

Pergunto ainda: Não postergamos, às vezes, algo que nossa vida está pronta a presentear-nos e também exige de nós? Adiamos isso, tanto em nossa vida atual quanto para uma outra vida, um outro renascimento? Enfraquecemo-nos com isso, em vez de viver nossa vida atual plenamente, até seus limites possíveis para nós?

Em seu poema, Rilke responde a isso:

*“Nós nos postamos e resistimos contra nossos limites  
e arrancamos daí um incognoscível.”*

## **A plenitude**

O verdadeiro Deus, aquela força oculta infinita da qual tudo se origina e que nos mantém na existência em cada momento, é um Deus de plenitude. Tudo o que pressuponha que essa força quer menos do que mais, que prefere a pobreza à riqueza em todas as suas manifestações, implica pressupor que essa força também é pobre, e que quer que os outros permaneçam pobres ou fiquem pobres. Implica também pressupor que, quando ficamos pobres, proporcionamos a essa força algo que lhe falta: por exemplo, adoração, louvor, reparação e até mesmo uma morte terrível, como, por exemplo, a morte de Jesus na cruz.

Aqui todos os pressupostos estão errados. Quem se colocou aqui no lugar daquele poder criador? Quem subordinou essa força a si mesmo, como se ela precisasse dele, e não ele dela?

Como foi possível chegar a essa distorção da realidade criadora? No Judaísmo e no Cristianismo, a causa disso foi a história da expulsão do primeiro casal humano do paraíso.

O que foi alegado como motivo dessa expulsão? Essas pessoas comeram da árvore do conhecimento. Que espécie de conhecimento foi esse? Eles conheceram a diferença entre o bem e o mal. No mesmo momento reconheceram que estavam nus. Reconheceram-se como homem e mulher.

Qual foi o resultado? Eles se conheceram de uma forma pela qual a mulher ficou grávida do homem. Ela se tornou criadora e, dessa maneira, igual ao poder criador primordial.

Algo mais aconteceu com sua expulsão do paraíso. Eles começaram a cultivar a terra, igualmente de acordo com aquele poder criador que os criou no início como homem e mulher, à semelhança dele. Apenas depois do chamado pecado original eles consumaram o ato para o qual essa força os criara como homem e mulher.

Isso explica a razão pela qual justamente aquilo que une, de forma criadora, o homem e a mulher seja visto por muitos cristãos como o grande pecado, e a renúncia a ele seja tida como; o meio de reconciliá-los com esse poder primordial e torná-los unidos a ele.

Aqui houve uma inversão total. Onde fica a harmonia com aquele poder primordial, cujos movimentos criadores prosseguem interminavelmente, principalmente no ser humano e por meio dele?

Onde encontramos, então, o Deus desconhecido? Nós o encontramos na plenitude, na plenitude de nosso corpo, com todo prazer que nos é dado quando, sob todos os aspectos, percebemos nele esse poder criador em ação.

Sentimos essa plenitude em tudo que conseguimos realizar criadoramente com prazer, em sintonia com tudo que existe. Por exemplo, no domínio do espírito, em toda grande arte, em todas as expressões da música elevada, na plenitude de novos conhecimentos sobre os mistérios do cosmos, sobre os quais sempre nos julgamos iniciantes, por mais longe que nos pareça termos chegado. Toda plenitude é um começo, inclusive a plenitude do Deus desconhecido, seja onde for que ela se manifeste, num movimento que para nós é infinito. Diante dessa plenitude permanecemos mudos. Por mais longe que chegue nosso conhecimento, em sua infinidade essa plenitude permanece para nós sempre como um vazio.

### **A reflexão**

Quando queremos entender melhor alguma coisa, tomamos tempo e refletimos a respeito. Quando se trata dos prós e contras de uma ação, refletimos se podemos realizá-la e até onde precisamos chegar. Quando sugerimos algo a alguém, perguntamos-lhe mais tarde: Você já refletiu a respeito? É geralmente sabido que, antes de tomar uma atitude e decidir alguma coisa, precisamos dormir sobre o assunto.

Quando refletimos sobre algo dessa maneira, para onde vamos? Já pensamos no que acontece conosco nessas ocasiões?

Com essa reflexão, procuramos conectar-nos com um outro saber, longe do pensamento habitual. Sentimos esse pensamento antes na barriga que na cabeça. Portanto, o pensamento está situado num lugar mais profundo e mais próximo da terra. Nós o sentimos quando estamos sintonizados com forças maiores e com nossa vida em sua totalidade.

Considerando mais precisamente, nossa reflexão é mais sentida do que pensada. Testamos nossos pensamentos pela maneira como eles se fazem sentir. Somente então sabemos o que queremos e o que importa.

Esses sentimentos também podem iludir. Às vezes eles fogem, junto conosco. Agimos sem refletir muito — por exemplo, no amor, mas também no ódio. Por isso precisamos distinguir entre os sentimentos.

O sentimento da barriga, que nos põe em ligação com a terra, é centrado. Como ele vibra com a terra, permanece cauteloso. Não tem pressa.

Muitas vezes é a primeira impressão, o sentimento imediato, que se revela como acertado. Mas também aqui é melhor, via de regra, somente agir quando estivermos seguros.

Muitas vezes a ação é impedida por medos profundos. Nosso ambiente nos impõe diversas proibições de pensar. Por isso nos perguntamos, de vez em quando: Podemos realmente pensar isso? Mais: Podemos realmente dizer isso? Mais ainda: Podemos também agir de acordo com isso?

Quando infringimos essas proibições de pensar, pode acontecer que sejamos excluídos do grupo que para nós é vitalmente importante. Essas proibições podem inclusive custar-nos a vida. Antigamente isso aconteceu com muitos dissidentes, por exemplo, com os hereges.

Hoje em dia, numa sociedade esclarecida, a liberdade de pensamento nos protege disso em larga medida. Entretanto, também aí, apenas dentro de determinados limites. Basta que nos lembremos aqui do que é chamado de “politicamente correto”.

Mesmo nessas condições precisamos ponderar até onde pode ir o nosso pensamento, principalmente aquele que expressamos em público.

É claro que os pensamentos, propriamente ditos, são livres. Mas é melhor ponderarmos até que ponto podemos expressá-los e em que medida podemos agir em consonância com eles.

Veza por outra, uma frase nos sai irrefletidamente da boca. Os que a ouvem ficam assustados, principalmente nós mesmos. Ao mesmo tempo, sentem-se liberados. Finalmente isso foi dito. Foi o que aconteceu naquela fábula, em que o rei desfilou nu diante da multidão que o aclamava, e ninguém ousava olhar ou comentar. Foi quando uma criancinha disse claramente, em alta voz: “Ele está nu!”

Quem refletiu aí e disse isso? Aqui atuou um outro poder, que finalmente também trouxe à luz o que era negado por tanto tempo. Graças a Deus.

## **O coração**

O coração está situado num local profundo, mais baixo do que nossa cabeça. E está protegido. Ao mesmo tempo, está mais alto do que nosso ventre. Assim, situa-se exatamente entre o de cima e o de baixo. Nosso coração está no meio. Ele conecta o superior e o inferior, o direito e o esquerdo, o anterior e o posterior. O coração reage a qualquer coisa, muitas vezes antes que ela se manifeste. Nosso coração a antecipa, prepara-se para ela. Por isso ele percebe o futuro, antes que nossos demais sentidos se preparem para ele.

Onde está o centro de nossa percepção? Nós o sentimos em nosso coração e com ele. Ele supera de muito qualquer outra percepção. O coração é nosso centro, sob todos os aspectos.

Como chegamos ao nosso verdadeiro centro? Como chegamos ao centro intelectual? Como chegamos ao centro de tudo que existe, de tudo que existiu e de tudo que existirá? Sentimos esse centro com o pulsar de nosso coração. Neste momento. Agora.

Onde pulsa o coração daquele poder criador que nos trouxe à vida e que nos mantém na existência de um modo sábio e poderoso, juntamente com tudo que existiu e que existirá?

O coração desse poder criador pulsa em nós com seu amor, pulsa em nosso coração.

Como nos tornamos piedosos? Como nos tornamos devotos? Quando pulsa nosso coração, junto

com o coração de tudo que existe?

Ele pulsa tranquila e profundamente, em sintonia com esse coração e dedicado a ele, sempre que, com nosso coração, deixamo-nos aproximar da respiração e da atuação desse outro coração.

Com o pulsar desse coração tornamo-nos amplamente abertos. Com o pulsar desse coração cessam nossos medos, principalmente os medos do futuro. Com o pulsar desse coração sentimo-nos saudáveis, originalmente saudáveis. Com o pulsar desse coração sentimo-nos piedosos, porque totalmente concordes com nosso começo e com nosso fim, seja como for que este nos encontre, em sintonia com esse fim temporário. Esse coração eterno pulsa sempre.

### **O suficiente**

Cada movimento visa a uma meta. Quando ela é alcançada, ele volta ao repouso, até que, a partir de outro estímulo, é impelido e levado ao próximo movimento em direção à meta seguinte.

Nossos movimentos se processam, portanto, entre duas suficiências. Eles vão de uma suficiência à seguinte, desde que permaneçamos em harmonia com aquele movimento que mantém tudo em movimento entre uma suficiência e a seguinte, sendo, portanto, neste sentido, um movimento ininterrupto.

Percebemos esse movimento como um movimento divino, no qual não podemos interferir, a não ser tentando desviá-lo numa direção que serve a uma meta egoísta e contrapõe nosso movimento ao movimento divino. Isso, porém, só acontece na aparência, e a um alto custo, pelo qual o movimento divino se impõe, de modo que também nesse caso permanecemos sujeitos a ele e a seu serviço.

Qual é a derradeira suficiência? É a suficiência de uma vida consumada. Uma suficiência divina.

Onde ficam então nossas imagens de um deus que conquistamos em função de nossa suficiência, do qual escapamos por nosso conceito de suficiência, e que até mesmo podemos aborrecer e indispor contra nós? Por exemplo, por meio de nossa insuficiência e da culpa que colocamos contra ele? Em que estreitos limites pensamos e agimos com nossos medos e nossa reparação? Os mitos de todas as religiões movem-se dentro desse círculo vicioso, para escapar da rejeição dos deuses e de sua cólera.

E onde fica o outro Deus? Podemos percebê-lo em nossos movimentos? Precisamos imaginá-lo para encontrar-nos pessoalmente com ele, tanto no bom sentido quanto no mau? Ele tem para nós um passado? Tem para nós um futuro, seja como recompensa ou como punição, como escolha ou como condenação?

Como pode o Eterno, do qual tudo provém, tal como é, que tudo move, tal como se move, e a que tudo permanece ligado, seja como for e em qualquer direção que se mova, como pode esse Eterno ser apropriado por nós e colocado a nosso serviço? Como pode ser apropriado contra outros ou a favor de outros?

Não obstante, as religiões, quase todas, movem-se nessas ideias, por mais absurdas que pareçam.

Onde ficamos no fim, com nossa esperança, nosso temor e nossas imagens do bem e da culpa? Onde podemos deixá-las?

Deixamo-las para fora do momento, do agora. Somente ele é suficiente, e nossos corações, nesse momento, ficam em total harmonia com tudo o mais e também conosco, dedicados ao momento com amor, como também com seu vazio.

Onde fico com minhas ideias de Deus? Apenas neste momento, agora. No próximo momento já estarei esvaziado delas, devotamente vazio.

**“Vem, ó Última, que eu reconheço”**

O que nos chega por último, antes que venha o fim? É uma dor? Uma visão luminosa? Uma revolta? Uma dança?

A Última dá prévio aviso? Ou surge de repente? Espera muito tempo ou apanha-nos pela mão numa fração de segundo, detendo o nosso curso?

Vem, ó Última, eu te reconheço. Eu me submeto a ti, seja como for que me toques, seja qual for o teu tempo de espera.

Eu te aguardo sem te aguardar. Meu olhar e meu anseio ainda estão atados a outras coisas que me tocam imediatamente, temporariamente. Como se eu tivesse tempo.

Contudo, quem ou o que será essa Última nesta vida, é algo que está oculto de mim, antes que se faça presente. Tudo que a precedeu será por ela superado.

Quando essa Última comparecer, estarei preparado? Ou me surpreenderá?

Essa Última não precisa vir, pois está sempre perto, embora não se revele. É uma companheira de caminhada. Ela caminha conosco para onde quer que vamos, à distância do comprimento de um braço, mas sem tocar-nos. Quando nos toca, começa a passagem, longa ou breve.

Depois que, há muito tempo, já a conhecemos, quando já a percebemos ou, sem ver o seu rosto, a pressentimos como amiga e ajudante em várias situações, nunca mais nos afastamos dela em tudo que fazemos. Familiarizamos-nos com ela.

Como transcorre então nossa vida? Transcorre serenamente, com uma tranquilidade centrada, seja o que for que nos aconteça.

Então participaremos menos da vida plena? Ou participaremos dela mais amplamente? Participaremos dela de modo mais centrado, mais essencial, mais amplo, mais desperto, ocupando-nos de tudo, seja como for que ela venha?

Desde o início, percebemos em cada coisa também o seu fim, sem deixar-nos desviar do que está diante de nós. Agora passamos a tomá-la em sua plenitude.

Contudo, nós a tomamos provisoriamente, como algo que logo passa. Tanto mais leves nos sentimos. Nada nos prende ou nos retarda. Justamente assim estamos totalmente presentes, abertos a tudo que vem, e também à Última.

Podemos preparar-nos para ela? Precisamos preparar-nos para ela?

A vida plena prepara-nos da maneira mais completa. Todas as restrições, todas as privações e renúncias impedem a plenitude que nos mantém abertos para a Última e para sua consumação. Quando vivemos nessa plenitude, do modo como ela nos convém aqui, estamos sempre preparados para dizer: “Vem, ó derradeira, eu te reconheço, seja quem for ou o que for que nos complete.”

Há mais uma coisa que nos ajuda a encarar serenamente essa Última: olhar para além dela, para uma força que tudo dirige, venha como vier. Para essa força existe sempre o início, algo que nos leva adiante depois de cada fim.

Para onde ela nos conduz é algo que permanece oculto para nós. Mas já nessa vida nos sentimos, em cada momento, guiados por outras forças. Confiamos em que elas nos levem, ultrapassando nossa Última, a um novo começo, a uma outra plenitude, muito superior à nossa plenitude atual.

Em sintonia com ela, estamos abertos para a nossa Última nesta vida, sabendo que ela nos leva para um outro lugar, sem que pressintamos para onde.

Para onde, portanto, vai nossa oração: “Vem, ó Última, que eu reconheço”?

Ela vai para esse início que a ultrapassa. Como? Com confiança, entregues a ele em nossa Última,

seja como for que venha, unidos agora com ele no mais profundo, unidos com amor.

## **O além**

Quando falamos do além, precisamos perguntar-nos: além de quê? Em contraposição ao além, que é o lado de lá, falamos do aquém, o lado de cá, e também precisamos perguntar-nos: aquém de quê?

Quando olhamos para o cosmos até onde podemos experimentá-lo e tê-lo sob a nossa vista, perguntamos: pode haver nele um lado de cá e um lado de lá, no sentido de que ele separa um do outro e dá a um deles primazia sobre o outro? Existe assim uma consciência além deste nosso lado, como se visualizasse na distância algo além do que existe aqui?

Por que digo isso e faço pensamentos a respeito? Porque essa consciência exige de nós que abandonemos muitas imagens, de muitas ideias de menos e mais e, finalmente, que abandonemos as religiões que tentam afastar-nos de nosso corpo, levando-nos a uma direção onde nos alienamos do que está mais perto de nós.

Todas as religiões tentam afastar-nos desta vida e conduzir-nos a uma existência no além, sobretudo no que desprezam a vida atual e estão dispostos a sacrificá-la por um além.

Para elas, a ocupação com a vida atual e com tudo que nos mantém vivos e serve à transmissão da vida opõe-se a uma vida no além, que colocam no lugar da vida atual.

Pode haver algo mais absurdo e extravagante? Contudo, essas ideias colocam em xeque, de uma forma devastadora, nossas ideias e nossos relacionamentos.

Onde fica nossa consciência? Onde fica a consciência da vida? Onde fica a pergunta sobre Deus? Poderá jamais ser respondida? Precisaremos renunciar a ela? Este é o último passo decisivo que nos coloca em harmonia com o aqui e agora, em sua plenitude. Devemos acabar renunciando a essas imagens? Precisaréi, eu também, de renunciar a elas? O que me restará depois disso? Um vazio infinito.

Esse vazio está dentro de nossas ideias? Está fora delas? Situa-se além de nossas experiências? Ou esse vazio é um vazio atuante, que não pode ser agarrado por nós?

Pode esse vazio ser uma meta, para a qual nos movemos? Pode haver para esse vazio uma imagem, semelhante a uma imagem de Deus?

Aqui termino minhas tentativas de aproximar-me desse Último. Como? Aqui fico e permaneço vazio, pensando e sentindo de modo vazio.

Qual é o resultado? Eu fico aqui, apenas aqui, em unidade temporária com tudo que existe.

Sinto-me menor? Ou me sinto infinito, infinitamente vazio, levado por algo indizível, e levado vazio?

## **A TERRA**

### **Embaixo**

Depois que quisemos subir muito alto, como podemos baixar outra vez ao chão da vida real?

Baixamos ao solo pela mão de nosso pai. É principalmente o pai que precisa permanecer na vida real. Somente assim se assegura a sobrevivência da família. Pelo menos era assim antigamente.

O que acontece, porém, com muitas crianças de hoje, quando são forçadas a crescer sem pai? Por exemplo, quando a mãe separou-se e as crianças tiveram de ficar em sua esfera, muito separadas do

pai? Elas ainda permanecem no chão? Ou talvez subam bem alto, porque a mãe olha mais para eles, e com orgulho, em vez de olhar para o pai dos filhos cuja grandeza ela honra?

Quando os filhos permanecem na esfera da mãe e sobem às alturas no sentido dela, estão em sintonia com a terra e a serviço dela? Sentem-se frequentemente elevados, e assim são vistos por outras pessoas? Onde fica então sua força real?

Onde encontramos e permanecemos naquela outra consciência que nos harmoniza com o todo, de maneira que, sem nos chocarmos contra todas as coisas, tais como são e nos acontecem, tornamo-nos concordes e unidos com elas? Acedemos a essa consciência sobretudo, com nosso pai e ao seu lado.

Quando aplicamos essas observações às religiões cristãs, sobretudo à católica, que se apresenta, em larga escala, como uma igreja governada por homens, perguntamos: onde é que os pais têm lugar nelas? São empurrados para o segundo plano pelas mães, a quem os homens solteiros atribuem a primazia?

Basta que pensemos no culto a Maria e no celibato que, em última análise, está associado a esse culto. Para essa religião, o pai existe, sobretudo, como Deus Pai, como um pai sem mulher, que, portanto, não é um pai verdadeiro. Perto dele, os pais verdadeiros têm pouca importância. Ou esse Deus Pai tem uma esposa, uma deusa-mãe? Percebemos que sua esposa é a Igreja.

Como voltamos ao pai na religião cristã e depois dela? Voltamos do céu à terra, voltamos de cima para baixo.

O que acontece às mães nesse processo? Também elas voltam à terra com o pai, com seus maridos e filhos.

O que acontece à terra, com sua consciência? Fica menor? Fica maior? Passa a unir, ao invés de separar? Fica embaixo, com todos os outros?

### **A respiração**

Quando permanecemos recolhidos e focados na terra, percebemos que ela respira. Ela expira e inspira. Tudo que percebemos em nosso mundo, em ligação conosco, inspira e expira. Isso acontece, por vezes, de um modo infinitamente lento, como um expirar-e-inspirar eternamente criador, mas sempre perceptível depois de algum tempo. Isso se assemelha à nossa respiração, que constantemente libera e transmite algo, para renovar-se na respiração seguinte, enquanto de longe é mantida na existência pela respiração criadora da terra.

Nesse sentido, nossa terra respira e se renova em sua circulação, juntamente com o sol no curso de seu tempo de vida. Tudo que percebemos e experimentamos em nosso cosmos inspira — muitas vezes em intervalos de éons — e expira, no final para sempre.

Essa respiração é criadora e sábia. Com ela respira tudo que existe, expirando e inspirando.

Juntamente com a respiração, que percebemos em sua alternância de vir e ir, também a nossa consciência respira? A consciência que nos é familiar e aquela consciência que percebemos como infinita?

Como podemos sentir-nos levados por essa respiração? Muitas vezes, de um modo súbito e inesperado, somos irresistivelmente tomados por um aviso que posteriormente se revela como salvador de vidas. Algo dessa respiração nos veio no momento certo?

Ou também acontece que, de repente, somos invadidos por uma compreensão que, com uma pincelada, apaga nossos planos e nossas esperanças, lançando ao vento nosso saber e nosso querer, e com isso nossa identidade?

Continuamos então respirando por força própria? Ou somos irresistivelmente persuadidos de que aqui inspira e expira uma outra força: a respiração de um outro mundo, de uma outra consciência?

Podemos deter essa respiração? Aonde chegaríamos, se o tentássemos? Essa respiração é eterna — e não tem um eu.

## **O Infinito**

Em nossa língua estamos sempre estabelecendo limites com nossas palavras — até mesmo com a palavra *infinito*. Por isso nos movemos constantemente no interior de limites que nós próprios criamos. Isso fica especialmente claro para nós quando falamos de uma verdade.

Quando chamamos algo de verdadeiro, fica evidente que impomos limites à verdade. Por essa razão, também podemos fugir de uma verdade. Podemos negá-la, podemos combatê-la. De modo especial, podemos combater os que se afastam do que julgamos verdadeiro.

As verdades, todas elas, estão em oposição ao infinito e ao que procuro dizer sobre o infinito. Isso se aplica a toda tentativa de entender o que se refere a uma outra consciência, a uma consciência que transcende nossa consciência cotidiana. Por essa razão, notem que aqui falo menos de um entendimento do que de experiências, de experiências que nos conduzem a um nível mais elevado, a um nível onde se tornam secundárias as nossas distinções entre o certo e o errado. Elas se assemelham, antes, a instruções de uso, com as quais, diante de uma série de possibilidades, nós nos orientamos para dar o passo seguinte e depois, para ultrapassá-lo.

Menciono um exemplo deste livro. No capítulo sobre o céu que faz adoecer e a terra que cura, falo de uma outra liberdade, de uma liberdade que nos leva a superar o que nos torna doentes. Nessa passagem sigo leis que reconheci como ordens do amor. Essas ordens se comprovaram de diversas maneiras dentro de domínios restritos, principalmente no domínio de nossos relacionamentos. Se quisermos apelar para essas ordens — por exemplo, com a distinção entre o certo e o errado - fora dos limites de nossos relacionamentos, elas também valerão aí? Poderão aplicar-se a algo ilimitado? Poderá nossa consciência atual, nossa consciência finita, aplicar-se a uma consciência infinita, inclusive com a distinção entre certo e errado, entre bom e mau e, ainda mais radicalmente, entre justo e injusto?

O mesmo vale para este livro em sua totalidade. Por isso também me proíbo aqui qualquer tentativa de justificar uma coisa e rejeitar a outra.

Quando nos sentimos levados a uma outra consciência, sentimo-nos levados a um vazio, a um movimento do qual nada entendemos, nem sabemos como age. Pois - desculpem-me mais esta distinção — a distinção entre ser e não ser, entre estar presente e não estar, é inconcebível para nós dentro do infinito.

Contudo, percebemos que, em nosso domínio, a distinção entre ser e não ser é necessária e real, embora não compreendamos o não-ser.

Nosso olhar para esse vazio infinito, e para a experiência de sermos movidos a cada momento por uma instância externa, sem entendê-la, leva-nos a render-nos a esse vazio? Essa rendição, que é o anseio mais profundo de todas as religiões, deveria ser nosso último apoio, um apoio vazio?

Sobre isso contarei uma história.

## **O NÃO**

*Um monge que andava buscando, pediu a um comerciante uma esmola.*

*O comerciante se deteve por um momento e, ao dar-lhe a esmola,*

*perguntou ao monge:*

*“Como é possível que me peças o que te falta para viver e, no entanto, menosprezes a mim e o meu modo de vida, que te proporcionamos isso?”*

*O monge lhe respondeu:*

*“Em comparação com o Último que busco, o resto parece sem valor”.*

*Mas o comerciante voltou a perguntar:*

*“Se existe um Último,  
como pode ser algo  
que alguém pode buscar ou encontrar  
como se estivesse no fim de um caminho?*

*Como poderia alguém sair ao seu encontro como se fosse uma coisa  
entre outras e muitas, e apossar-se dele mais do que muitos outros?*

*E, inversamente, como poderia alguém  
afastar-se desse Último,  
ser menos conduzido por ele  
do que os outros,  
ou estar menos a seu serviço?”*

*O monge retrucou:*

*“Encontra o Último  
quem renuncia ao próximo e ao presente”.*

*Mas o comerciante ainda ponderou:*

*“Se existe o Último,  
ele está perto de cada um,  
mesmo que esteja oculto  
no que nos aparece e no que permanece,  
da mesma forma como, em cada ser,  
se oculta um não*

*e, em cada agora,  
um antes e um depois.*

*Comparado ao ser,  
que experimentamos como fugaz e limitado, o não nos parece  
infinito como o antes e o depois,  
comparados ao agora.*

*Porém o não se revela no ser, assim como o antes e o  
depois  
se revelam no agora.*

O não, como a noite e como a morte,  
é um início desconhecido, e só por um breve instante, como um  
raio, nos abre seu olho no ser.

Assim também, o Último só vem a nós no que está perto e só  
ilumina agora”.

Então o monge perguntou, por sua vez:

“Se fosse verdade o que dizes, o que nos restaria, a mim e a ti?”

O comerciante respondeu: “Ainda nos restaria por  
algum tempo a terra”.

## **A interferência**

Entre nosso querer e nossos planos, intromete-se algo inesperado, forçando-nos a parar e a tomar uma direção imprevista.

O que se intromete de repente em nossos planos, embora tenhamos refletido cuidadosamente sobre cada um de seus passos e tomado todas as providências para seu sucesso?

Às vezes sacudimos a cabeça, pois subitamente algo interfere entre nós e nossos planos, por um lado bloqueando-nos o caminho e, por outro, mostrando-nos e exigindo algo que não tínhamos levado em conta.

Nessas ocasiões, permanecemos conscientes? Ainda estamos em nossa consciência? Terá uma outra consciência interferido com sabedoria, levando-nos a tomar uma outra direção?

Que espécie de consciência é essa? Poderá ser a nossa própria consciência, nossa estreita consciência? Nesse caso, não iria intrometer-se, dessa maneira inesperada, em nossa decisão anterior e contra o que tinha funcionado anteriormente. Ela nos obriga a fazer um desvio que, por um lado, nos protege de algo que poderia trazer-nos risco e, por outro lado, nos mostra uma saída que assegura nossa sobrevivência e a sobrevivência de muitos que estavam e permanecem unidos conosco.

O que estou descrevendo aqui? Descrevo de que forma próxima e natural uma consciência que nos transcende interfere constantemente em nosso caminho de vida e o determina.

Estamos atentos a essa interferência de fora, a essa interferência que salva vidas, por parte de um poder criador que nos transcende e que, como um cocheiro, puxa nossas rédeas e volta a soltá-las, sem que percebamos que carro estamos puxando e para aonde? Nesse caso, continuamos simplesmente a trotar em frente? De vez em quando, voltamos o olhar para o cocheiro que segura nossas rédeas e talvez nos acene amigavelmente, mas que eventualmente puxa as rédeas fazendo-nos reconhecer quem é que manda e chamando-nos à ordem?

Podemos impor-nos contra essa consciência e contra a sua vontade? Mesmo que nosso olhar só alcance alguns passos à frente, esse cocheiro sabe para aonde se dirige o caminho de nossa vida e, juntamente com ele, o caminho do mundo.

Como chegamos a uma sábia sintonia com esse cocheiro, a uma sábia concordância com suas rédeas? Ou será que, depois de algum tempo, ele nos deixa livres e nos detém apenas por meio de um acordo tácito, com um piscar de olhos?

O que acontece, porém, quando o caminho se torna pedregoso, ou quando margeia um abismo? Olhamos então ansiosos para trás e aguardamos que o cocheiro tome as rédeas firmemente nas mãos?

Enquanto somos assim controlados por ele, podemos alguma vez olhar para trás, ou sempre nos resta apenas o caminho em frente?

O que se segue desses pensamentos e dessa observação?

Vivemos constantemente numa outra consciência. Somos constantemente levados por ela, pela mão e pelas rédeas. Vivenciamos constantemente seus cuidados e sua disciplina.

Essa outra consciência também percebe a nossa dedicação? Percebe nossa entrega e nossa cega confiança? Entramos e permanecemos em sintonia com ela, mesmo quando nos conduz por caminhos que nos amedrontam, quando puxamos seu carro por caminhos que ninguém mais percorre ao nosso lado ou à nossa frente? Somente assim nos purificamos de nossa consciência egoísta. Depois de algum tempo, olhamos para o infinitamente distante, que nos seduz e ao mesmo tempo nos exige o máximo: um conhecimento ousado e uma ação ousada.

Onde ficamos então, com nossa estreiteza? Onde, com nossos medos e preocupações?

Sentimo-nos levados a um outro conhecimento e a uma outra ação, superando nosso conhecimento anterior e suas possibilidades. Frequentemente, somos levados a formas solitárias de conhecimento e de ação; não obstante, em concordância com um poder criador, que cuida igualmente de todos. Em concordância e em paz com ele.

### **Desesperados**

A palavra dúvida contém *dois*<sup>9</sup> que não se conciliam porque cada um deles pressiona numa direção diferente.

Qual é o resultado? Nosso caminho não avança em nenhuma das duas direções.

Quando não conseguimos prosseguir em nenhuma direção, como nos sentimos depois de algum tempo? Desesperados.

Qual seria a solução? Evadirmo-nos do dilema da dupla atração, tomando uma terceira direção?

Voltamos ao *um* comum. Olhado de fora, ele se apresenta como um *três*, como um terceiro caminho: portanto, como pai, mãe e filho. Entretanto, esse *três* aparente é um novo *um*, no qual as oposições do dois se fundem numa unidade. Com ela cessam a dúvida, a discórdia e o desespero.

Portanto, de que nos desesperamos? Daquele *dois* que perdeu a unidade - tanto a unidade anterior, pela origem comum, quanto a unidade posterior, em que os dois voltam a conciliar-se no *um*.

Quem se desespera, principalmente? A criança, sem seus pais; o marido, sem sua mulher; a mulher, sem seu marido.

Somos também desesperados de Deus? Queremos chegar a ele mas não conseguimos?

Quem é que Deus representa para nós? Representa a mãe perdida ou o pai perdido? Representa o parceiro ausente, como frequentemente acontece aos que querem chegar a Deus por meio de renúncias? Nesse caso, Deus continua sendo a origem comum de todos os seres? Ou o dividimos em dois, a partir dessa origem comum, e por isso nos desesperamos?

Como podemos suprimir a dualidade entre Deus e nós? Abandonando a dualidade e retornando à unidade comum a todos. Assim fazendo, suprimimos o fator de separação entre nós na terra, e entre nós e Deus, sob todos os aspectos.

### **Pacificamente**

De vez em quando entramos numa sala repleta e nos surpreendemos pela paz que ali reina. Imediatamente se desfaz em nós algo que nos impelira até lá. Nós nos detemos, ficamos tranquilos e respiramos.

---

<sup>9</sup> *Zweifel* (dúvida), *zwei* (dois) e *verzweifelt* (desesperado) são termos cognatos. (N.T.)

Ali nos sentimos bem, pois as oposições foram aparentemente abolidas. Portanto, tudo tem o direito de ser como é. Cada um e cada coisa podem ser como são, também em nós - inclusive nossos erros. Continuamos a percebê-los como erros? Nós os percebemos nos outros como erros? Os erros fazem parte de nossa plenitude.

Pacífico significa também múltiplo. Em vez de querer aplinar as diferenças ou de livrar-se delas, permitimos que existam e se desenvolvam. Elas se harmonizam e atuam conjuntamente em nós, nos outros e entre nós. Ao mesmo tempo, respeitamos nossos limites, sem suprimi-los ou ultrapassá-los. Pacificamente nos contemos.

Interiormente pacificados, irradiamos paz. Pessoas que se separaram, embora antes estivessem unidas, pedem-nos ajuda para se reencontrar ou para continuar em paz seus próprios caminhos.

No fim de uma guerra há sempre uma paz. Somente a paz é duradoura. Sempre que saímos para a luta, de um jeito ou de outro, ela só pode acabar quando a luta e a discussão forem seguidas pela paz. Esta sucede ao esgotamento de ambas as partes. Conquista-se através do esgotamento. É obtida por meio da impotência.

Por isso a paz se relaciona com limites. Ambos os lados chegaram a limites, diante dos quais precisam parar. Como? Pelo esgotamento. O esgotamento e as perdas preparam a paz.

Pode a paz ser preparada e firmada a tempo pela compreensão desses limites? Manifestamente, não.

O que mostram essas observações? Que a paz se encontra em mãos alheias, fora do alcance de nossa razão. Principalmente, em mãos alheias ao nosso *eu*. Somente o *eu* quer a guerra. Apenas o *eu* quer a vitória e a submissão do outro lado.

De que *eu* se fala aqui? De nosso *eu* pessoal? Trata-se, sobretudo, do *eu* do grupo. Trata-se da expansão do *eu* de nosso grupo, com o qual nos tornamos um.

O que traz a paz, depois dessa luta? Os *eus* de dois grupos tornam-se um *nós*. A palavra-chave para a paz chama-se portanto: *nós*.

O que eu disse sobre a paz externa vale em primeiro lugar para a interna. Os opostos se encontram e se tomam um *nós*: por exemplo, o corpo e o espírito, a direita e a esquerda, o superior e o inferior, o masculino e o feminino, o passado e o futuro, a vida e a morte.

Isso vale igualmente para nossos relacionamentos, especialmente para o mais importante deles, entre o homem e a mulher.

Ambos, o homem e a mulher, pertencem ao *eu* de seus grupos. Ambos estão envolvidos em sua origem, no sentido restrito e no sentido amplo. Ambos são leais à sua origem. Por isso, ficam em oposição entre si. Isso os atrai, por um lado, mas por outro lado os divide.

Como podem superar o que, embora os atraia, também os divide?

Juntos eles crescem para um novo *nós*, para um *nós* pacífico. Assim como se tornam um pelo corpo, também se unificam pelo *nós* de seu grupo. Onde, de modo especial? Em seus filhos.

A paz continua sendo nosso objetivo mais elevado. A paz com tudo o que existe, e finalmente a paz com nossa origem.

O que encontramos, sempre que conseguimos a paz? Encontramos a plenitude, a plenitude de nossa felicidade.

## **O espírito**

Distinguimos habitualmente o corpo e o espírito, muitas vezes no sentido de que o espírito é mais

elevado e superior, e o corpo está a seu serviço. Por isso, negligenciamos frequentemente nosso corpo, inclusive colocando-nos acima dele e contra ele, por exemplo, por meio de uma ampla renúncia ou pondo-o em risco em favor de fins externos que nos parecem mais importantes, sacrificando seu bem-estar a algo exterior a ele.

Algo semelhante vale quando falamos de nossa consciência, principalmente de uma consciência mais elevada. Com essa ideia nos colocamos acima de nosso corpo e acima de tudo o que, em cada momento, serve criadoramente à sobrevivência do corpo, renovando-o e curando suas feridas. Existe algo em nosso espírito, por maior e mais desbravador que nos pareça, que possa ser comparado a essa atuação do espírito? Existe algo mais absurdo e irracional do que a atitude de colocar o corpo a serviço do espírito, por exemplo, através da renúncia? Sob que luz aparecem aqui muitos caminhos espirituais e, com eles, muitas religiões? Onde fica nelas o espírito? Onde fica a outra consciência, superior e abrangente? Onde fica a consciência da terra? Onde fica o espírito dela? Onde fica o pai? E onde está a piedade aqui?

O progresso decisivo será a volta à origem, a volta à terra e às forças que, a partir de baixo, mantêm na existência tudo que é? De que outra maneira subsistiríamos? De que outra maneira existiria o mundo? De que outra maneira existiriam o amor e o amor à vida?

Neste ponto quero chamar a atenção para uma imagem que, quando consideramos o espírito e uma consciência abrangente, relegamos amplamente ao segundo plano. É a imagem e o significado de nosso pai.

Um pai não é apenas um homem. Por essa razão, o que digo do pai não deve ser entendido em oposição à mulher, embora possa ser entendido em oposição à mãe.

A mãe tem a tendência de atrair para si a criança, sobretudo um filho, afastando-o com isso do pai. Com essa atitude, de quem ela afasta essa criança, esse filho? Ela o afasta da terra e do corpo da terra, e com isso, mais diretamente, daquele espírito criador que mantém imediatamente na existência e em vida, a cada momento, a terra e tudo que nela vive e existe. O espírito, na forma como amplamente o consideramos, está em oposição à terra e àquilo que nela cresce. Por essa razão, preferimos associar o espírito a algo que supera a terra e tudo que existe nela. Por isso o espírito é colocado por muitos, principalmente nas religiões, numa região além da terra e da vida, numa pretensa região sobrenatural, com todas as consequências que essa concepção traz consigo sobre nossa atitude para com a terra e para com nosso corpo.

Algo semelhante acontece conosco, quando falamos de uma consciência mais elevada, de uma outra consciência futura, que supera e transcende a nossa consciência atual, considerada como passada e estreita. Esse caminho procuram principalmente os filhos que foram privados de seu pai por sua mãe, e que foram predeterminados e preparados para coisas ditas mais elevadas.

O pai, contudo, principalmente porque vê sua vida a serviço da sobrevivência de seus filhos e da mãe deles e, em função disso, posterga e precisa postergar tudo mais, permanece forçosamente a serviço da terra, do seu progresso e do seu espírito. Podemos imaginar um pai renunciando à terra? Renunciando à terra e à vida nela, como se elas estivessem em segundo ou em último lugar? Onde fica, nessa maneira de ver, o futuro da terra e da vida sobre ela? Em que outra atitude e em que outra consciência? Onde encontramos o outro amor? Onde encontramos a outra ação, consciente de sua responsabilidade? Onde encontramos o Espírito que imediatamente atua em todos os seres de um modo que nos salva e nos cura?

Onde encontramos Deus? Onde e como nos sentimos de uma ampla maneira espirituais e religiosos? E como retornaremos a essa consciência do espírito? Retornaremos a ela em sintonia com

nosso pai.

## **A fórmula**

Que fórmula mantém unido o mundo? Segundo que fórmula ele nasce e perece? Segundo que fórmula nascemos? Segundo que fórmula perecemos e nascemos de uma forma diferente e nova, numa constante mudança?

A fórmula se chama: sair e entrar, nascer e perecer, e vice-versa. Nesse processo, com o perecer algo nasce, e com o nascimento algo se vai, de modo que ambos estão indissolivelmente unidos.

Todo nascer torna-se um perecer, e todo perecer prepara o que vem a seguir, sem que cesse nele.

Existe alguma exceção? Algo pode ser ambas as coisas no mesmo hausto da respiração, perecer e nascer simultaneamente? Podemos nascer enquanto perecemos e perecer enquanto nascemos, constituindo ambas as coisas um único processo ininterrupto?

Por exemplo, quando perecemos tornamo-nos mais, e quando nascemos tornamo-nos ao mesmo tempo menos e mais? Existe algo que unifica ambas as coisas? Existe uma consciência na qual o antes e o depois, o perecer e o nascer constituem uma coisa só, um eterno agora? Em sintonia com essa consciência, escapamos do fluxo do tempo e existimos interminavelmente com ela?

Vocês estarão se perguntando para onde os levo com estes pensamentos. Algo ainda subsiste aqui? Existe um ser permanente, que não nasça e não pereça, algo além de todos os seres, algo que existiu antes deles e permanece depois deles? Isso também se aplica a todas as religiões e a todos os deuses? Aplica-se afinal também a nós?

Temos uma palavra para essa fórmula. Todo mundo a entende sem compreendê-la, pois é uma palavra eterna, insondável e, não obstante, presente em todas as outras palavras. Essa palavra é: *não*.

Sempre que pensamos algo, pensamos junto essa palavra, sem compreendê-la. Em tudo que nasce e perece nós a pensamos ao mesmo tempo. Ela se torna a fórmula básica de todo conhecimento e o movimento básico, por trás de tudo que nasce. Por trás de todos os seres que podemos imaginar em processo de transformação existe algo permanente, por mais contraditório que isso possa parecer no momento.

Existe uma atitude que nos coloca em sintonia com esse *não*? Tentei sondá-lo numa história. Ela se chama:

## **A PLENITUDE**

*Um jovem perguntou a um velho: “O que distingue você, que quase já foi, de mim, que ainda serei?”*

*O velho respondeu:*

*“Eu fui mais.”*

*De fato, o novo dia que nasce parece ser mais do que o velho, pois o velho já foi antes dele.*

*Porém, embora esteja nascendo, só poderá ser o que o velho já foi, e tanto mais se tornará quanto mais o velho tiver sido.*

*Como o velho, em seu tempo, também ele começa subindo verticalmente até o meio-dia.*

*Atinge o zênite antes do pleno calor e parece ficar algum tempo no alto até que ele,*

— quanto mais lentamente, melhor —  
declina profundamente para o poente  
como se fosse arrastado  
por seu peso crescente,  
e se completa  
quando ele, como o velho,  
tiver se completado.  
Porém o que já foi não passou.  
Ele permanece porque foi,  
atua, embora tenha sido,  
e torna-se mais  
através do novo, depois dele.  
Pois, como uma gota redonda de uma nuvem que passou, o  
que já foi mergulha num oceano que permanece.  
Somente o que nunca chegou a ser  
porque apenas o sonhamos  
mas não o sentimos,  
porque o pensamos  
mas não fizemos,  
e apenas o rejeitamos  
mas não o pagamos,  
como preço pelas nossas escolhas,  
somente isso passou;  
disso, nada nos resta.  
O Deus do momento oportuno nos aparece, assim, como um  
jovem com uma franja na testa e uma careca atrás.  
Pela frente o apanhamos pela franja, por trás agarramos o  
vazio”.

O jovem perguntou:  
“ O que preciso fazer, para me tornar o que você já foi?”  
O velho respondeu: “Seja!”

## **A PRÁTICA DA LIBERDADE**

### **A outra ressurreição dos mortos**

A ressurreição dos mortos é o movimento do espírito que podemos sentir mais profundamente.

Que ressurreição dos mortos? Trata-se da ressurreição de nossa morte? De certa maneira, sim. Não, porém, a ressurreição de nossa morte depois desta vida, pois ainda estamos vivos.

Estamos realmente vivos? Ou estamos vivendo em larga medida com os mortos? Nós vamos a eles e os trazemos de volta, para que continuem a viver em nós, apesar de estarem mortos há muito

tempo.

Como ressurgiremos desses mortos? Como retornaremos da morte deles à nossa vida?

Deixamo-nos tomar por um movimento do espírito. Esse movimento é um movimento de vida, um movimento de uma vida sempre nova a cada momento, agora.

O que acontece aos mortos de quem ressuscitamos nesse movimento? Eles ressuscitam de nós.

O que impede a ressurreição deles? Nós a impedimos, pois achamos que estamos vivos, embora estejamos residindo com os mortos. Nós, que queremos que eles ressuscitem para a nossa vida.

Para onde eles ressurgem então? Em vez de ressurgirem para a nossa vida, ressurgem para nossa morte, assim como nós, quando os atraímos para nós, ressurgimos para a morte deles.

A um primeiro olhar, a vida e a morte foram trocadas e invertidas. Entretanto, apenas enquanto, com as imagens que criamos dos movimentos do espírito, bloqueamos as experiências acessíveis ao nosso espírito e ao nosso amor, em vez de ousar render-nos totalmente a elas.

Com o nosso nascimento, despertamos totalmente para essa vida? Ou despertamos, talvez, para uma vida passada e para os mortos de uma vida passada?

Plenamente despertados para essa vida, sentimo-nos levados a um movimento em que renascemos a cada momento para uma vida que continua, porque em cada momento esse movimento chama-a de novo à vida, à próxima nova vida. Ele nos leva consigo a um movimento da vida que nos completa puramente, afastando-nos de tudo que aconteceu antes e afastando-nos também de todos os mortos, libertando-nos de todo o passado.

Em que direção nos completa? Para longe desse novo, desse movimento de que foi dito: “Vede, eu faço novas todas as coisas”.<sup>10</sup>

O que acontece então aos mortos? Estão onde os buscamos e ainda queremos encontrá-los? Ou foram há muito tempo levados ao mesmo movimento como nós e, despertados para ele, de modo que, quando os buscamos, só encontramos túmulos abandonados?

A vida plena também existe para eles, há muito tempo, em outro lugar, diferente em cada momento, ultrapassando nossas ideias, vazia de todo passado, nova. Ela existe de uma outra maneira no além, liberada, ressuscitada. Ela existe na luz, brilhante como uma eterna ascensão e um eterno começo, sempre diferente, sempre nova.

Portanto, como vivemos? Como vive toda vida? Existindo eternamente no movimento do espírito.

**Do céu que faz adoecer,  
e da terra que cura  
O CÉU E A TERRA**

O que se diz aqui sobre o céu descreve o que leva a doenças graves, acidentes ou suicídios na comunidade de destinos constituída pela família e pelo grupo familiar. E o que se afirma da terra pretende descrever o que, às vezes, consegue reverter tais destinos.

Doenças graves, acidentes e suicídios na família e no grupo familiar são ocasionados por ações relacionadas às imagens do céu. Isso envolve imagens de sofrimento e de reparação por outras pessoas, bem como imagens de reencontro após a morte e de imortalidade pessoal.

Essas imagens nos seduzem a pensamentos, desejos e atos mágicos, de modo que o enfermo ou o moribundo acredita que, assumindo voluntariamente um sofrimento, poderá salvar outras pessoas

---

10 Apocalipse, 21, 5 ( N.T.)

de seus sofrimentos, mesmo quando lhes são impostos pelo destino.

## **A COMUNIDADE DE DESTINOS**

Pertencem a essa comunidade, onde esse pensamento atua de modo nefasto, os irmãos, os pais e seus irmãos, os avós, eventualmente também um ou outro dos bisavós, e todos os que cederam o lugar a alguma dessas pessoas. Entre os que cederam lugar, incluem-se antigos cônjuges dos pais e avós ou parceiros semelhantes, tais como antigos noivos, bem como todos aqueles cuja morte ou desgraça ensinou a outros o acesso a esse grupo, ou lhes deu alguma outra vantagem.

## **O VÍNCULO E SUAS CONSEQUÊNCIAS**

Nessa comunidade que partilha os mesmos destinos, todos se ligam a todos. Os vínculos de destino mais fortes são os que ligam os filhos a seus pais, os irmãos entre si e os parceiros reciprocamente. Um vínculo especial de destino liga também os membros que vieram depois aos que lhes cederam lugar, principalmente quando estes tiveram um destino funesto: por exemplo, os filhos de um segundo casamento à primeira mulher de seu pai, que tenha morrido ao dar à luz. O vínculo atua menos fortemente dos pais aos filhos e, com menos força ainda, dos que cederam lugar aos que o obtiveram: por exemplo, de uma noiva anterior do marido à seguinte esposa dele.

## **SEMELHANÇA E COMPENSAÇÃO**

O vínculo faz com que os membros mais recentes e mais fracos queiram segurar os mais antigos e mais fortes para que não se vão, ou segui-los quando já partiram.

O vínculo faz também com que aqueles que estão em vantagem queiram assemelhar-se aos que ficaram em desvantagem. Assim, filhos saudáveis querem assemelhar-se a pais doentes e filhos inocentes a pais culpados. O vínculo faz ainda com que os saudáveis se sintam responsáveis pelos doentes, os inocentes pelos culpados, os felizes pelos infelizes e os vivos pelos mortos.

Assim, aqueles que estão em vantagem também se dispõem a arriscar e sacrificar sua saúde e inocência, sua vida e felicidade pela saúde, a inocência, a vida e a felicidade dos outros. Eles alimentam a esperança de que, renunciando à própria vida e à própria felicidade, poderão assegurar ou salvar a vida e a felicidade de outros nessa comunidade de destinos. Eles julgam que podem recuperar e restabelecer a vida e a felicidade dos outros, mesmo que já tenham sido perdidas.

Na comunidade de destinos, constituída pela família e pelo grupo familiar, reina, portanto, em razão do vínculo e do amor vinculado, uma necessidade irresistível de compensação entre a vantagem de uns e a desvantagem de outros, entre a inocência e a sorte de uns e a culpa e a desgraça de outros, entre a saúde de uns e a doença de outros, e entre a vida de uns e a morte de outros. Em razão dessa necessidade, quando uma pessoa caiu em desgraça, uma outra também quer ser infeliz; quando uma ficou doente ou culpada, uma pessoa saudável ou inocente também se torna doente ou culpada; e se uma pessoa morreu, uma outra, próxima a ela, também quer morrer.

Dessa maneira, no interior dessa estreita comunidade de destinos, o vínculo e a necessidade de compensação levam à equiparação e à participação na culpa e na doença, no destino e na morte de outros. Com isso, tenta-se pagar a salvação do outro com a própria desgraça, a cura do outro com a própria doença, a inocência do outro com a própria culpa ou reparação, e a vida do outro com a própria morte.

## **A DOENÇA SEGUE A ALMA**

Assim, como essa necessidade de semelhança e compensação atrai, de certo modo, a doença e a morte, a doença segue a alma. Por isso, é necessário para a cura que haja, além da ajuda médica no sentido estrito, uma ajuda versada nas necessidades da alma, seja ela prestada pelo próprio médico

ou por alguém que cuide da alma, em apoio ao tratamento médico. Então, enquanto o médico se esforça para curar a doença com um tratamento ativo, o assistente da alma prefere manter-se numa atitude de reserva, pois com assombro se defronta com forças contra as quais não ousa competir. Assim, mantendo-se em sintonia com essas forças e agindo antes como aliado do que como adversário, ele se esforça por reverter o destino fatal. Vou dar um exemplo.

#### **“ANTES EU DO QUE VOCÊ”**

Durante uma hipnoterapia num grupo, uma mulher jovem, que sofria de esclerose múltipla, viu a si mesma, enquanto criança, ajoelhada diante da cama de sua mãe paralítica e tomando esta decisão: “Querida mamãe, antes eu do que você”. Para os participantes do grupo foi emocionante testemunhar o quanto uma criança ama seus pais; e a jovem mulher sentiu-se posteriormente em paz consigo mesma e com seu destino.

Uma participante, porém, não pôde suportar por mais tempo esse amor que se dispôs a assumir, no lugar da mãe: a doença, as dores e a morte. Ela disse ao dirigente do grupo: “Gostaria muito que você pudesse ajudá-la”. O dirigente do grupo ficou perplexo. Teve a sensação de que, com essas palavras, ela tinha anulado tudo. Pois como poderia alguém tratar o amor da filha como se fosse algo perverso? Não iria ele molestar a alma da criança, agravando seus sofrimentos em vez de mitigá-los? Não iria a filha ocultar ainda mais seu amor pela mãe e apegar-se, ainda mais fortemente, à sua esperança e à decisão que tomara, de salvar a mãe querida através do próprio sofrimento?

Trago ainda um outro exemplo. Uma mulher jovem, que também sofria de esclerose múltipla, constelou num grupo, com a ajuda de outros participantes, sua família de origem e a rede de relações que nela atuava. Ali se postaram a mãe e, à sua esquerda, o pai. Diante deles ficou a paciente, como a filha mais velha, à sua esquerda o irmão mais novo, que morrera com quatorze anos de insuficiência cardíaca, e mais à esquerda, um pouco mais afastado, um outro irmão.

O ajudante disse ao representante do irmão morto que saísse do recinto. Numa constelação familiar, isso significa a morte. Quando ele saiu, a fisionomia da filha iluminou-se de repente. Também a mãe sentiu-se muito melhor. Então o dirigente do grupo fez com que saíssem também o irmão mais novo e em seguida o pai, pois notou que ambos também sentiam o impulso de sair. Quando todos os homens saíram — significando que estavam mortos —, a mãe se aprumou triunfante. Ficou claro que, qualquer que fosse a razão, era ela quem se sentia destinada à morte, e que ficou aliviada porque outros se dispuseram a abraçar voluntariamente a morte em seu lugar.

Em seguida o dirigente do grupo chamou de volta os homens e fez com que a mulher saísse. De repente, todos se sentiram livres da obrigação de participar do destino da mãe e sentiram-se bem.

Entretanto, o dirigente do grupo suspeitava que a esclerose múltipla da filha também estava associada à obrigação de morrer que a mãe sentia. Por isso chamou a mãe de volta, colocou-a à esquerda do pai, e colocou a filha ao lado da mãe.

Então o dirigente do grupo disse à filha que encarasse a mãe com amor e lhe dissesse, face a face: “Mamãe, eu faço isso por você!” Quando ela disse isto, todo o seu rosto se iluminou e o sentido e a finalidade de sua doença ficaram claros para todos os envolvidos.

Portanto, o que o médico ou um assistente da alma tem o direito de fazer aqui, e o que deve evitar?

#### **O AMOR CONSCIENTE**

Trazer à luz o amor de um filho é muitas vezes tudo o que pode e deve fazer um ajudante experiente. Seja o que for que um filho tenha assumido em virtude desse amor, ele se sente de acordo com sua consciência e, conseqüentemente, como nobre e bom. Quando, porém, com a ajuda de um ajudante

experiente, o amor da criança pode vir à luz, revela-se também o caráter irrealizável de seu objetivo. É um amor que espera poder, por meio do seu sacrifício, curar a pessoa querida, que espera protegê-la da desgraça, reparar sua culpa e tirá-la da infelicidade.

Até mesmo quando a pessoa querida já morreu, esse amor espera poder resgatá-la dos mortos.

Quando também se manifesta, junto com o amor da criança, o caráter infantil de seus objetivos, a criança, agora já crescida, fica consciente, embora dolorosamente, de que com seu amor e seus sacrifícios não pode superar a doença, o destino e a morte dos outros, e de que precisa enfrentar esses fatos sem poder, mas, corajosamente, concordando com eles como são.

Os objetivos do amor infantil e os meios usados para alcançá-los são assim desenganados” quando vêm à luz. Eles se ligam a uma imagem mágica do mundo, que não subsiste diante do saber de um adulto. Porém o amor subsiste e, quando é esclarecido, procura caminhos que também sejam racionais.

Então, o mesmo amor que causou a doença, associado agora à compreensão, busca uma outra solução, uma solução sensata, e elimina, caso ainda seja possível, o agente causador da doença. Nesse particular, o médico e outros ajudantes podem apontar caminhos, mas isso só será possível se o amor da criança, pelo fato de ter sido reconhecido e honrado, puder vir à luz e dedicar-se a algo novo e maior.

#### **“COMPULSÃO DE DESAPARECER”**

Frequentemente identificamos, como condição de uma doença fatal, o propósito de um filho ou uma filha em face de uma pessoa amada: “Antes desapareça eu do que você”.

Na anorexia, o propósito é o seguinte: “Antes desapareça eu do que você, querido papai”.

Na esclerose múltipla, o propósito foi, no exemplo que vimos: “Antes desapareça eu do que você, querida mamãe”.

Uma dinâmica semelhante acontecia antigamente com a tuberculose, que talvez por essa razão era denominada “compulsão de desaparecer”. Essa dinâmica também está presente no suicídio e no acidente fatal.

#### **“MESMO QUE VOCÊ VÁ, EU FICO”**

Quando essa dinâmica se revela na conversa com o cliente, qual seria a solução que ajuda e cura? Como acontece com toda boa descrição de um problema, a solução já está contida na descrição e atua através dela. A solução começa quando se traz à luz a frase que faz adoecer e o paciente, com toda força do amor que o move, a diz com ênfase à pessoa querida, face a face: “Antes desapareça eu do que você!” Nesse passo, é importante fazer com que a frase seja repetida tantas vezes quantas forem necessárias, para que a pessoa amada seja percebida e reconhecida pelo paciente como um oponente e, portanto, apesar de todo o amor, como uma pessoa autônoma e separada dele. Se isso não acontece, a simbiose e a identificação perduram, enquanto a diferenciação e a separação, responsáveis pela cura, fracassam.

Quando se consegue dizer amorosamente essa frase, ela circunscreve os limites, tanto da pessoa querida quanto de quem a ama, separando o seu destino do destino da pessoa amada. Essa frase obriga a perceber não só o próprio amor mas também o amor da pessoa querida. Ela obriga a reconhecer que aquilo que se deseja fazer pela pessoa amada seria para ela antes um peso do que uma ajuda.

Então, é o momento de dizer à pessoa amada uma segunda frase: “Querido pai, querida mãe, querido irmão, querida irmã — ou seja quem for — mesmo que você vá, eu fico”. Às vezes, sobretudo quando a frase se dirige ao pai ou à mãe, o cliente ainda acrescenta: “Querido pai, querida mãe,

abençoe-me, mesmo que você vá e eu ainda fique”.

Trago um exemplo a respeito. O pai de uma mulher tinha dois irmãos deficientes: um era surdo e o outro psicótico. Ele sentia-se atraído por seus irmãos e, por lealdade a eles, desejava partilhar seu destino, pois não suportava a própria felicidade diante da desgraça dos irmãos. Mas sua filha percebeu o perigo e lançou-se na brecha. Colocou-se no lugar do pai, ao lado dos tios, e em seu coração disse ao pai: “Querido papai, antes desapareça eu, e me junte aos seus irmãos, do que você” e “Querido papai, antes partilhe eu a desgraça com eles do que você”. E tornou-se anoréxica.

Qual seria a solução para ela? Ela precisaria pedir aos tios, mesmo que só interiormente: “Por favor, abençoem meu pai se ele fica conosco; e abençoem-me, se fico com meu pai”.

### **“Eu SIGO VOCÊ”**

Por trás do desejo de desaparecer, que move o pai ou a mãe, e que o filho procura impedir com a frase “Antes eu do que você”, existe frequentemente uma outra frase. Eles a dizem, como filhos, a seus pais ou irmãos, quando estes morreram cedo, contraíram uma longa doença ou ficaram inválidos. A frase é esta: “Eu sigo você” ou, mais exatamente: “Eu sigo você em sua doença”, ou: “Eu sigo você para a morte”.

Numa família atua primeiro a frase “Eu sigo você”, que é também uma frase infantil. Mais tarde, quando essas crianças, por sua vez, se tornam pais, seus filhos impedem que a executem, dizendo: “Antes eu do que você”.

### **“Eu VIVO AINDA ALGUM TEMPO”**

Quando a frase “Eu sigo você” se revela como o quadro de fundo de doenças graves, acidentes ou tentativas de suicídio, a solução que traz ajuda e cura consiste em que o filho, com toda a força do amor que o move, diga com ênfase, encarando a pessoa amada: “Querido pai, querida mãe, querida irmã..., eu sigo você”. Aqui também é importante fazer com que a frase seja repetida tantas vezes quantas forem necessárias, até que o ser amado seja percebido e reconhecido como uma pessoa autônoma que, apesar de todo o amor, é separada do eu de quem diz a frase. Então, o filho reconhece que seu amor não ultrapassa os limites que o separam do ente querido e que precisa deter-se diante desses limites. Aqui, também, a frase obriga-o a reconhecer igualmente o próprio amor e o amor da pessoa amada, e a entender que essa pessoa carregará e realizará melhor o seu destino quando ninguém a seguir nele, muito menos seu próprio filho.

Então, o filho também pode dizer ao morto querido uma segunda frase, que realmente o dispensa e libera da obrigação do seguimento funesto: “Querido pai, querida mãe, querida irmã..., você morreu, eu vivo ainda algum tempo e então também morrerei”. Ou ainda: “Eu cumpro o que me foi dado, enquanto durar, e então também morrerei”.

Quando o filho vê que um de seus pais quer seguir uma pessoa de sua família de origem, na doença e na morte, ele precisa dizer: “Querido pai, querida mãe, mesmo que você vá, eu fico” ou então: “Mesmo que você vá, eu lhe dou um lugar de honra, e você continuará sendo para sempre meu pai (ou minha mãe).” Ou, quando algum dos pais tiver cometido suicídio: “Eu me curvo diante de sua decisão e de seu destino. Você continuará sendo para sempre meu pai (ou minha mãe); e eu continuarei sendo para sempre seu filho (sua filha)”.

### **A FÉ QUE FAZ ADOECER**

Estas duas frases, “Antes eu do que você” e “Eu sigo você” são ditas e realizadas com a consciência leve e com a certeza da inocência. Ao mesmo tempo, correspondem à mensagem cristã e ao modelo cristão, por exemplo, à palavra de Jesus no Evangelho de São João: “Ninguém tem maior amor do

que quem dá a vida por seus amigos”.

A doutrina cristã da redenção, por meio do sofrimento e da morte, bem como o exemplo dos santos e heróis cristãos, confirma a fé da criança, que espera poder substituir outras pessoas, assumindo em seu lugar a doença, a desgraça e a morte. Crê também que, desde que pague o mesmo preço a Deus e ao destino, poderá salvar outras pessoas da doença e do sofrimento por meio da própria doença e do próprio sofrimento, e arrancá-las da morte através da própria morte. Ou ainda, caso não consiga na terra uma salvação, a criança acredita que, perdendo a vida como seus entes queridos que faleceram, os reencontrará por meio da própria morte.

### **O AMOR QUE CURA**

Quando existem esses enredamentos, a cura e a salvação estão fora dos limites de uma pura intervenção médica e terapêutica. Elas exigem um ato religioso, uma conversão a uma realidade maior que ultrapasse o pensamento mágico e o desejo mágico, tirando o poder deles. Esse algo maior, contraposto à promessa enganosa do céu, seria a terra. Quem afirma a terra, afirma tanto a plenitude dela, quanto o seu princípio e o seu fim. Às vezes, o médico ou o terapeuta pode preparar e apoiar esse ato. Mas ele não está em seu poder. Não resulta de um método da mesma forma como um efeito resulta de uma causa. Este ato, quando é bem-sucedido, exige o extremo e é vivenciado como uma graça.

### **A DOENÇA COMO EXPIAÇÃO**

Uma outra dinâmica que provoca doenças, suicídios, acidentes e mortes, é o desejo de expiar pela culpa.

Às vezes, um fato que foi obra do destino sem possibilidade de interferência, por exemplo, um aborto espontâneo, uma doença, uma deficiência ou a morte prematura de uma criança, é encarado como uma culpa. O que ajuda, nesse caso, é olhar os mortos com amor, expor-se à dor e deixar em paz o que passou.

Se, por obra do destino, acontece a uma pessoa algo que causa prejuízo a outros e proporciona a essa pessoa uma vantagem, a salvação ou a vida, isso é igualmente sentido como culpa: por exemplo, quando a mãe morre ao dar à luz essa criança.

Entretanto, pode existir também uma culpa real de responsabilidade de uma pessoa, por exemplo, quando ela, sem necessidade, entregou ou abortou um filho ou quando, sem consideração, exigiu de alguém ou lhe causou algo mau.

Muitas vezes, a culpa imposta pelo destino ou a culpa pessoal precisa ser apagada pela expiação, na medida em que a pessoa paga com danos próprios pelos danos que infligiu a outros, “descontando” a culpa por meio da expiação, de modo a compensá-la.

Por mais danosos que sejam esses atos para todos os envolvidos, eles também são incentivados por doutrinas e modelos religiosos, por exemplo, pela fé no sofrimento e na morte redentora, e na purificação do pecado e da culpa pela autopunição e pelo sofrimento externo.

### **A COMPENSAÇÃO POR MEIO DA EXPIAÇÃO TRAZ SOFRIMENTO DUPLO**

A expiação satisfaz nossa necessidade de compensar. Mas o que realmente se consegue quando se procura reparação por meio de uma doença, de um acidente ou da morte? Pois então haverá dois prejudicados em vez de um ou dois mortos e não apenas um. Pior ainda: para as vítimas da culpa, a expiação duplica o dano e a infelicidade, porque sua desgraça alimenta outra desgraça, seu dano provoca novos danos e sua morte acarreta outra morte.

Existe algo mais a considerar. A expiação é um recurso fácil. Assim como no pensamento mágico e na ação mágica, a salvação do outro resulta exclusivamente da desgraça própria, de modo que o sofrimento assumido basta para a salvação da outra pessoa. O mesmo acontece com a expiação. Apenas o sofrimento e a morte são considerados suficientes, sem que se encare a relação e sem que a outra pessoa seja percebida; sem que, com ela diante dos olhos, a dor pela sua desgraça seja sentida; e sem necessidade de fazer, com o consentimento e a bênção dessa pessoa, algo de bom pelos outros.

Na expiação a pessoa também paga com a mesma moeda: Também aí a ação é substituída pelo sofrimento, a vida pela morte e a culpa pela reparação. Também aí o sofrimento e a morte são considerados suficientes, sem ação e sem realização. E, da mesma forma como as frases “Antes eu do que você” e “Eu sigo você”, quando levadas a efeito, apenas aumentam a desgraça, o sofrimento e a morte, a reparação, uma vez consumados, produzem os mesmos efeitos.

Uma criança cuja mãe tenha falecido em seu nascimento, sente-se permanentemente culpada em relação a ela, porque a mãe pagou por sua vida com a morte. Ora, quando o filho expia por isso, querendo ficar mal, recusando-se a assumir sua vida, embora ela tenha custado a vida de sua mãe, ou até mesmo cometendo suicídio em ato de reparação, a desgraça é duplamente pesada para a mãe, pois o filho não assumiu a vida que ela lhe deu. O amor dela e sua disposição de dar tudo ao filho são desconsiderados por ele. Sob esse aspecto, sua morte foi inútil e, o que é pior, em vez de vida e felicidade, provocou uma nova desgraça. Em vez de morrer uma única pessoa, morrem duas.

Quando queremos ajudar um filho assim, precisamos ter em mente que, além do desejo de expiação, ele tem também outro desejo: “Antes eu do que você” ou “Eu sigo você”. Assim, só podemos lidar curativamente com o desejo funesto de reparação quando conseguimos também, por meio dessas duas frases, a solução da cura.

## **A COMPENSAÇÃO ATRAVÉS DO TOMAR**

### **A VIDA E DA AÇÃO RECONCILIADORA**

Qual seria para esse filho a solução que convém a ele e à sua mãe? Ele precisa dizer: “Querida mamãe, se você já pagou um preço tão alto por minha vida, que isso não tenha sido em vão. Farei dela algo de bom em sua memória e em sua homenagem”.

Então o filho tem que agir, em vez de sofrer. Precisa realizar, em vez de fracassar, precisa viver, em vez de morrer. Assim ficará unido à mãe de uma forma bem diferente do que seguindo-a na desgraça e na morte.

Quando o filho permanece simbioticamente unido à mãe, liga-se a ela de uma forma cega e inconsciente. Quando, porém, em memória da mãe e de sua morte, realiza algo que promove a vida, quando assume sua vida e dá algo dela a outras pessoas, une-se à mãe de uma forma diferente. Vê-se com amor na presença dela. Ao tomar sua vida e preenche-la dessa maneira, ele tem a mãe diante dos olhos e a leva no coração. Então fluem da mãe para o filho bênçãos e força, porque ele faz de sua vida algo especial.

Ao contrário de compensar com a reparação, que é uma forma de compensar com algo funesto, com o dano e a morte, essa seria uma forma de compensar com o bem. Ao contrário da compensação pela expiação, que é um recurso fácil que tira e prejudica sem reconciliar, a compensação pelo bem é custosa. Entretanto, ela traz bênçãos e contribui melhor para que a mãe e o filho se reconciliem com seus destinos. Pois o bem que esse filho realiza em memória de sua mãe acontece por intermédio dela. Através do filho ela tem parte nisso, continuando assim a viver e a atuar.

Essa compensação, à diferença de uma compensação mágica, seria adequada à terra. Ela resulta da percepção de que nossa vida é única e que, ao extinguir-se, ela abre lugar para quem chega; mesmo

depois de perecer, ela nutre a vida presente.

## **A EXPIAÇÃO É UM SUBSTITUTO PARA O RELACIONAMENTO**

Por meio da expiação, evitamos expor-nos ao relacionamento. Tratamos então a culpa como se fosse uma coisa e pagamos pelo dano com algo que nos custa. Mas que efeito faz uma tal expiação quando cometi uma injustiça contra uma pessoa, causei-lhe uma desgraça ou danos irreparáveis ao seu corpo ou à sua vida? Buscar alívio pela reparação, prejudicando-me, é algo que só posso fazer quando perco de vista a outra pessoa. Quando a tenho diante dos olhos, sou forçado a reconhecer que quero anular pela expiação algo que necessariamente permanece.

Isso também precisa ser considerado no caso de uma culpa que envolva responsabilidade pessoal. Frequentemente, para expiar por um aborto ou pela perda de um filho, uma mãe contrai uma doença grave ou abandona a relação com o pai da criança e renuncia a um novo relacionamento.

A expiação por uma culpa pessoal acontece, no mais das vezes, de forma inconsciente, a despeito de sua negação ou explicação.

Às vezes, junto com a necessidade de expiar, aparece nas mães o desejo de seguir o filho morto, da mesma forma como um filho quer seguir a mãe morta. Entretanto, podemos supor que mesmo um filho que tenha morrido por culpa da mãe diga a ela: “Antes eu do que você”. Nesse caso, se a mãe adocece e morre como expiação, a morte da criança por amor a ela terá sido inútil.

Também no caso de uma culpa pessoal, a solução consiste em substituir a expiação por um ato de reconciliação. Isto acontece quando olho nos olhos da pessoa contra quem cometi uma injustiça ou de quem exigi algo mau. Por exemplo, a mãe de uma criança que ela abortou, negou ou abandonou, olha como que de frente para essa criança e lhe diz: “Sinto muito”, e “Eu lhe dou um lugar em meu coração”, e “Eu vou consertar isso, da maneira que puder”, e ainda: “Você irá participar do bem que farei em sua memória e com você diante dos olhos”.

Então a culpa não terá sido em vão, pois o bem que a mãe — ou quem quer que seja — realiza em memória dessa criança, acontece com a criança e por intermédio dela. A criança participa disso e, por algum tempo, permanece em ligação com a mãe e com as ações dela.

### **NA TERRA A CULPA PASSA**

A despeito da culpa, é preciso ter em vista uma outra coisa: ela passa, e precisa ter o direito de passar. Só diante do céu é que existe uma culpa eterna. Na terra a culpa é passageira. Como tudo nela, depois de algum tempo, também a culpa cessa.

### **A DOENÇA COMO EXPIAÇÃO EM LUGAR DE OUTROS**

A culpa e a expiação também são frequentemente assumidas por outras pessoas na família e no grupo familiar. Também em relação à culpa e à expiação, um filho ou um parceiro podem dizer: “Antes eu do que você”. Eles assumem a culpa e suas consequências quando outras pessoas se recusam a isto.

Num grupo, uma mãe contou que se negou a acolher a mãe idosa em sua casa. Em vez disso, entregou-a num asilo de velhos. Na mesma semana, uma de suas filhas ficou anoréxica. Ela se vestiu de preto e passou a visitar um asilo duas vezes por semana, para cuidar de pessoas idosas. Ninguém, nem sequer a própria filha, percebeu na época a conexão entre os dois fatos.

### **A DOENÇA COMO CONSEQUÊNCIA DA RECUSA DE TOMAR OS PAIS**

Uma outra atitude que leva a doenças graves é a recusa de um filho em tomar amorosamente seus pais e honrá-los como filho. Tais filhos colocam-se acima da terra porque, tendo diante dos olhos o céu ou outra coisa elevada, acham-se melhores e escolhidos. Há doentes de câncer que às vezes

preferem morrer a fazer uma reverência a suas mães ou a seus pais.

### **HONRAR OS PAIS É HONRAR A TERRA**

Quem crê no céu acredita que, com a ajuda dele, pode pairar acima da terra e acima dos pais. Honrar os pais é honrar a terra. Honrar os pais significa tomá-los e amá-los como são. E honrar a terra significa tomá-la e amá-la como ela é: com a vida e a morte, a saúde e a doença, o início e o fim. Isso, porém, é o ato religioso propriamente dito, antigamente denominado devoção ou adoração. Nós o vivenciamos como um despojamento extremo que tudo toma e tudo dá - com amor.

### **As faces do amor**

Com o amor começamos muito embaixo, já no seio de nossa mãe. Na unidade com ela sentimos seu amor. Sentimos como nos ama quando ela acaricia o seu ventre. Ouvimos sua voz quando nos fala com amor ou quando fala de nós a outras pessoas.

Como constituímos uma unidade com ela, percebemos imediatamente quando ela ama outras pessoas e como as ama — por exemplo, nosso pai. Ao mesmo tempo, percebemos os outros sentimentos dela, por exemplo, seus medos e suas preocupações. Percebemos seus sentimentos de culpa e quando ela está irritada com outras pessoas. Participamos de sua vibração na alegria e na dor.

Também respondemos a ela, por exemplo, com nossos movimentos. Assim começa uma brincadeira precoce com ela. Por intermédio dela começamos também a brincar com o ambiente que nos espera depois de nosso nascimento.

Assim, vivenciamos muito cedo um mistério fundamental da vida. O amor acontece num vai-e-vem. Mais exatamente: primeiro ele vem, depois ele vai.

O mesmo acontece com a vida. Primeiro ela vem, depois responde. Nossa vida está ligada a um movimento que vem e vai. Contudo, de forma rudimentar, com todo o seu ser. Nesse sentido a vida é amor.

Depois do nascimento precisamos construir, com nossa vida e com nosso amor, um espaço intermediário. O amor provém de um oponente e vai para um oponente; em primeiro lugar, para a mãe.

Esse amor é pele-a-pele, principalmente quando a mãe toma a criança ao peito e a amamenta. Ao mesmo tempo mãe e criança olham-se com ternura.

Esse amor flui de diversas maneiras de um lado para outro. Inicialmente, como nutrição. A criança continua a viver da mãe. Com o leite ela recebe a mãe em si e cresce por intermédio dela.

Como responde a criança a esse amor? Ela o toma enquanto mama no colo da mãe e depois adormece, satisfeita.

Ao mesmo tempo, a criança permanece, de muitas outras maneiras, em contato corporal com a mãe. Ela é enrolada, vestida, limpa, colocada na cama, acariciada e carregada. Outras pessoas se aproximam dela, principalmente o pai, depois os avós, os tios e tias e os irmãos mais velhos.

Dessa maneira a criança sente-se ligada à sua família e unida a ela. Quando vê seus familiares, responde ao amor deles com o olhar e, algum tempo depois, com um sorriso.

Quando a criança chora, precisando de alguma coisa, logo vem alguém para acalmá-la e ajudá-la.

O amor é uma troca íntima com um número crescente de pessoas. A criança vivência esse amor, sobretudo, enquanto o toma. Ela recebe o que precisa. Responde a esse amor enquanto procura a proximidade dos outros e se aconchega a eles. Cada vez mais, o amor também sai dela, e os outros

lhes respondem.

Além dos seres humanos, esse amor se dirige ao ambiente em torno. Inicialmente aos animais: por exemplo, a um cachorro, um gato, um pássaro. Numa fazenda ele se dirige a muitos outros animais: por exemplo, a um cavalo, especialmente um pônei, a uma cabra, uma ovelha, um coelho, um pintinho. Aqui também o amor transita num vai-e-vem e dessa maneira se enriquece.

A criança aprende a cuidar dos animais. Aprende a observá-los, a dar-lhes comida, a acariciá-los. Sente o amor deles quando, à sua maneira, tentam acariciá-la, por exemplo, saltando sobre ela e lambendo-a.

A criança vai explorando sempre mais o seu ambiente. Ela observa uma rã, chega a imitá-la, apanha um besouro e deixa-o voar. Na interação com o seu ambiente, ela constitui uma unidade com ele.

Entretanto, depois de algum tempo, a criança sempre retorna à sua mãe e a seu pai. Ela volta para casa.

Nessa primeira idade, a criança aprende, principalmente, a brincar com outras crianças. Numa constante interação, que envolve brigas e separações, aprende a reconciliar-se com elas.

A primeira infância, aproximadamente até os cinco anos, é um tempo cheio de experiências básicas do amor em seu rico vai-e-vem, e também com suas provocações.

Quanto disso ainda perdura para nossa vida ulterior? Quanto desse intensivo vai-e-vem do amor ainda permanece vivo em nós? Podemos reviver essas experiências? Onde aconteceu uma ruptura? O que expulsou para o segundo plano e encobriu essas experiências precoces?

Foi, quase sempre, uma separação prematura, principalmente uma separação da mãe que não pôde ser evitada, fossem quais fossem as circunstâncias: por exemplo, devido a uma doença mais longa da mãe, talvez mesmo por sua morte prematura. Ou quando a criança precisou estar por longo tempo em outro lugar, ou ainda quando foi dada a outros. Com isso desabou para a criança o mundo originalmente seguro do amor; seu confiável vai-e-vem cessou amplamente.

Como qualquer outro trauma, também esse é resolvido quando o movimento, interrompido naquela época, for retomado e conduzido à sua meta.

Esse é um processo interior. Ele se consegue por meio de um deslocamento da atenção. Em vez de olhar para as imagens dessa separação, que armazenamos em nós, e para os sentimentos que a acompanharam, revivemos as outras imagens anteriores e os sentimentos a ela associados, de uma felicidade sem turvação.

Depois disso refazemos interiormente o caminho para a mãe, como a criança de então. Retornamos ao amor original, ao tomar e dar e à felicidade original.

A partir daí podemos ver com outros olhos os anos posteriores da infância, que foram oprimidos pelas imagens da separação.

Quantas pessoas vieram a nós nesses anos, com ajuda e amor? Como respondemos ao amor delas com nosso amor? Quão rico em amor foi também esse tempo? Quão rico ainda é para nós, quando o retomamos em nossa memória e em nosso coração?

O mesmo vale para a juventude quando, passo a passo, procuramos tornar-nos autônomos e nos separamos por mais tempo de nossa família, já então com um claro objetivo diante dos olhos, do que queríamos tornar-nos mais tarde.

Para onde se orientou esse desenvolvimento, primeiro como uma tentativa e depois com mais

intensidade? Todo amor que até então vivenciamos, inclusive com suas provações, visava o amor com um parceiro por toda vida.

O tomar e o dar alcançam aqui uma outra dimensão. Omito aqui essa dimensão, pois seus rostos olham para longe, criadoramente longe. Olho nessa direção com veneração, sem medi-la.

Lá na distância brilha um primeiro amor. Em sintonia com ele, respiramos, junto com o amor que pensou em nós com amor e nos chamou a esta vida. Só esse amor preenche e completa. No mesmo ritmo com ele, pulsa a nossa vida e pulsa nosso coração, mesmo para além desta vida.

Esse amor ama tudo, tal como é, o pequeno e o grande, o início e o fim. Ele nos ama do mesmo modo como ama a todos. Nós lhe respondemos enquanto existimos, amando, presentes com todos, retornando a esse amor com tudo o que existe conosco.

## **Pensamentos de paz**

### **PAZ PARA OS MORTOS**

Os mortos, em sua maioria, estão em paz. Toda preocupação com eles, todo pensamento neles prejudica sua paz. Eles já transcenderam isso.

Tenho uma imagem sobre a vida. A vida é um intervalo entre o que era antes e o que será depois. Assim, os que não nasceram e os que se completaram estão igualmente acolhidos. Quando alguém quer alcançá-los, por exemplo, quando quer ainda colocar algo em ordem com eles porque se sente culpado a seu respeito, eles não entendem isso.

Entretanto, percebemos que alguns mortos continuam atuando sobre o presente. Ainda não estão em paz. Às vezes eles se prendem aos vivos e os atraem para a morte. Esses mortos precisam de ajuda. Parece que não sabem que estão mortos. Ainda buscam nutrição entre os vivos e os sugam. Envolver-se com eles e ceder a eles é perigoso.

Como podemos esquivar-nos deles? — Esquivamo-nos deles pela pura realização. Em sua presença, dissolvemo-nos, por assim dizer, numa pura relação, de modo que nada reste em nós a que possam prender-se. Nessa pura relação, ficamos totalmente permeáveis, afastamos dos mortos o nosso olhar, dirigindo-o para uma obscuridade misteriosa, em cuja presença permanecemos recolhidos. Isso faz com que também os mortos se voltem na mesma direção, afastando-se dos vivos. Permitimos que eles se dissolvam naquilo que Richard Wagner chama de bendito esquecimento.

Onde começa a paz? - Onde cessa a lembrança. Entrar nesse esquecimento é o mais profundo anseio de todos.

Nesse assunto ousei ir longe demais. O que importa aqui, porém, é apenas perceber quais movimentos são possíveis e que efeitos produzem em minha alma e na alma das outras pessoas. Qual é a pior coisa para os mortos? — Serem lembrados. Não no começo, quando a lembrança é ainda viva. Mas morrer é, manifestamente, um processo de lenta dissolução. Não podemos opor-nos a essa dissolução, por exemplo, com nossa lembrança.

A biografia de uma pessoa falecida interfere nesse processo. Toda acusação, toda censura, todo luto prolongado interfere nesse processo.

Algum tempo atrás, consultei um livro para ler algo sobre as cruzadas. Subitamente notei que, se continuasse a ler, impediria a paz dos perpetradores e das vítimas. Então fechei o livro.

O esquecimento é uma forma muito elevada de amor.



Quem está melhor entre os mortos? Quem é que consumou sua morte e descansa na paz eterna? —

Aqueles a quem deixamos que sejam esquecidos.

Podemos também imaginar o que sucede conosco se morremos e somos lembrados, ou se morremos e somos esquecidos. Onde estará a consumação?

Depois de algum tempo, todos os mortos têm o direito de ser esquecidos.

Às vezes ainda existe um obstáculo. Eles esperam que os respeitemos, que talvez ainda lhes agradeçamos e façamos luto por eles. Somente então ficam livres de nós, e nós ficamos livres deles.

## **BÊNÇÃO E MALDIÇÃO**

A bênção vem de cima e flui para baixo. Ela nos vem de alguém que está mais alto que nós. Tais são, em primeiro lugar, nossos pais. Ao abençoarem os filhos, os pais estão profundamente conectados com o fluxo da vida. Sua bênção acompanha a vida que transmitiram aos filhos. Do mesmo modo que a vida, a bênção vem de um passado muito anterior aos pais. Como a vida, a bênção é a transmissão de algo sagrado, que primeiro nós mesmos recebemos.

A bênção é um *sim* à vida. Ela a protege, acrescenta e acompanha. Ao mesmo tempo, entrega a pessoa abençoada ao que lhe pertence, à sua própria plenitude. Por intermédio dela, a bênção e a plenitude continuam a fluir para outras pessoas: por exemplo, para o próprio parceiro, os filhos, os amigos. E derramam-se sobre as próprias ações que apoiam e defendem amplamente a vida.

Assim os pais abençoam os filhos quando estes saem de casa. Os pais ficam, e os filhos são entregues a si mesmos. Mesmo quando os pais se despedem de seus filhos, por exemplo, quando morrem, eles abençoam seus filhos e seus netos. Sua bênção os mantém unidos a eles.

Só tem o poder e o direito de abençoar quem tenha sido, por sua vez, abençoado, e esteja em sintonia com a realidade maior. Ele apenas transmite o que recebeu, e somente a quem ele próprio se abriu. Por isso, abençoar é um gesto humilde. Apenas quando é humilde produz o efeito de trazer novas bênçãos.

O contrário da bênção, sua sombra, por assim dizer, é a maldição. Pela maldição alguém deseja o mal a outra pessoa, quer prejudicar sua vida ou até mesmo destruí-la.

Assim como a bênção deseja o bem, não só para o abençoado, mas também para os seus descendentes, quem amaldiçoa uma pessoa frequentemente quer atingir não apenas a ela, mas também os seus filhos.

Muitas vezes alguém deseja o mal a outras pessoas e a seus filhos quando cometeram contra ele alguma injustiça, ou quando pensa que lhe foi feita uma injustiça. Quando essa pessoa está irritada com razão, precisa ser reconciliada. Por exemplo, o agressor precisa reconhecer a injustiça e pedir ao outro que volte a ser benévolo. Isso se consegue mais facilmente quando se pede ao ofendido que também olhe com benevolência para os filhos dessa pessoa e lhes queira bem. Por outras palavras, que os abençoe.

Às vezes, percebemos também em nós que desejamos o mal a outros e nos recusamos a desejar-lhes o bem. Isso se manifesta em pequenas coisas: por exemplo, quando fazemos objeção a algo que promove outros ou os torna felizes. Com a objeção prendemos essa pessoa a nós, em vez de deixá-la livre para sua vida e sua plenitude.

Como podemos lidar com isso? Podemos exercitar-nos em ser uma bênção. Por exemplo, no final do dia, ou no final de um encontro com outros, podemos perguntar-nos: “Hoje — ou nessa ocasião — fui uma bênção?” Então nos sentimos a cada dia mais ricos, abençoando e sendo abençoados.

Muitas vezes algumas pessoas desejam o mal a outras sem que estas lhes tenham feito algum mal. De repente, alguém se sente exposto a uma animosidade contra a qual não pode defender-se.

Nem pode desfazê-la por alguma ação sua, pois talvez nem mesmo conheça essas pessoas.

Como pode alguém proteger-se em sua alma para evitar que essa má vontade o desgaste em sua vida, o prejudique, talvez lhe cause uma doença e roube sua vontade de viver?

Ele recorre à fonte da vida, abre-se à sua plenitude e à sua força, deixa que essa fonte flua através dele, com força bastante para chegar também aos que limitam essa vida e, de certa maneira, lutam contra esse fluxo. Assim fazendo, ele responde com bênçãos a essa maldição.

#### **AMOR TAMBÉM PELOS PERPETRADORES**

Perpetradores somente se compadecem quando são amados. As campanhas que se fazem constantemente na Alemanha e na Áustria contra os perpetradores do Terceiro Reich, em termos de: “Isso não pode voltar a acontecer jamais”, produzem frequentemente o resultado oposto. Enquanto também os perpetradores não receberem um lugar em nosso meio e em nosso coração, como seres humanos iguais a nós, o mal, o mal deles ainda terá força. Quanto mais forem rejeitados, tanto mais o mal se reforçará.

Quando os acolhermos, eles poderão ser humanos como nós. Somente então poderão fazer o luto, somente então poderão assumir as consequências. Não antes.

A esse respeito há mais uma coisa a ponderar. Sob o influxo de nossa consciência, distinguimos entre bons e maus. Os bons somos nós os maus são os outros. Do outro lado, os outros pensam da mesma maneira: nós somos os bons, os outros são os maus. Aqui também é desastroso imputar a certos indivíduos a responsabilidade por eventos terríveis como o holocausto e a última guerra mundial, com todos os crimes ali cometidos. Imaginamos que, se educarmos nossos filhos de um modo diferente, algo semelhante jamais voltará a acontecer. A superação do passado é entregue à responsabilidade e à força de indivíduos, como se eles tivessem a força para isso. Agindo assim desconhecemos totalmente o impacto de eventos históricos que, por assim dizer, tomam de assalto um povo inteiro e o força a algo que para os indivíduos é praticamente inevitável. Para os alemães e austríacos isso foi inevitável. Ninguém poderia ter detido esse processo.

Também para o povo judeu isso foi inevitável. Ninguém poderia ter detido ou paralisado o processo. Todos estavam entregues a um poder maior.

Enquanto não encararmos esse poder maior e não o reconhecermos em seu horror, enquanto não nos curvamos diante dele e não nos submetemos a ele, não haverá solução. Assim, a solução neste caso é, em última análise, um ato religioso.



A chave da reconciliação entre perpetradores e vítimas pertence às vítimas. Os perpetradores são impotentes até que venha, a partir das vítimas, esse movimento que lhes permita mover-se também. Por si sós, eles não conseguirão.

Aqui há outra coisa a ponderar. As vítimas que morreram não encontram paz, até que tenham dado aos perpetradores mortos um lugar a seu lado. Essa reconciliação se opera entre os mortos, não entre os vivos. Estes não podem intrometer-se nisso.

Quando, na qualidade de sobreviventes e de descendentes, reconhecermos que não temos o direito de intrometer-nos nesse processo e que temos de deixar que ele se desenrole entre os mortos, poderemos mais facilmente livrar-nos desse passado.



Enquanto tomarmos o partido de uns contra os outros, impediremos a reconciliação. O que fazemos

quando pensamos nas comemorações oficiais pelas vítimas da última guerra, e o que precisamos fazer quando as pessoas se manifestam a esse respeito? Somos incentivados a tomar partido contra os maus e a favor das vítimas. O que resulta disso? Os perpetradores e as vítimas não podem reconciliar-se porque, com nosso julgamento e nossa maneira de recordar, nós nos interpomos entre eles.

O movimento de cura em nossa alma, para alcançar a paz, seria concordar com ambos os lados, concordar com o destino deles, tal como foi, como perpetradores ou como vítimas. Concordar com ambos os lados, simultaneamente. Então também reconciliaremos em nós o lado assassino — nosso próprio impulso assassino — e a dor que sentimos como vítimas. Ambas as coisas ao mesmo tempo. O humano só se completará quando ambos os lados se reconciliarem.

## **O FIM DA VINGANÇA**

Proponho ainda um pequeno exercício. Fechemos os olhos e nos recolhamos ao nosso centro. Deixando o nosso corpo, vamos até o reino dos mortos e olhemos para os mortos de nossa família.

Olhemos por cima deles, para os milhões que morreram — assassinados, desonrados ou mortos de fome. Ali jazem todos. Ao lado deles jazem os perpetradores que os assassinaram, desonraram ou deixaram morrer de fome.

Ali jazem também os mortos da guerra. São tão numerosos! Os soldados mortos e os mortos da população civil. Os muitos que foram assassinados, que foram condenados a morrer de fome, que foram desonrados. Todos mortos. Também jazem ali os inimigos que os mataram, os soldados de ambos os lados. Todos mortos. Todos iguais. Nenhum melhor. Nenhum pior. Todos mortos. Um imenso exército de mortos.

Ao longe, por trás da linha do horizonte, aparece uma luz branca, ainda abaixo do horizonte. Só vemos o seu clarão. Os mortos se levantam, voltam-se na direção dessa luz e todos fazem uma profunda reverência, as vítimas mortas e os perpetradores mortos. Nós os acompanhamos nessa reverência. Todos se inclinam devotamente diante dessa luz que permanece meio oculta.

Enquanto os mortos continuam em sua reverência, nós nos erguemos, retrocedemos e deixamos os mortos entregues a si mesmos, as vítimas e os perpetradores. Afastamo-nos cada vez mais, até que desaparecem de nossa vista. Então nos viramos, voltamos à vida e olhamos para o futuro.

Então cessa toda vingança.

## **O ESPÍRITO E O ESPIRITUAL**

Às vezes, quando utilizamos o espírito, agimos como se ele estivesse à nossa disposição. Às vezes, quando simplesmente vegetamos e trabalhamos, descobrimos algo: por exemplo, uma lei, uma ordem. Então pensamos ter descoberto algo especial. E de fato o fizemos, de uma certa maneira temporária.

Porém, o espírito não se orienta por nossas descobertas. Não podemos apelar para o espírito ou para o espiritual quando colocamos em prática o que descobrimos, como se isso fosse a verdade ou o definitivo.

Quando cessa a evolução, cessa a vida. Quando termina a mudança, termina a vida. Quando cessam as novas luzes, ficamos paralisados.

Portanto, nós nos abrimos ao espiritual à medida que deixamos para trás de nós o passado. Se não for assim, o velho perturbará o novo. Por isso é necessária uma permanente abertura às surpresas.

Foi errado o que veio antes? Foi errado o primeiro passo num caminho, porque não nos levou imediatamente à meta? O primeiro passo é tão importante quanto o último. Todos têm seu lugar. Contudo, o melhor é sempre o próximo passo.

## O ÚLTIMO LUGAR

Quando olhamos para nossos antepassados, para as muitas gerações através das quais a vida nos alcançou, ocupamos o último lugar. Esse é o lugar para onde tudo flui conjuntamente. Toda plenitude que se acumulou através de muitas gerações chega a nós porque estamos embaixo e permanecemos embaixo. O último lugar é, por conseguinte, um lugar de plenitude.

Alguns julgam que ainda precisam fazer algo por seus antepassados, que ainda precisam expiar algo por eles. Então procedem como se os antepassados ainda precisassem de nós. Querem inverter a corrente da vida, de modo que ela flua, por assim dizer, de baixo para cima.

Algumas pessoas querem vingar seus antepassados, querem defender os direitos deles ou reparar injustiças que sofreram, como se lhes faltasse alguma coisa. Então nos erguemos acima deles e acima de seu destino, e perdemos algo de nosso destino e de nossa vida. Em vez de tomar e segurar nossa vida, nós a sacrificamos aos nossos mortos. Essa é, naturalmente uma estranha ideia.

Nossos antepassados estão consumados. Somente nós aguardamos ainda nossa consumação. Por isso, é importante que nós, que ocupamos o último lugar, deixemos que o que existiu antes de nós seja consumado e passado.

Alguns pensam também que receberam de seus antepassados uma obrigação: por exemplo, a de administrar sua herança. Então nos comportamos como se, além da vida que recebemos deles, houvesse algo mais a que devêssemos sacrificar uma parte de nossa vida. Assim fazendo recusamo-nos a assumir plenamente nossa vida em sua totalidade.

Portanto, quando vemos nossos antepassados somente como as pessoas através das quais a vida fluiu sobre nós, e quando olhamos somente para esta vida e esquecemos tudo o mais, ficamos de repente no último lugar imediatamente antes da origem da vida, da causa da vida, sem que nada mais interfira. Ali ocupamos, como todos os outros seres humanos, o último lugar e, simultaneamente, o primeiro.

O último lugar é o lugar do espírito. Quando nos desviamos do espírito, perdemos o último lugar e somos abandonados pelo espírito, até que, por intermédio do mesmo espírito, possamos, talvez, retornar à razão.

## O ECUMENISMO

### Reconciliados

No final deste livro se coloca a pergunta: Que dizer do movimento ecumênico? Que dizer da reunificação das diversas igrejas cristãs? O ecumenismo tem um futuro? O que precisaria acontecer para que ele fosse bem-sucedido?

As igrejas cristãs deveriam abandonar a fé na ressurreição de Jesus dos mortos, bem como a fé em seu retorno. E também, em conexão com isso, a fé na ressurreição corporal de todos os mortos e no Juízo Final com a separação eterna. Deveriam abandonar, sobretudo, aquela imagem de Deus que faz com que os cristãos vivam no constante temor de que também eles poderão estar entre os condenados, de modo que passam a vida preocupados em escapar desse perigo.

O que fazem as igrejas a seus fiéis quando lhes pregam essa fé e esse temor, entregando-os a um constante temor e tremor!

Como parecem secundárias, em comparação com essa tarefa, muitas tentativas ecumênicas de aproximar as igrejas, por exemplo, por meio de uma formulação da doutrina da justificação que seja partilhada por todas.

O que realmente se espera e se cobra das igrejas cristãs?

Exige-se das igrejas cristãs que se despeçam juntas daquele Deus quem também Jesus foi sacrificado. Exige-se delas a despedida daquele Deus que pode ser ofendido e que exige de todos os seres humanos que se tomem cuidado e façam reparação por toda vida, para escapar da condenação eterna. Portanto, exige-se das igrejas a apostasia de uma imagem de Deus que não pode ser concebida de modo mais insensato e, junto com essa imagem de Deus, a despedida do céu e a conversão da terra, tal como ela é.

Essa imagem é uma imagem futura. Poderão as igrejas defrontar-se com ela? Como se comportam diante de seus fiéis quando continuam a anunciar-lhes esse Deus, e Jesus como ressuscitado e devendo retornar Como permanecem essas igrejas no amor de Jesus?

## **A HUMILDADE**

A humildade permanece num plano inferior. Como permanece embaixo, fica em ampla sintonia com aquele poder criador, que não conhece distinções porque é originariamente unido a tudo. De que outra maneira poderia algum ser subsistir sem que fosse mantido e querido por esse poder? Todas as oposições, tudo aquilo que gostaríamos que fosse diferente, inclusive nossos descaminhos, com suas consequências, tudo isso é querido pelo poder criador: todo nascimento e toda morte, todo o antigo e todo o novo. A humildade se conforma com tudo que vem, da forma como vem, com o preço que nos custa.

Por isso a humildade acompanha o tempo, tal como ele vem. Ela acompanha o tempo tal como ele foi, sem glorificar ou rejeitar o que passou, pois o que foi, da forma como foi, acompanha o futuro. Isso atua porque existiu da forma como existiu e força o novo a vir, da forma como deve vir. Por essa razão, o novo não envolve lamentação pelo antigo, nem o desejo de que o passado tenha sido diferente do que foi, independentemente das amplas consequências que teve para nós e para o mundo.

Por outro lado, a humildade, que desde sua origem envolve o ânimo de servir<sup>11</sup>, é corajosa, seja o que for que o novo tempo exija do humilde. Como este permanece corajosamente embaixo, sem colocar-se acima do que veio antes, ele não dá ocasião para que se coloquem acima dele os que podem desencorajar seu ânimo. Eles só precisam continuar a descer, até que se tornem uma unidade com a terra, unicamente sustentados por ela.

Um outro aspecto do pensamento e da ação humilde e corajosa<sup>12</sup> é a possibilidade de corrigir um passo errado. Apenas do alto se cai muito fundo.

Isso se aplica igualmente às religiões e às igrejas. Quanto mais próximas da terra elas permanecerem, tanto mais próximas da vida e do amor ficarão.

O que lhes acontece depois que se excederam? Como podem voltar a descer de um modo seguro?

Também nesse particular elas devem permanecer no solo, passo a passo, até que cheguem a um ponto onde se sintam sustentadas pela terra. Com isso elas se verão livres de seus mitos, com ambos os pés no chão, no chão que permanece.

Qual seria aqui para todos a frase libertadora e humilde? Rilke a proferiu para nós:

*Querida terra, eu quero.*

## **A SAUDADE**

Sentimos saudade quando olhamos para trás. Isso acontece comigo quando volto de novo o olhar para as conquistas das igrejas: para seus cânticos, suas altas catedrais, suas obras de arte, suas numerosas

---

11 *Demut* é a humildade, e *Dienmut*, o ânimo de servir. (N.T.)

12 *Demütig* significa humilde, e *mutig*, corajoso. (N.T.)

modalidades de ação social e de ajuda por amor. Essas conquistas pertencem a seus lados grandes e comoventes.

Do outro lado estão sua obstinação, suas perseguições, sua inquisição de muitas maneiras, as riquezas que acumularam, seu fausto e sobretudo suas guerras.

Esses lados podem manter-se em equilíbrio? Ou o lado pesado empurra o leve mais para cima e o mantém ali por algum tempo?

Para muitas pessoas, as igrejas tornaram-se um refúgio, um lar seguro, uma esperança na necessidade. Não obstante, reinava também sobre eles aquele Deus temível, com sua mão erguida.

Posso recordar as igrejas com esse ânimo saudoso? Preciso abandonar tudo isso? Posso levar algo comigo? Existe um passo decisivo que exija de mim uma despedida definitiva? Saudosa no começo e liberadora depois?

### **PASSANDO**

Nada passou, tudo continua a atuar. A pergunta é: como continua a atuar? Repete-se e esgota-se? Desmorona, porque algo novo ocupa o seu lugar? Desmorona por interferências externas, como de um império ou de uma revolução? Ou desaba a partir do interior, a partir de um conhecimento mais amplo e uma nova orientação? Embora desabe, poderá ressurgir, pelo menos por algum tempo? Passará lentamente, como nossa vida, quando o fim demora e ela vai diminuindo até apagar-se?

Às vezes, permanecem admiráveis ruínas daquilo que, dessa maneira, passou e desabou. Nós as admiramos, sem que nos emocionem. Permanecem passadas.

O que vem depois pode colocar-se em seu lugar, como se pudesse durar sem passar? A pergunta vale igualmente para aqueles movimentos que entraram no lugar das igrejas, como os Estados nacionais, a iluminação ou a democracia, com seu movimento pelos direitos humanos e a liberdade de consciência? Ou aqui se evidenciam também seus limites?

Defrontamo-nos com a transitoriedade desses movimentos, sem colocar-nos acima deles, como se já tivessem passado? Sabemos aonde podemos chegar com isso? Permanecemos cautelosos, sem orgulhar-nos? Aqui também permanecemos embaixo?

O que está embaixo também pode passar? Existe nele um movimento para cima, no sentido de vir a ser mais? Podemos deixar que nesse movimento que tudo seja passado, de modo que ganhamos? Que ganhamos tudo?

Resumi em três frases esse movimento. Elas são:

Presentes embaixo.

Totalmente embaixo.

Eternamente embaixo.



Aqui encerro este livro e respiro aliviado. Quando o comecei não sabia aonde ele me levaria. Muita coisa nele me atemorizou no início, porque eu me perguntava se estava exigindo demais de mim e dos outros. Havia muitas coisas em jogo.

Cresci com este livro. Em primeiro lugar, ele me aproximou de mim mesmo, às vezes dolorosamente e, no final, de um modo liberador.

Assim coloco este livro em suas mãos e nas mãos de forças que sustentaram e sustentam todas as coisas, inclusive as igrejas.

## **Outras vozes**

### **O Dalai Lama**

O mais conhecido intérprete do Budismo fez uma surpreendente declaração: que hoje em dia a orientação nas questões éticas não deve ser buscada necessariamente nas religiões. Lê-se em sua página do Facebook:

*“Todas as grandes religiões, que colocam em destaque o amor, a compaixão, a paciência, a tolerância e o perdão, podem promover os valores internos. Entretanto, a realidade de nosso mundo atual é que basear nossa ética em religiões não corresponde mais ao espírito da época. Por essa razão, estou cada vez mais convencido de que chegou o tempo de refletir sobre uma espiritualidade e uma ética que ultrapassem totalmente as fronteiras das religiões.”*

Não vou discutir se outros representantes de sua religião pensam da mesma maneira. Isso revela que o Dalai Lama compreende o Budismo menos como uma religião do que como uma “ciência do espírito.”

Sua declaração é um apelo construtivo para questionar em que medida os valores tradicionais de uma religião possuem validade ainda hoje.

*(Extraído da revista Raum & Zeit)*

### **William Commanda**

William Commanda, um respeitado ancião dos índios Alconquinos no Canadá, foi o convidado de honra num curso meu em Ottawa. Em seguida visitei-o em sua casa, junto com alguns amigos.

Durante a conversa, ele disse de repente: “Em nossa língua não existe nenhuma palavra para “justiça” (*justice*).

Perguntei-lhe: O que vocês fazem com os criminosos? Ele responde “O criminoso é adotado pela família da vítima”.

Fiquei mudo.

William Commanda morreu em 2011, aos 98 anos de idade.

### **Abn Arabi**

Abn Arabi, pensador árabe (1165-1240), dizia durante a época das cruzadas:

*"Que beleza! Um jardim em meio às chamas!*

*Meu coração foi receptivo a todas as formas,*

*quer seja um prado onde pastam gazelas,*

*um convento de monges cristãos,*

*um templo dos ídolos,*

*a Caaba dos peregrinos,*

*as tábuas da Torá*

*ou o livro do Corão.*

*Eu sigo a religião do amor:*

*Seja qual for o caminho do amor que tomem os camelos,*

*Essa é a minha fé."*

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este livro a meu pai Albert Hellinger (1895-1967), com uma carta:

*Querido papai,*

*por muito tempo eu não soube o que me faltava mais intimamente. Por muito tempo, querido papai, você foi expulso de meu coração. Por muito tempo você foi um companheiro de caminho para quem eu não olhava porque fixava meu olhar em algo maior, como me imaginava.*

*De repente, você voltou a mim, como de muito longe, porque minha mulher Sophie o invocou. Ela viu você, e você me falou por meio dela.*

*Quando penso o quanto me coloquei muitas vezes acima de você, quanto medo também eu tinha de você porque muitas vezes você me batia e me causava dores, e quão longe eu o expulsei de meu coração e tive de expulsá-lo, porque minha mãe se colocava entre nós; somente agora percebo como fiquei vazio e solitário, e como que separado da vida plena.*

*Porém, agora você voltou, como que de muito longe, para minha vida, de modo amoroso e com distanciamento, sem interferir em minha vida. Agora começo a entender que foi por você que, dia a dia, nossa sobrevivência era assegurada sem que percebêssemos em nosso íntimo quanto amor você derramava sobre nós, sempre igual, sempre visando a nosso bem-estar e, não obstante, como que excluído de nossos corações. Alguma vez lhe dissemos como você foi um pai fantástico para nós?*

*Você foi cercado de solidão e, não obstante, permaneceu solícito e amoroso a serviço de nossa vida e de nosso futuro. Nós tomávamos isso como algo natural, sem jamais honrar o que isso exigia de você.*

*Agora me vêm lágrimas, querido papai. Eu me inclino diante de sua grandeza e tomo você em meu coração. Tanto tempo você esteve como que excluído do meu coração. Tão vazio ele estava sem você.*

*Também agora você permanece amigavelmente a uma certa distância de mim, sem esperar de mim algo que tire algo de sua grandeza e dignidade. Você permanece o grande como meu pai, e tomo você e tudo que recebi de você, como seu filho querido.*

*Querido papai,*

*Seu Toni (assim eu era chamado em casa)*

## BIOGRAFIA

Anton Hellinger, nascido em 1925 e conhecido por muito tempo pelo nome de Bert, entrou aos 20 anos na Ordem católica dos Missionários de Marianhill. Estudou Filosofia e Teologia na Universidade de Würzburg, tornou-se sacerdote e posteriormente foi enviado à diocese de Marianhill na África do Sul. Na África do Sul fez uma ulterior formação na Universidade de Natal e na University of South Africa, que completou com um diploma em Educação Universitária.

Em seguida foi engajado pela diocese de Marianhill na cura de almas e mais tarde como diretor de uma escola pioneira para nativos da África do Sul. Na África do Sul familiarizou-se com a Dinâmica de Grupos, que aplicou com sucesso na escola.

Depois de 16 anos da África do Sul, foi chamado de volta à Alemanha por sua ordem religiosa e dirigiu em Würzburg o seminário para formação sacerdotal dos missionários de Marianhill.

Dois anos depois, abandonou a Ordem e também o sacerdócio. Começou uma formação em Psicanálise, que concluiu como psicanalista reconhecido pelo Estado. Ao mesmo tempo, começou a oferecer seminários de Dinâmica de Grupos, que ampliou, passo a passo, com os métodos em que começou uma diversificada formação pessoal.

Esses métodos incluíram principalmente a Análise Transacional segundo Eric Berne, a Hipnoterapia segundo Milton H. Erickson e a Terapia Primal segundo Arthur Janov.

Apenas em 1979 conheceu o método das Constelações Familiares, ao qual desde então seu nome ficou principalmente associado. Por meio de suas luzes sobre as "ordens do amor" - título de seu primeiro livro - tornou o método das Constelações Familiares universalmente conhecido, demonstrando-o em grandes cursos.

Essas luzes são de natureza filosófica. Bert Hellinger as obteve por meio de uma ampla aplicação do método filosófico da fenomenologia. Como resultado da aplicação intensiva desse método, apareceram, desde alguns anos, muitos livros seus sobre sabedoria de vida aplicada. O livro que vocês têm em mãos é o último dessa série.

### **Endereços**

Loja online

[www.hellinger-shop.com](http://www.hellinger-shop.com)

Home page

[www.hellinger.com](http://www.hellinger.com)

E-mail:

[info@hellingerschule.com](mailto:info@hellingerschule.com) Aprendendo com Bert Hellinger

Em seu site [www.hellinger.com](http://www.hellinger.com) podem ser encontrados todos os seminários de Bert Hellinger e de sua Escola Hellinger, realizados em diversas partes do mundo.

# AS IGREJAS E O SEU DEUS


BERT HELLINGER

Este livro se lê como uma palavra final.  
Leva algo a seu termo  
que há longo tempo estava a caminho  
no pensamento e na ação de Hellinger.  
Isso encontra aqui sua formulação precisa,  
e, ao mesmo tempo,  
conduz a um outro mundo de amor  
e a uma outra consciência:  
uma consciência destemida.

ISBN 85-98540-76-4



ATMAN

 EDITORA ATMAN - [editora@atmaneditora.com.br](mailto:editora@atmaneditora.com.br) - [www.atmaneditora.com.br](http://www.atmaneditora.com.br)